



Departamento de História

Dinamizar e preservar a memória: proposta de quiosque multimédia

Ana Maria dos Santos Dias

Trabalho de projeto como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em
Empreendedorismo e Estudos da Cultura, ramo de Gestão Cultural

Orientadora:

Doutora Maria João Vaz, Professora Auxiliar,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que me acompanharam ao longo deste percurso, que me ofereceram apoio e motivação para ultrapassar as dificuldades, e me orientaram de forma a alcançar os meus objetivos. Agradeço também a todos os que se mostraram disponíveis para colaborar no projeto, disponibilizando documentos, histórias, memórias e testemunhos, que são os elementos bases do qual este projeto nasce. Não posso também deixar de agradecer a todos aqueles que disponibilizaram o seu tempo e participaram no inquérito «Ramalhal Cultural».

RESUMO

Este trabalho de projeto, desenvolvido no âmbito da gestão cultural, tem por objetivo refletir sobre o papel da memória enquanto património cultural e face a esse papel propor uma forma de a preservar e valorizar em estreita relação com os seus detentores, a partir de um caso de estudo.

O caso escolhido para exemplificar a importância da memória pode ter e propor uma forma de gerir, preservar e dinamizar, foi a Festa em honra de Nossa Senhora da Ajuda e São Lourenço que decorre no lugar do Ramalhal, Torres Vedras, ao segundo domingo de Setembro, pelo menos desde meados do século XX.

De forma a cumprir com os objetivos, ao longo da primeira parte procurou-se compreender a relação entre os conceitos de memória, identidade e património e os desafios que os novos processos de patrimonialização, que abrangem um leque diversificado de elementos, por exemplo as festividades populares, e a inclusão de novos agentes da sociedade civil, colocam às instituições culturais. Na segunda parte do trabalho explorou-se então a aplicação destes conceitos ao lugar do Ramalhal e à festividade em causa, através de uma análise do património existente e de uma resenha história da freguesia e do evento. Realizou-se também um inquérito de forma a compreender a oferta cultural existente atualmente no lugar do Ramalhal.

Por fim apresenta se uma proposta de um quiosque multimédia, pensado como produto final de um projeto cultural e de alavancagem de um espaço cultural, que conta com um conjunto de ações de capacitação dos habitantes para que possam participar ativamente na criação de conteúdos para o quiosque. Este projeto visa sensibilizar a população para a importância da preservação do património cultural imaterial.

PALAVRAS-CHAVE

Património cultural, memória, identidade, festa popular, Ramalhal, quiosque multimédia

ABSTRACT

This Project Work, developed in the field of cultural management, aims to think about the role of memory as cultural heritage and propose a way to preserve and enhance it, working closely with the holders, based on a case of study.

The case chosen to illustrate the importance of memory may have and to propose a way to manage, preserve and boost, was the feast in honor of Our Lady of Help and St. Lawrence, elapsing in place of Ramalhal, Torres Vedras, on the second Sunday of September, since the mid-twentieth century.

In order to meet the goals, along the first part we tried to understand the relationship between the concepts of memory, identity and heritage and the challenges that the new heritage processes, covering a wide range of elements, for example the popular festivities, and the inclusion of new agents from civil society, put the cultural institutions. In the second part of the work we explored the application of these concepts to the place of Ramalhal and to the festivity in question through an analysis of existing heritage and a summary history of the place and the event. We was also carried out a survey in order to understand the existing cultural offer currently in place Ramalhal.

Finally presents a proposal of a multimedia kiosk, designed as a final product of a cultural project and a cultural space leverage, which has a set of empowerment activities for the inhabitants so that they can actively participate in creating content for the kiosk . This project aims to raise awareness of the importance of preservation of intangible cultural heritage.

KEY WORDS

cultural heritage, memory, identity, popular festivity, Ramalhal, multimedia kiosk

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I.....	5
1.1 Memória, Identidade e Património	5
1.2 Património(s) e museus.....	11
1.3 A festa popular religiosa como património cultural local	19
1.4 Gerir o património cultural.....	22
1.4.1 Os quiosques multimédia em contexto museológico	28
CAPÍTULO II Conhecer o Ramalhal: freguesia e lugar	33
2.1 Contexto geográfico, histórico, sociodemográfico: Ramalhal, Torres Vedras	33
2.2 Contexto cultural	36
2.3 Festa anual em honra de Nossa Senhora da Ajuda e S. Lourenço	42
2.3.1 Descrição dos festejos.....	48
2.5 Presença e dinâmicas de partilha nas redes sociais.....	49
CAPÍTULO III Musealizar o Ramalhal	53
3.1 Objetivos, missão, valores.....	55
3.2 Proposta de valor	56
3.3 Enquadramento.....	57
3.4. Concorrência, Envolvente, Problema, Necessidade e Oportunidade	58
3.5 Segmentos	59
3.6 Posicionamento.....	59
3.7 Recursos.....	60
CAPÍTULO IV Ações.....	61
4.1 Preservar e envolver.....	62
4.2 Dinamizar	63
4.3 Capacitar	64
4.4 Desenvolvimento do protótipo da aplicação multimédia	64
REFLEXÕES FINAIS	73
FONTES E BIBLIOGRAFIA	77
Fontes.....	77
Inquérito.....	77
Fontes de Arquivo	77
Legislação	77
Imprensa	77
Fontes multimédia	77
Outras Fontes Publicadas.....	78
Bibliografia	81
ANEXOS	I
Anexo A – Inquérito «Ramalhal Cultural»	I

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 Divisão das atividades culturais consideradas no inquérito pelas categorias definidas por João Teixeira Lopes.....	37
Quadro 2 Distribuição dos inquiridos por faixa etária	38
Quadro 3 Distribuição dos inquiridos por sexo	39
Quadro 4 Grau de participação regular dos inquiridos em diversas atividades culturais.....	39
Quadro 5 Grau de interesse dos inquiridos em participar no projeto.....	41

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 Da esquerda para a direita: enquadramento do município de Torres Vedras em Portugal; enquadramento da freguesia do Ramalhal no município de Torres Vedras; Freguesia do Ramalhal..	1
Figura 2 Mapa da freguesia do Ramalhal.....	33
Figura 3 Arcos de Murta da Festa de 2015.	45
Figura 4 Vista área do recinto do evento.....	47
Figura 5 Vista área do recinto do evento.....	47
Figura 6 <i>Wireframe</i> inicial da aplicação multimédia	66
Figura 7 <i>Wireframe</i> de exploração de conteúdos	66
Figura 8 Esquema de acesso aos conteúdos da aplicação multimédia.....	66
Figura 9 <i>Wireframe</i> de apresentação da aplicação multimédia	67
Figura 10 <i>Wireframe</i> de apresentação do menu da opção «Conhecer».....	68
Figura 11 <i>Wireframe</i> de apresentação da visualização do conteúdo na opção «Conhecer»	69
Figura 12 <i>Wireframe</i> de um conteúdo da apresentação em nuvem da opção «Conhecer»..	69
Figura 13 <i>Wireframe</i> da apresentação do menu da opção «Galeria».....	70
Figura 14 <i>Wireframe</i> de apresentação dos conteúdos da opção «Galeria»	70
Figura 15 <i>Wireframe</i> de apresentação do menu da opção «Pessoas»	71
Figura 16 <i>Wireframe</i> da apresentação dos conteúdos da opção «Pessoas».....	71
Figura 17 <i>Wireframe</i> da opção «Pessoas».....	71
Figura 18 <i>Wireframe</i> da apresentação do menu da opção «Ações».....	71
Figura 19 <i>Wireframe</i> da apresentação do menu da opção «Procurar».....	72

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

ICOM – International Council of Museums

ICOMOS – International Council on Monuments and Sites

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

MEP – Museu Etnográfico Paroquial

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo central sensibilizar um conjunto de habitantes para a importância da preservação da memória coletiva, enquanto parte integrante do património cultural imaterial, através do desenho de um quiosque multimédia que funcione como um acervo digital e núcleo interpretativo. Ao mesmo tempo lança-se a hipótese do projeto que aqui se apresenta poder vir a ser uma ferramenta de alavancagem de um espaço cultural.

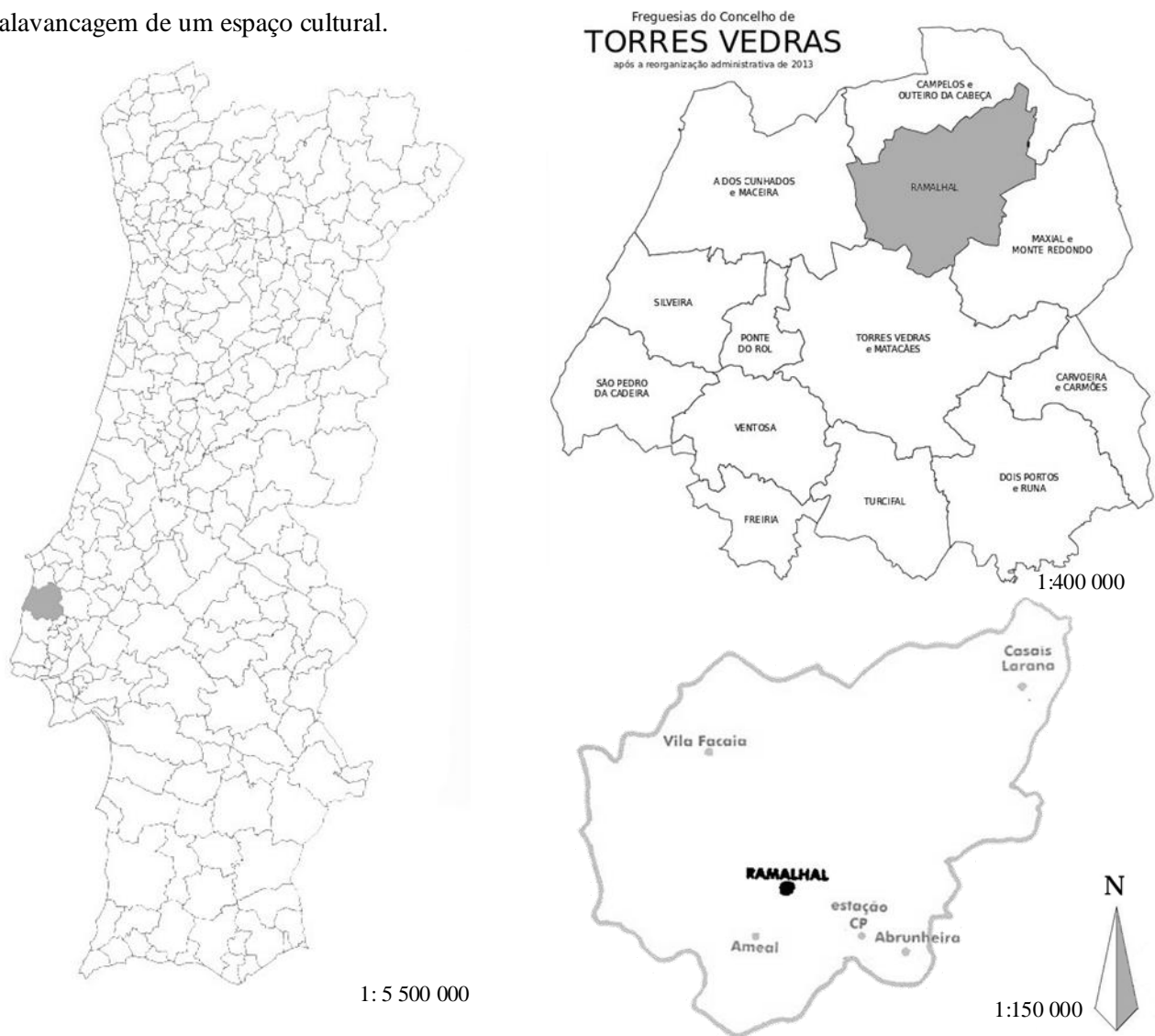


Figura 1 À esquerda: 1. enquadramento do município de Torres Vedras em Portugal; À direita em cima: 2. enquadramento da freguesia do Ramalhal no município de Torres Vedras; À direita em baixo: 3. Freguesia do Ramalhal. Imagens editadas pela autora¹.

¹ Fontes: Imagem 2: «Mapa do concelho de Torres Vedras» retirado de «Área de Atuação» dos bombeiros voluntários de Torres Vedras: <http://bvtorresvedras.pt/area-de-actuacao/> ; Imagem 3 Mapa da freguesia do Ramalhal retirada de Gomes, Joaquim (2009), *A freguesia do Ramalhal no Tempo*, Torres Vedras: Grafivedras, p.21.

Escolhemos desenvolver o nosso projeto aplicado à festividade anual em honra de Nossa Senhora da Ajuda que se realiza no lugar do Ramalhal, Torres Vedras, durante a segunda semana de Setembro. A nossa escolha deve-se, por um lado, a motivos afetivos e pessoais de ligação familiar ao lugar e ao evento em causa e, por outro lado, por cada vez mais nos preocupar a vulnerabilidade do património material e imaterial, em particular da memória coletiva e as dificuldades que se colocam à sua preservação. Sentimos que é urgente criar modelos e ferramentas de trabalho, numa perspetiva de proximidade com os detentores desse mesmo património, que lhes permita ter um papel ativo na sua preservação tal como é proposto pela convenção da UNESCO de 2003².

A partir deste enunciado o nosso objetivo desdobrou-se em quatro ideias: preservar, dinamizar, envolver e capacitar.

Inicialmente as nossas intenções focavam-se exclusivamente na preservação da memória, em especial da população sénior. Neste cenário surgiam outros materiais que complementariam o discurso. Com o início da investigação para contextualizar o projeto rapidamente demos conta que não existia um acervo material inventariado ou reunido num mesmo local ao qual pudéssemos recorrer. A informação encontra-se dispersa entre organismos públicos, como a Biblioteca Municipal de Torres Vedras, que reúne vários periódicos e estudos do século XX, e privados, pois cada habitante tem a sua coleção de imagens e vídeos que se complementam. Tornou-se então pertinente juntar estes conjuntos documentais numa base de dados única, acessível à população e ao público em geral. A solução surgiu-nos através do recurso às tecnologias digitais de informação e comunicação: a criação de um acervo digital. Contudo não ficámos satisfeitos com a simples disponibilização de conteúdos e procuraremos levar esta ideia a um outro nível. Pretende-se dinamizar os conteúdos, interligá-los, relacioná-los, e permitir aos utilizadores seguir uma narrativa, isto é, oferecer um inventário interpretativo e/ou interpretado.

Queremos promover a preservação do património histórico através da recolha de testemunhos, fontes escritas, estudos, materiais fotográficos e videográficos, entre outros, bem como da criação de um inventário/listagem e, ainda, através da criação do acervo digital interativo. Queremos envolver a população na preservação, com participação ativa, através da colaboração na recolha e identificação de materiais pertinentes e de testemunhos. Queremos dinamizar pela inter-relação de conteúdos e pela interatividade público-acervo. Queremos capacitar pela transmissão das ferramentas necessárias para que a população possa ter um papel ativo na continuação desta iniciativa.

Ao longo do trabalho iremos focarmo-nos na criação do acervo digital que tomará a forma de uma aplicação informática multimédia interativa, com um cariz lúdico-didático, a partir do uso de tecnologia sensível ao toque. Para este ponto os nossos objetivos específicos são:

² «Convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial», UNESCO (2003), Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf/>.

- Integrar os vários média criando um acervo que seja útil para diferentes públicos.
- Incluir leituras interpretativas do espólio recolhido.
- Permitir uma utilização e atualização fácil e intuitiva.
- Criar uma aplicação que no futuro possa ser disponibilizada *online*.

Ao nível do projeto todo os objetivos do trabalho passam por a curto-prazo lançar o projeto-piloto, tendo como temática a festa popular no lugar do Ramalhal; posteriormente alargar o projeto a outras temáticas e lugares da freguesia e, por fim, alcançar a sustentabilidade do projeto com atividades regulares e alargar o leque de iniciativas criando um espaço cultural de referência no concelho de Torres Vedras.

Para cumprir com os objetivos iremos recorrer à pesquisa bibliográfica, de fontes, análise documental, de fotografias e vídeos, análise de casos e entrevistas a informantes privilegiados que se revelem pertinentes.

Dividimos o nosso trabalho em dois momentos. Um primeiro momento de cariz mais teórico, no qual procuraremos fazer uma viagem em torno do conceito de memória, procurando compreender o que é, quais as suas características e fragilidades, e de que forma a memória pode ser considerada património cultural. A partir daqui exploraram-se as relações da memória com a identidade, individual e/ou coletiva (isto se efetivamente podermos falar de memória e de identidade coletiva), a relação do sujeito com o contexto em que se insere, a relação entre um património material ou imaterial, autónomo ou complementar, tendo como referência autores que se mantêm atuais, como Halbwachs³, mas também Paul Connerton⁴ e Joël Candau⁵. Ainda nesta primeira parte daremos conta da pertinência das histórias de vida e da pertinência da diversidade do património local cultural, que fica à margem dos critérios de seleção do património da humanidade e que nem por isso detém uma menor importância para os seus detentores.

Neste âmbito, tomaremos como exemplo o caso das festas populares de cariz religioso que acontecem um pouco por todo o país, não só em contexto rural, mas também no contexto urbano, apesar da mudança de propósito que parece estar subjacente à sua execução, nalguns casos à sua recuperação e até criação, detetada nos estudos que têm sido realizados ao longo do século XX. A temática das festas populares foi trabalhada, entre outros autores, por Augusto Santos Silva, Ernesto Veiga de Oliveira, José Madureira Pinto e Pierre Sanchis, no contexto português.

Terminaremos esta primeira parte teórica com uma reflexão sobre o que tem sido feito ao nível do tratamento, preservação e dinamização da memória, com enfoque em projetos que tenham como suporte as novas tecnologias digitais, entre os quais destacamos o projeto do «Museu da Pessoa», o projeto

³ Halbwachs, Maurice (1992), *On collective memory*, Chicago: The University of Chicago Press.

⁴ Connerton, Paul (1993), *Como as sociedades recordam*, Oeiras: Celta Editora.

⁵ Candau, Jöel (2005), *Antropologia da memória*, Lisboa: Instituto Piaget.

«Aldeias de Memória», «Arquivo da Memória» e «MemoriaMedia», que foram grandes inspirações para a nossa proposta.

No segundo momento do nosso trabalho procurámos oferecer uma proposta de aplicação prática dos conceitos acima explorados através da proposta de um quiosque multimédia, enquanto núcleo interpretativo e dinamizador da memória da festa em honra de Nossa Senhora da Ajuda, no lugar do Ramalhal. Dessa forma procura-se criar, numa primeira fase, um museu «fora de portas», uma exposição efémera que reúne passado e presente no mesmo recinto e, numa segunda fase, um museu digital itinerante a partir da deslocação do quiosque multimédia pelos vários lugares da freguesia, com a possibilidade de, no futuro, se tornar num *e-museu*, disponível e acessível a qualquer pessoa, em qualquer lugar, através da *internet*. Nesse sentido, e de forma a contextualizar o projeto, o capítulo é precedido de uma resenha histórica da freguesia e da festa em causa. O capítulo inicia-se com as bases para o desenvolvimento de uma aplicação multimédia que responda aos objetivos e preocupações por nós identificadas. Ressalve-se, contudo, que ao longo deste trabalho de projeto no âmbito da Gestão Cultural não se pretende nunca apresentar um produto acabado, mas as linhas gerais de um protótipo que poderá ser produzido posteriormente caso se reúnam condições favoráveis para tal.

Com este trabalho pretendemos acima de tudo mostrar a pertinência de aliar as potencialidades das novas tecnologias digitais na gestão, preservação e dinamização, da memória, enquanto património e identidade, em contextos onde as instituições tradicionais ainda não alcançam, de uma forma fácil, de baixo custo e manutenção e acima de tudo sustentável, através de uma relação de proximidade com os detentores e descendentes deste património vulnerável que são as memórias orais, histórias e histórias que dão sentido a imagens, textos e objetos, a paisagens construídas, a um passado vivido, a uma herança cultural que é de todos nós.

CAPÍTULO I

1.1 Memória, Identidade e Património

Assistimos nos nossos dias a um cada vez maior aparecimento de projetos que promovem a partilha de histórias, relatos e testemunhos cada vez mais pessoais e com um valor intrínseco em si e cada vez mais os investigadores das diferentes áreas do saber desenvolvem uma pesquisa crítica, na qual combinam diferentes técnicas e fontes de informação. As técnicas da história oral têm, nesse sentido, vindo a ganhar protagonismo não apenas no campo na história, mas nomeadamente no campo da antropologia, e também da sociologia, permitindo colmatar falhas e dar conta de contextos, *nuances* e particularidades dos modos de viver e de estar.

O objeto de estudo da história oral é a memória. A memória individual é uma faculdade atestada pela ciência, contudo não levanta menos questões. No *Dicionário da Língua Portuguesa* memória aparece definida como sendo a «função geral de conservação de experiência anterior, que se manifesta por hábitos ou por lembranças; tomada de consciência do passado como tal» ou no plural «escrito narrativo em que se compilam factos presenciados pelo autor ou em que este tomou parte»⁶. A memória é, neste sentido, a capacidade de nos colocarmos numa linha temporal, na qual se sucedem acontecimentos, alguns dos quais experienciados na primeira pessoa e outros que nos são transmitidos.

A memória, segundo Paul Connerton, consiste num processo intelectual no qual «guarnecemos o objeto com todas as ideias que já formamos a seu respeito»⁷. Desde logo fica presente a noção de processo, de construção e acumulação, que são inevitavelmente influenciados pelo presente e, assim, há um distanciamento entre a realidade efetiva e a memória.

Este autor define três tipos de memória: memória pessoal, cognitiva e memória-hábito. Enquanto o primeiro tipo tem como referência as experiências pessoais de cada pessoa, os restantes prendem-se com conhecimentos adquiridos sem dar conta da experiência em que os mesmos foram transmitidos. Por exemplo, recordar uma anedota ou andar de bicicleta, é um ato que realizamos sem recordar a primeira vez que aprendemos essa anedota ou o primeiro momento que experimentámos andar de bicicleta⁸.

⁶ «memória» em *Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico* (2003-2016), Online, Porto: Porto Editora. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/memória/>.

⁷ Connerton, Paul (1993), *Como as sociedades recordam*, Oeiras: Celta Editor, p.3.

⁸ Connerton, Paul (1993), *Como as sociedades recordam*, Oeiras: Celta Editora, pp.25-26.

Iremos focar-nos na memória pessoal de cada pessoa, *memoria per excellence*.

«[A recordação da experiência] por muito pessoal que possa ser, mesmo a de acontecimentos que só nós presenciámos (...) existe em relação a todo um conjunto de ideias que muitos outros possuem: com pessoas, lugares, datas, palavras, formas da linguagem, isto é, com toda a vida material e moral das sociedades de que fazemos parte, ou das quais já fizemos parte»⁹.

Quer isto dizer que toda a nossa memória se encontra circunscrita dentro de um espaço mental e social, seja este composto pela família, um grupo de amigos, uma associação ou, num plano mais alargado, a sociedade. Circunscrever a memória a um espaço mental social é também conferir-lhe um espaço físico que é ocupado por esse grupo. E serão ambos, o espaço social e o espaço físico, os elementos desencadeadores da memória pessoal¹⁰.

Para melhor esclarecer esta questão remetemo-nos para Halbwachs que faz a distinção entre memória histórica e memória autobiográfica. A memória histórica seria o equivalente à memória cognitiva, ou seja a capacidade para recordarmos eventos de uma forma genérica sem nos reportarmos a momentos concretos, podendo as mesmas ser comprovadas e despoletadas por registos escritos, enquanto a memória autobiográfica se reporta às experiências pessoais vividas diretamente pela pessoa e neste caso encontram-se enraizadas noutras pessoas, mas também lugares, como o autor explora no ensaio que dedica à mutação de significados dos lugares sagrados¹¹. «Only group members remember, and this memory nears extinction if they do not get together over long periods of time»¹².

Como podemos ver nunca nos lembramos sozinhos. A forma como recordamos parece estar sempre condicionada com o contexto social no qual nos movimentamos e por isso apresenta sempre uma dimensão coletiva. No entanto, tal não significa que possamos falar em memória coletiva, seja ao nível de pequenos grupos, seja quando pensamos em memória nacional. Tal aceção implicaria que cada um de nós recordaria exatamente os mesmos eventos, da mesma forma, e lhes conferiria exatamente as mesmas significações, o que não se verifica¹³. «Remembering, while being constructed from cultural forms and constrained by our social context, is an individual mental act.»¹⁴. Barbara Misztal compara a construção de

⁹ Connerton, Paul (1993), *Como as sociedades recordam*, Oeiras: Celta Editora. p.41.

¹⁰ Connerton, Paul (1993), *Como as sociedades recordam*, Oeiras: Celta Editora. p.42.

¹¹ Halbwachs, Maurice (1941), «The Legendary topography of the Gospels in the Holy Land» in Halbwachs, Maurice (1992), *On collective memory*, Chicago: The University of Chicago Press.

¹² Halbwachs, Maurice (1992), *On collective memory*, Chicago: The University of Chicago Press. p. 22.

¹³ Candau, Joël (2005), *Antropologia da memória*, Lisboa: Instituto Piaget, pp.86-88.

¹⁴ Misztal, Barbara (2007), «Memory experience: the forms and functions of memory» em Watson, Sheila (2007), *Museums and their communities*, New York: Routledge, p.380.

memórias com a linguística: a língua como um conjunto de palavras constitui um sistema idealizado que pode assemelhar-se a uma noção de memória coletiva, partilhada, enquanto o uso e significado que cada pessoa faz das palavras na construção do seu discurso cria uma dimensão individual e única à semelhança das memórias pessoais¹⁵.

O que poderá existir de facto é uma crença na partilha comum e é essa crença que é transmitida pela repetição dentro de um determinado contexto ou grupo social¹⁶. Convém ter em conta que a transmissão não é isenta de acrescentos, ocultações ou alterações no ênfase do que se recorda. Isto acontece porque os contextos sociais nos quais nos movemos estão em constante mutação e a nossa percepção do passado é condicionada pela vivência do presente¹⁷.

A noção de memória relaciona-se diretamente com a noção de identidade. O que somos traduz-se nos valores que nos são transmitidos, no que fazemos e na forma como conferimos significado a esses episódios, no que recordamos e no que esquecemos. Tanto memória como identidade são construídas e estruturam-se em torno uma da outra.

A criação de monumentos, memoriais, celebrações cíclicas e até museus de memória são uma tentativa de apelo à preservação, transmissão, legitimação ou à criação de identidades, ou de traços de identidade. Esta realidade tende a dar força à crença de uma identidade coletiva e a induzir os próprios investigadores em erro.

Falar de coletivo, seja memórias ou identidades, é falar de sentimentos de pertença, identificação e partilha, e são estas características que definem um grupo ou comunidade. Contudo, como já mencionámos, não há um coletivo uniforme, mas sim heterogéneo, por vezes contraditório, multidimensional, tendo em conta os pareceres de cada indivíduo, e que só pode ser definido a partir de dentro¹⁸.

Como começámos por referir, cada vez mais assistimos a projetos que entendem a memória como património imaterial e procuram preservá-lo. A memória como património pode ser vista de diferentes perspetivas. A UNESCO, na «Convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial» (2003), legitima a memória enquanto veículo de transmissão geracional de práticas, representações, expressões, conhecimento e competências associadas a instrumentos, objetos, artefactos, espaços culturais reconhecidos pelas comunidades e grupos. Jorge José realça esta relação onde o imaterial é uma

¹⁵ Misztal, Barbara (2007), «Memory experience: the forms and functions of memory» em Watson, Sheila (2007), *Museums and their communities*, New York: Routledge, p.381.

¹⁶ Candau, Joël (2005), *Antropologia da memória*, Lisboa: Instituto Piaget, pp.101-102.

¹⁷ Morales, Karen (2012), «Las memórias rebeldes: museu itinerante» em Sansone, Lígio, org. (2012), *A política do Intangível: museus e patrimónios*, Salvador: Edufba, p.313.

¹⁸ Watson, Sheila (2007), *Museums and their communities*, New York: Routledge, p.3.

característica intrínseca da noção de património, isto porque um edifício sem a memória daquilo que é, não é mais do que um simples edifício¹⁹. A memória assim entendida engloba tanto a memória pessoal, como a memória histórica, cognitiva ou a memória-hábito.

Giovanni Pinna avança com três tipos de património cultural imaterial: associado a objetos representativos e relacionados com manifestações culturais; sem forma material; e associado a objetos mas com um significado em função das histórias e vivências pessoais com o objeto²⁰.

Em todas as tipologias «a história oral assume especial relevância. Ou seja, as histórias que as pessoas queiram contar sobre o seu património são reveladoras da sua memória, da sua identidade, do PCI.»²¹. Acrescentaríamos também que o que as pessoas não querem contar detém também uma importância histórica. Joël Candau chega a afirmar que a memória coletiva se traduz numa soma de esquecimentos. Estes esquecimentos podem dever-se a motivos vários, mas têm em comum o facto de não entrarem em conflito com o presente e permitir que existam avanços. Um dos principais motivos que afeta a forma como recordamos é a dor, do acontecimento em si ou da sua perda. «(...) uma recordação tende a ser feliz antes de ser exata»²².

Esta seleção de memórias e do que é considerado património, do qual deriva a identidade, faz com que ambos sejam uma ficção dado a seleção e as memórias se encontrarem em constante mutação conforme os contextos e as perspetivas que marcam os tempos. Este facto faz com que a cultura possa ser entendida enquanto representação da identidade. Assim o património não deve ser entendido enquanto produtor ou como reflexo de uma identidade mas, pelo contrário, deve ser tido como um processo de identificação. Desta forma existe uma pluralidade de patrimónios em permanente reconfiguração tal como existem uma pluralidade de identidades que com eles se identificam²³. Os museus na medida em que expõem uma seleção de conteúdos patrimoniais são criados à luz da identidade da organização, a qual estando ao serviço da sociedade, deve procurar captar e essência de um determinado coletivo, identidade, de forma a expor os elementos com os quais o público se identifica, o seu património. Acontece por vezes, como no caso do movimento nacionalista, que a escolha dos conteúdos reflete uma identidade fictícia e/ou imposta transformando os museus em instituições de poder.

¹⁹ José, Jorge (2003), «A matéria do património» em Ramos, Manuel João (coord.)(2003), «A matéria do património - memórias e identidades», *Antropológica avulsa*, 2, Edições Colibri DepANT-ISCTE, pp.11-16.

²⁰ Pinna, Giovanni (2003), «Intangible heritage and museums», *ICOM News*, vol.56, 4, s.p. Disponível em: http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/ICOM_News/2003-4/ENG/p3_2003-4.pdf/.

²¹ Carvalho, Ana (2011), *Os museus e o património cultural imaterial: estratégias para o Desenvolvimento de Boas práticas*, Lisboa: Colibri, p.144.

²² Candau, Joël (2005), *Antropologia da memória*, Lisboa: Instituto Piaget, pp.92, 108-120.

²³ Peralta, Elsa e Marta Anico (2006), *Patrimónios e identidades*, Oeiras: Celta Editora, pp.1-4.

Pelas suas características, a história oral assume-se como ferramenta primordial que permite recolher detalhes significativos, dar a conhecer perspectivas individuais e coletivas, identificar *nuances* e contradições que só quem experienciou, quem participou no contexto de estudo pode dar conta, de desejos ocultos e de formas de desempenho.

Anna Green, ao falar sobre a experiência de combinar testemunhos e fotografias como forma de contar a história de uma comunidade, denuncia a contradição e ao mesmo tempo complementaridade das fontes. As fotografias que recolheu apenas davam conta de uma realidade boa, excluindo, por exemplo, os castigos corporais²⁴. Também Barbara Misztal e Steven Lubar abordam a relação entre um discurso histórico, oficializado, documental, e um discurso informal, pessoal, vivido e experienciado, oral, e a forma como este segundo enriquece o primeiro e em como é a função dos museus de história problematizar e explorar estas relações²⁵.

Contudo, trabalhar com testemunhos orais levanta, sem dúvida, alguns problemas que fazem com que o processo de validação da história oral tenha sido lento e ainda hoje seja uma questão em aberto.

Para o trabalho que nos propomos as principais questões prendem-se, por um lado, com o carácter provocado das fontes e a relação entrevistador-entrevistado e, por outro, com a questão do *a posteriori* das fontes orais que podem levar a um discurso que entremeia elementos referentes a diferentes momentos. Como já referimos, há uma tendência para esquecer momentos mais difíceis. No caso dos entrevistados serem constituídos por indivíduos idosos, Candau acrescenta a possibilidade de um embelezamento do passado, dando conta de uma juventude mais feliz, muitas vezes em confronto com as dificuldades do presente, que a idade mais avançada muitas vezes provoca. Considera ainda que existe uma maior facilidade em recordar momentos de um passado distante²⁶.

Outras das questões que se levanta é a desfragmentação das memórias pela perda dos elementos que compõe o grupo social ou pela alteração física do local a que se reporta a memória. Atualmente esta desfragmentação está também a ser provocada pela alteração das relações no seio dos grupos e, em particular, pela alteração das dinâmicas da família²⁷.

Jean Poirier fala-nos de uma rutura na cadeira de transmissão oral devido à fragmentação do grupo familiar e à ausência de coabitação entre gerações; à heteroformação que se estende para além do seio

²⁴ Green, Anna (2007), «The exhibition that speaks for itself», em Watson, Sheila (2007), *Museums and their communities*, New York: Routledge, pp.409-417.

²⁵ Misztal, Barbara (2007), «Memory experience: the forms and functions of memory» em Watson, Sheila (2007), *Museums and their communities*, New York: Routledge, p.391, e, Lubar, Steven (2007), «Exhibiting memories», em Watson, Sheila (2007), *Museums and their communities*, New York: Routledge, p.398.

²⁶ Candau, Joël (2005), *Antropologia da memória*, Lisboa: Instituto Piaget, pp.169-170.

²⁷ Misztal, Barbara (2007), «Memory experience: the forms and functions of memory» em Watson, Sheila (2007), *Museums and their communities*, New York: Routledge, p.388.

familiar e da escola, também associado a uma maior mobilidade; à inversão de modelos, nos quais as novas gerações dão preferência à mudança em detrimento da continuidade, ao futuro em detrimento do passado, à juventude em detrimento da velhice, o que leva a uma obsolescência de géneros de vida e modos de pensar e a uma desvalorização da pessoa idosa²⁸.

Para a maior veracidade possível do conteúdo a recolher poderá procurar-se recriar ou evocar o contexto original, por exemplo, realizando as entrevistas em locais simbólicos ou recorrendo a fotografias ou outros objetos diretamente relacionados com a memória a evocar.

Como tivemos oportunidade de ver, os autores consideram vários tipos de memória. Escolhemos apenas contemplar a memória pessoal e explorámos as características da memória social e/ou coletiva.

Daqui assumimos que toda a memória é social, na medida em que depende do contexto social, físico, político e ideológico em que nos movemos, ao mesmo tempo que tem uma componente pessoal e individual, autobiográfica, e uma componente partilhada, em comum com o todo que compõe o contexto, ou apenas com certas frações, por exemplo, a família.

A relação da memória com a identidade é uma relação próxima dado que a capacidade de nos lembrarmos de memórias transmitidas ou acontecimentos experienciados nos dá um reportório de situações com as quais nos podemos identificar ou diferenciar, repensar e problematizar, tomar consciência do seu significado, e agir em função dessas reflexões. Ou seja, a memória atua como uma ferramenta de mediação entre o passado e o presente, auxilia a compreensão e construção do presente, e permite situarmo-nos num tempo e num espaço, num contexto²⁹.

A ligação de ambos os conceitos, memória e identidade, ao património faz-se em ambos os sentidos. Por um lado, o património é por nós produzido e assim é entendido como um reflexo e algo com que nos identificamos, por outro lado aquele que nos antecede e nos é transmitido funciona como um ponto de partida chave para evocar memórias, por vezes esquecidas no tempo.

Os museus entendidos, enquanto guardiães do património e arquivos de memória, acabam também nesta lógica por ser produtores de identidades. Os três conceitos estão não só ligados entre si, mas também em constante diálogo com o contexto no seu todo, e esse contexto, é um contexto vivo, em desenvolvimento, alvo de transformações e mutações ao longo do tempo. Barbara Misztal fala inclusive de uma memória cultural institucionalizada por meios culturais, nos quais os museus se inserem³⁰.

²⁸ Poirier, Jean (1995), *Histórias de vida: teoria e prática*, Oeiras: Celta Editora, pp.6-8.

²⁹ Misztal, Barbara (2007), «Memory experience: the forms and functions of memory» em Watson, Sheila (2007), *Museums and their communities*, New York: Routledge, pp. 383-384 e Green, Anna (2007), «The exhibition that speaks for itself», em Watson, Sheila (2007), *Museums and their communities*, New York: Routledge, p.410.

³⁰ Misztal, Barbara (2007), «Memory experience: the forms and functions of memory» em Watson, Sheila (2007), *Museums and their communities*, New York: Routledge, p.382.

Peter Davis considera que os museus são importantes porque servem para nos lembrar quem somos e qual o nosso lugar no mundo³¹. Sheila Watson fala-nos do papel do museu não só na preservação das memórias, mas acima de tudo na construção de narrativas e de sentido a partir delas para as gerações futuras³².

Dada a relação fundamental entre as memórias e uma dimensão material, entre conteúdo e forma, entre o imaterial e o material, é importante dirigir a atenção para os portadores que fazem a ponte entre ambas as dimensões. A inclusão das pessoas na construção do património tem sido um tema recorrente no âmbito na museologia de que daremos conta de seguida.

1.2 Património(s) e museus

O conceito de ecomuseu e/ou museu de comunidade foi cunhado pelo ICOM, Conselho Internacional de Museus, em 1971, e, no ano seguinte, surge o conceito de museu integral, no seguimento da «Mesa Redonda de Santiago do Chile». Posteriormente, em 1984, a nova museologia é sistematizada na «Declaração do Québec», promovida pelo ICOMOS, Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, na qual se dá ênfase ao papel da memória coletiva como fundamento para o património material; na função social; no papel criador; no desenvolvimento comunitário (cultural, social e económico); no território de intervenção; na interdisciplinaridade; na interpretação e comunicação próxima do usuário; nos métodos museográficos baseados na participação popular; no visitante participativo; e na mudança de atitude profissional das equipas³³.

Como tivemos oportunidade de ver as memórias, testemunhos e histórias, transmitidos oralmente encontram-se não só enraizados em pessoas, mas também em objetos, espaços e lugares que, no seu conjunto, caracterizam um tempo, uma cultura, um modo de vida, um passado, um pedaço da História. O património local cultural é desta forma um campo rico de subjetividades, de particularidades únicas. Cada pessoa é diferente. Cada lugar pede uma forma de habitar diferente. Cada tempo trás consigo características irrepetíveis/exclusivas. E, em função do confronto do homem com o seu lugar, com a evolução da sociedade, conforme a sua bagagem cultural, há uma aculturação, uma adaptação, alteração e criação de novos modos de ser, estar e fazer. Dai que seja pertinente valorizar as histórias de vida individuais, de cada um de nós, enquanto seres humanos e agentes de sociedade, mas também das

³¹ Davis, Peter (2007), «Place exploration: museums, identity, community» em Watson, Sheila (2007), *Museums and their communities*, New York: Routledge, p.53

³² Watson, Sheila (2007), *Museums and their communities*, New York: Routledge, p.4

³³ Moutinho, M. (1989) «Museus e sociedade: reflexões sobre a função social do museu», *Cadernos de património*, 5, Monte Redondo: Museu Etnológico Monte Redondo, pp.57-61 e «Declaração do Québec: princípios de base de uma nova museologia 1984», tradução de Moutinho, Mário (1999), *Cadernos de sociomuseologia*, 15, p.223.

pequenas comunidades, das comunidades mais alargadas e dos grupos³⁴. Ao longo do tempo cria-se uma sobreposição de memórias no território, uma memória topográfica como tivemos oportunidade de ver anteriormente, quase arqueológica. É preciso conhecer as várias camadas que constituem as sociedades, as várias gerações que coexistem e coabitam um mesmo lugar e num mesmo tempo. Estas memórias são particularmente importantes num tempo em que assistimos a uma cada vez mais rápida alteração do espaço, a uma maior miscigenação de valores através da democratização do acesso ao conhecimento e devido ao fenómeno da globalização. Importa por isso documentar o património cultural de cada comunidade, da forma mais abrangente possível. Este repto tem sido o ponto de partida recorrente dos vários organismos que apresentam preocupações com o património.

Os esforços de organizações internacionais como o ICOM, o ICOMOS ou a UNESCO, vão ao encontro da preservação de saberes e técnicas tradicionais que o avanço da indústria, da ciência, das tecnologias e das mudanças que tudo isso provoca no seio das comunidades, tem substituído e alterado. Estes esforços são visíveis na «Declaração do México» do ICOMOS, de 1985, na qual se expressa o direito à cultura e à identidade cultural, realça-se a valorização do património cultural, que compreende tanto a cultura dita erudita, como as criações surgidas da «alma popular», língua, ritos, crenças, lugares e monumentos históricos, literatura, obras de arte, arquivos e bibliotecas, e se sensibiliza para a destruição deste património por negligência e pelo desenvolvimento³⁵. Na «Recomendação para a salvaguarda da cultura tradicional e popular» da UNESCO, de 1989, reconhece-se a importância social, económica, cultural, política e o seu papel na história de um povo enquanto parte integrante do património cultural e da cultura viva, e a necessidade de se proceder à sua salvaguarda para que não desapareça³⁶. Mais recentemente a UNESCO reforça a importância da preservação da diversidade cultural numa definição alargada do património através da «Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial», de 2003³⁷, e da «Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais», de 2005³⁸.

³⁴ Cardoso, Maria Miguel (2016), «Centro de memória do Museu do Trabalho Michel Giacometti» em Carvalho, Ana (coord.) (2016), *Participação: partilhando a responsabilidade*, s.l.: Acesso Cultura, pp.95-102.

³⁵ «Declaração do México sobre las políticas culturales», ICOMOS (1985). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaracao%20do%20Mexico%201985.pdf/>.

³⁶ UNESCO (1989), *Recomendação para a salvaguarda da cultura tradicional e popular*. Disponível em: http://cvc.instituto-camoes.pt/cpc2007/patrimonio/bloco2/recomendacao_%20sobre_a_salvaguarda_da_cultura_tradicional.pdf/.

³⁷ «Convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial», UNESCO (2003), Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf/>.

³⁸ «Convenção para a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais», aprovada pela UNESCO em 2005, adotada em Portugal através do Decreto n.º 27-B/2007, de 16 de Março, *Diário da República* I, 54. Disponível em: https://www.unescoportugal.mne.pt/images/Diversidade_2005.pdf/.

A «Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial» de 2003, veio conferir um lugar de destaque para os elementos imateriais, nos quais se incluem as memórias. Apresenta-se numa via culturalista de patrimonialização e confere às entidades estatais dos países que a ratificarem a obrigação de criarem mecanismos para a inventariação e salvaguarda do património imaterial, procurando desta forma incentivar à criação de um sistema idêntico ao existente para o património material com uma grande diferença. Na sequência da proximidade deste património com as comunidades é-lhes conferido um papel central no processo de patrimonialização. Cabe às comunidades, pessoas individuais e/ou coletivas, darem início ao processo, identificando e propondo a identificação e classificação de determinado elemento como património cultural, de forma a integrar numa primeira instância o inventário nacional e, posteriormente, se houver interesse integrar a lista representativa do património cultural imaterial da humanidade.

Quanto à definição do património cultural imaterial a Convenção define:

«as práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências – bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, grupos e, eventualmente, indivíduos reconhecem como fazendo parte do seu património cultural. Este património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio envolvente, da sua interação com a natureza e da sua história, e confere-lhes um sentido de identidade e de continuidade, contribuindo assim para promover o respeito da diversidade cultural e a criatividade humana.»³⁹.

O património cultural imaterial pode assim manifestar-se em cinco domínios: tradições e expressões orais; artes do espetáculo; práticas sociais, rituais e atos festivos; conhecimentos e usos relacionados com a natureza e o universo; e técnicas artesanais tradicionais.

Contudo, a sua classificação como património da humanidade segue um conjunto de critérios que visa determinar a pertinência e importância, obrigando à salvaguarda de práticas que ainda sejam executadas e transmitidas, em risco ou não de extinção. A convenção exclui as práticas que caíram em desuso, mas que nem por isso são menos relevantes para a história de um local ou comunidade, e «obriga» à salvaguarda, impedindo mutações, criando sociedades de memória, tradicionalistas, podendo nalguns casos ir de encontro a uma tendência folclorizante, turística e comerciável do respetivo património.

³⁹ «Convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial», UNESCO (2003), Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf/>.

Ao mesmo tempo, a «Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial» afirma o carácter vivo e, por isso, mutável do património imaterial, aceita as suas alterações e, se necessário, a sua extinção. A subscrição destas normas obriga, como já dissemos, à criação de mecanismos de salvaguarda, que se traduz num inventário nacional do património cultural imaterial que, no caso português, carece de proximidade com os detentores do património, apesar das iniciativas de divulgação pontuais. Assistimos, no entanto, a vários inventários informais de iniciativas privadas, dos quais destacamos o projeto «MemoriaMedia e-museu do património cultural imaterial», de que daremos conta mais à frente.

O envolvimento das comunidades, que já se vinha a propor deste o surgimento dos princípios da Nova Museologia, tornado essencial no processo de patrimonialização do património cultural imaterial, foi desenvolvido em 2006, numa reunião da qual resultou uma definição de comunidade, grupos e indivíduos com vista à implementação da Convenção de 2003. No relatório deste Encontro é mencionada a necessidade de sensibilizar a população quanto à importância do património imaterial, de incentivar a participação da sociedade civil na inventariação, salvaguarda e gestão, e na necessidade de criar órgãos de proximidade que auxiliem estes processos através de ações de capacitação, nomeadamente dos mais jovens, e da garantia do acesso aos dados que são recolhidos⁴⁰.

Posteriormente, em 2008, o ICOMOS, produziu uma declaração sobre a preservação do espírito dos lugares, que inclui a essência da vida social e espiritual. Esta essência da vida encontra-se não só nos elementos tangíveis (edifícios, sítios, paisagens, rotas, objetos), mas também nos elementos intangíveis (memórias, narrativas, documentos escritos, rituais, festivais, conhecimentos tradicionais, valores, texturas, cores, odores, entre outros). A declaração reforça a diversidade dentro das próprias comunidades e o papel central que estas devem ter na proteção das suas memórias, vitalidade e continuidade, ameaçadas pelo desenvolvimento e pelo mundo em transformação. Ao longo deste texto é também evidente, por um lado, o carácter vivo, plural e dinâmico do património, podendo adquirir diferentes significados ao longo do tempo e, em simultâneo, para diferentes agentes, e a sua estreita relação com aqueles que lhe conferem significado.

Para além de uma noção de património mais abrangente, a declaração sobre o espírito dos lugares destaca o papel que as modernas tecnologias digitais podem ter no desenvolvimento de inventários multimédia, que integrem elementos tangíveis e intangíveis, como forma de preservar, disseminar e promover o património, mas também de proteger o desenvolvimento sustentável e social das comunidades. A Declaração propõe também o fomento de meios de transmissão, tanto formais como não

⁴⁰ UNESCO, ACCU (org.) (2006), relatório da reunião *Expert meeting on community involvement in safeguarding intangible cultural heritage: towards the implementation of the 2003 convention*, Tóquio, Japão 13-15 Março. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00034-EN.pdf/>.

formais, sempre tendo em vista uma comunicação interativa e a participação das comunidades e o desenvolvimento sustentável e social da comunidade⁴¹.

Todos os documentos que temos vindo a citar assumem a necessidade de preservar o património face a ameaças, como o clima, o turismo, os conflitos armados, o desenvolvimento urbano, a democratização do acesso ao conhecimento, entre outros aspetos que podem levar a alterações no património e à sua conseqüente extinção. Contudo, é um ponto contraditório, tendo em conta que o património cultural imaterial existe em estreita relação com as comunidades e é por elas identificado e produzido, pelo que as mutações e até a conseqüente extinção por iniciativa das mesmas são processos legitimados na própria definição.

Pensar um museu capaz de trabalhar com uma diversidade tão grande de temáticas e com características tão diferenciadas é um desafio. Ao longo das últimas décadas do século XX e início do século XXI o papel do museu tem sido largamente pensado e discutido. Podemos dizer que se assiste a uma multiplicidade de abordagens e a uma mudança de enfoque do objeto para as pessoas, do material para o imaterial, do particular para o todo. Vários autores identificaram o risco dos Museus de Etnologia se transformarem em museus de Arqueologia, de história, em redomas do tempo⁴², de um tempo que urge preservar sob ameaça de desaparecimento face às rápidas mudanças que se oferecem às sociedade por meio de uma cada vez maior globalização que esbate fronteiras e multiplica discursos identitários locais e regionais⁴³, de um tempo congelado que exclui o potencial criador das novas experiências culturais entre o sujeito e o seu tempo⁴⁴.

Assim, os autores que se dedicaram ao longo desde o princípio do século XX até aos nossos dias a pensar no papel destes «museus de cultura», nomeadamente dos museus locais, insistem na necessidade de trazer para dentro do espaço museológico as questões do presente, as transformações, mutações e hibridismos, que caracterizam os tempos em mudança. Trata-se de construir um museu como um lugar com uma postura ativa e proactiva. [Um museu] «que dialogue e participe da fabricação do tempo e não apenas um lugar de legitimidade e poder que categoriza e guarda o tempo.»⁴⁵.

⁴¹ Art. 7,8,9 da «Declaração do Québec sobre a preservação do "Spiritu loci"», ICOMOS (2008). Disponível em: http://www.icomos.org/quebec2008/quebec_declaration/pdf/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf/.

⁴² Brito, Joaquim (2009), «Sobre a voz e o lugar do museu», em Costa, Paulo Ferreira da (coord.) (2009), *Museus e património imaterial: agentes, fronteiras e identidades*, Lisboa: IMC, p.356.

⁴³ Leal, João (2009), «Percurso entre festas» em Costa, Paulo Ferreira da (coord.) (2009), *Museus e património imaterial: agentes, fronteiras e identidades*, Lisboa: IMC, p.84

⁴⁴ Faria, Margarida (2006), «Trajectórias sociais e representações de “património”» em Peralta, Elsa e Marta Anico (2006), *Patrimónios e Identidades: ficções contemporâneas*, Oeiras: Celta Editora, p.60

⁴⁵ Brito, Joaquim (2009), «Sobre a voz e o lugar do museu» em Costa, Paulo Ferreira da (coord.) (2009), *Museus e património imaterial: agentes, fronteiras e identidades*, Lisboa: IMC, p.356.

Trata-se de pensar um museu como estaleiro, criador, fábrica de património, no qual se constroem discursos, teatros de memória, zonas de contacto, locais de abertura e de diálogo permanente, de confronto de tempos, um museu vivo, participativo: um museu como espaço performativo⁴⁶ em oposição a um museu de silêncio e de contemplação, um museu guardião do passado.

Esta mudança de ênfase do silêncio dos objetos para a palavra, que lhes dá um contexto, uma história, à qual se pede que deixe o anonimato e que seja contada na primeira pessoa, e que seja ela própria o «objeto», que convoca para o museu os públicos, os criadores, os detentores destas imaterialidades, os portadores das memórias e das vivências. O museu abre-se às comunidades e faz-se com elas e a partir delas, culminando no extremo mais do que em ecomuseus ou museus de sociedade, em curadorias comunitárias, as quais contribuem para um processo de construção identitária dos tempos e lugares em que se desenrolam⁴⁷. Assistimos à passagem de um museu que expõe um discurso fechado a um museu que cria representações, apresenta perspectivas e explora hipóteses em diálogo com os diferentes agentes envolvidos no processo de patrimonialização, representados cada vez mais por um leque mais alargado, que inclui os elementos da sociedade civil enquanto detentores do património, fazendo com que este processo seja cada vez mais orientado por uma perspectiva *emic*, na qual precisamente os processos de patrimonialização partem dos agentes locais, ao invés de uma perspectiva *etic*, dominada pelas instâncias científicas, técnicas ou administrativas⁴⁸. Alice Semedo fala da passagem de paradigma estético para o paradigma da representação, procurando dessa forma exemplificar a passagem daquilo que o objeto é, teoricamente e formalmente, para aquilo que ele representa, na prática e num campo de subjetividades⁴⁹.

Apesar da tendência da mudança de enfoque dos objetos para a palavra não se pretende com isso negar o devir do objeto e a sua importância intrínseca. No entanto, os objetos dos museus de etnologia são na sua essência objetos-utensílio e não objetos-obra, numa lógica heideggeriana, e como tal não possuem

⁴⁶ Duarte, Alice (2010), «O desafio de não ficarmos pela preservação do PCI» em Semedo, Alice e Nascimento, Elisa (coord.) (2010), *Actas do I seminário de Investigação em Museologia dos países de Língua Portuguesa e Espanhola*, (online), Porto: Universidade do Porto, p.55. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8034.pdf/>.

⁴⁷ Duarte, Alice (2010), «O desafio de não ficarmos pela preservação do PCI» em Semedo, Alice e Nascimento, Elisa (coord.) (2010), *Actas do I seminário de Investigação em Museologia dos países de Língua Portuguesa e Espanhola*, (online), Porto: Universidade do Porto, p.56. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8034.pdf/>.

⁴⁸ Sousa, Filomena (2015), *Património Cultural Imaterial. Memoriamedia e-museu: métodos, técnicas e práticas*, Alenquer: Memória Imaterial CRL, p.13. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/15872/>.

⁴⁹ Semedo, Alice (2010), «Práticas (i)materiais em museus» em Semedo, Alice e Nascimento, Elisa (coord.) (2010), *Actas do I seminário de Investigação em Museologia dos países de Língua Portuguesa e Espanhola*, (online), Porto: Universidade do Porto, p.67. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8034.pdf/>.

uma autonomia inquietante que apaga o artista, e necessitam da palavra para dar a conhecer o mundo. Apesar desta diferença o discurso que deles se pode retirar faz dele objeto como instaurador, como produtor, na medida em que faz-nos ver algo que não era antes e que não vai ser depois⁵⁰, pois tal como a obra pertence a «uma humanidade histórica que a há de salvaguardar»⁵¹. Com isto queremos dizer que a mensagem que um objeto trás consigo desde a sua origem, altera-se consoante aquele que o observa. O objeto é assim construído por um conjunto variado, e por vezes contraditório, de significados.

O ICOM define o museu como

«uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.»⁵²

Esta definição deixa em aberto a perspetiva que orienta o trabalho de patrimonialização do espólio das instituições. Existem várias perspetivas que se têm vindo a alterar e a desenvolver de acordo com os valores vigentes e com os novos entendimentos do objeto museológico e da função do museu, sendo a tendência mais frequente encontrar-se uma miscigenação e confluência de perspetivas.

O trabalho pode ser orientado segundo uma perspetiva tradicionalista que procura conservar a essência, o típico e o pitoresco, entendendo o património como um relicário do passado. Pode antes contemplar uma perspetiva produtivista e/mercantilista que entende o património como um produto. Pode ainda tomar uma via patrimonialista na qual se recuperam e recriam manifestações extintas. Pode caracterizar-se por uma perspetiva construtivista que constrói, recria e, mais do que isso, reinventa as manifestações, distorcendo a realidade para uma maior atratividade de públicos. Ou ainda adquirir uma perspetiva participacionista, na qual se considera uma dimensão dinâmica do passado ao mesmo tempo que se valoriza a contemporaneidade da manifestação, são alguns dos exemplos⁵³.

Recentemente, no âmbito da 38.^a sessão da UNESCO, em Paris, em Novembro de 2015, foram produzidas três recomendações que voltam a reforçar a importância dos princípios que orientam o nosso projeto. A recomendação sobre a «Preservação e acesso à herança documental incluindo em formato digital» vem relembrar o papel da herança documental como forma de partilha de conhecimento, compreensão e diálogo, a difícil acessibilidade de alguns conteúdos e a vulnerabilidade de desaparecimento face a desastres e/ou derivado aos avanços tecnológicos. Confere igualmente ênfase à

⁵⁰ Heidegger, Martin (1977), *A origem da obra de arte*, Lisboa: Edições 70, p.36.

⁵¹ Heidegger, Martin (1977), *A origem da obra de arte*, Lisboa: Edições 70, p.60.

⁵² «Museu», Definição pelo ICOM. Disponível em: http://icom-portugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx/.

⁵³ Sousa, Filomena (2015), *Património Cultural Imaterial. Memoriamedia e-museu: métodos, técnicas e práticas*, Alenquer: Memória Imaterial CRL, pp.28-32. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/15872/>.

necessidade de articulação entre estado, instituições ligadas ao património e sociedade civil, na criação de mecanismos e critérios mas também de incentivos à proteção deste património documental⁵⁴.

A «Recomendação para a proteção e promoção dos museus e coleções, a sua diversidade e papel da sociedade» vem fortalecer a relação entre património e desenvolvimentos sustentável através do diálogo entre as pessoas, fomentando a coesão social. Neste sentido os museus são entendidos como espaços de transmissão, diálogo, aprendizagem, discussão e treino, arquivos de conhecimento, estimuladores de criatividade e promotores de atividades, nas quais se incluem as indústrias culturais e criativas e de entretenimento. O museu adquire um papel na educação, na coesão social e no desenvolvimento sustentável, apresentando-se como as instituições com maior potencial para sensibilizar para a responsabilidade dos cidadãos em contribuir para a preservação do património⁵⁵.

A ideia de que o museu deve ter um papel na formação do cidadão é incentivada pela terceira recomendação sobre a educação ao longo da vida que considera que a mesma é essencial para que todos possam participar ativamente na sociedade e no mercado de trabalho, desenvolver e enriquecer as suas capacidades, relacionar-se com as suas comunidades e ambientes. Através da aprendizagem ao longo da vida espera-se que os indivíduos desenvolvam um pensamento crítico, ajam com autonomia e sentido de responsabilidade⁵⁶.

A inclusão de novos patrimónios e de novos agentes no campo da museologia veio, sem dúvida, criar novas preocupações, novos desafios e novos paradigmas, para as instituições culturais. Os museus são cada vez convocados a ter um papel ativo e criativo para dar resposta às novas necessidades, combinando princípios, adaptando perspetivas de patrimonialização, e considerando as recomendações.

Os atos festivos, de que daremos conta de seguida, incluem-se na definição do património cultural imaterial, enquanto veículos de práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências, mas também enquanto veículos de identidades e de história. Existem em estreita relação com o lugar onde decorrem e com os grupos sociais que dela fazem parte, tal como a memória.

⁵⁴ UNESCO (2015), *Recommendation concerning the preservation of, and access to, documentary heritage including in digital form*. Disponível em: http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=49358&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html/.

⁵⁵ UNESCO (2015), *Recommendation concerning the protection and promotion of museums and collections, their diversity and their role in society*. Disponível em: http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=49357&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html/.

⁵⁶ UNESCO (2015), *Recommendation on adult learning and education*. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002325/232596e.pdf/>.

1.3 A festa popular religiosa como património cultural local

«Se a memória social existe, é provável que a encontremos nas cerimónias comemorativas, mas estas provam sê-lo apenas na medida em que são performativas.»⁵⁷ Paul Connerton, 1993

A temática da festa popular religiosa foi trabalhada por vários autores ao longo do século XX, em particular na segunda metade do mesmo. Entre os mais citados destacam-se Caillois⁵⁸, Dauvignaud⁵⁹ e Durkheim⁶⁰. Para a análise do contexto português usámos como referência Augusto Santos Silva (1991), Ernesto Veiga de Oliveira (1984), José Madureira Pinto (1985), e Pierre Sanchis (1983). Mais recentemente têm sido produzidos vários artigos, estudos, congressos e conferências, nomeadamente no Brasil, onde a festa, o fazer festa e viver a festa, são entendidos como uma forte componente cultural e identitária dos povos⁶¹.

No capítulo que dedica às romarias e festas, numa obra dedicada às festividades cíclicas em Portugal, escrito originalmente em 1965, Veiga de Oliveira destaca o papel que as mesmas tinham na expressão das tradições locais, bem como a sua função social através do reencontro de gentes e pela criação de um espaço de igualdade onde «todos, pobres e ricos, dão o seu óbolo e por isso a festa é de toda a gente»⁶². Nas palavras de Sanchis trata-se de «um encontro e um momento de vida comum (...) abolição de barreiras políticas e símbolo fugaz de confraternização»⁶³.

As festas eram também palco de momentos de particular «euforia convivente»⁶⁴ em paralelo com a vida espiritual⁶⁵ e em confluência com esta. O carácter efervescente, de espontaneidade e excessos, é particularmente trabalhado pela escola francesa de Durkheim representada no nosso texto por Caillois.

⁵⁷ Connerton, Paul (1993), *Como as sociedades recordam*, Oeiras: Celta Editora, p.5.

⁵⁸ Caillois, Roger (1950), *O homem e o sagrado*, Lisboa: Edições 70.

⁵⁹ Dauvignaud, Jean (1973), *Fêtes et Civilisation*, Paris: Weber, pp. 131-136.

⁶⁰ Durkheim, Émile (2002), *As formas elementares da vida religiosa*, Oeiras: Celta Editora, Edição original 1912.

⁶¹ Veja-se por exemplo Passos, Mauro (Coord.) (2002), *A festa na vida: significado e imagens*, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes ou Chianca, Luciana (org.) (2008), *Anais do II colóquio Festas e Sociabilidades*. Disponível em: <http://anaiscolouiofestas2.wordpress.com/nomedoarquivo.html/>.

⁶² Oliveira, Ernesto Veiga de (1984), *Festividades cíclicas em Portugal*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, p. 218.

⁶³ Sanchis, Pierre (1983), *Arraial: festa de um povo*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, p. 40.

⁶⁴ Oliveira, Ernesto Veiga de (1984), *Festividades cíclicas em Portugal*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, p. 226.

⁶⁵ A propósito da dualidade que caracteriza estes eventos Veiga de Oliveira será o primeiro autor a questionar o comprometimento da comissão organizadora com a celebração religiosa.

Para este autor, a festa «instaura o sagrado da transgressão», oferece um momento de libertação dos constrangimentos do quotidiano e renova as forças ciclicamente⁶⁶.

Na sua obra, Sanchis começa desde logo por referir as festas como uma parte significativa da herança cultural, ligadas à transformação social, idealizadas, mantidas sem interesse, palco de uma evolução de reportórios, e vulneráveis aos efeitos da cidade. Chama também a nossa atenção para a dualidade do evento realçando uma clara separação entre o sagrado e o profano, onde se apela às noções de tolerância e respeito no planeamento das várias fases do evento.

Também José Madureira Pinto⁶⁷, ao estudar a festa anual de Fonte Arcada nos anos 80 do século XX, e Augusto Santos Silva⁶⁸, dez anos depois, ao estudar o caso de São Torcato, assistem e descrevem as transformações na constituição social das sociedades e no «sistema de habitus» que orientava as vivências. Os autores relacionam estas alterações com o crescimento dos centros urbanos e do trabalho industrial que introduz novas atividades, modos de pensar, diferenciados de um contexto rural⁶⁹.

« (...) a transformação dos mecanismos de socialização das gerações mais novas (...) não só pela extensão da escolarização com o seu efeito de implícita desvalorização/excomunhão das formas de cultura não erudita, como ainda pelo contacto das suas populações com hábitos, valores e produtos da cultura urbana (...)»⁷⁰.

A proximidade das práticas às transformações no meio social, provocadas pelo contacto com novos valores, tornam-nas particularmente vulneráveis a alterações de sentido e nalguns casos ao consequente desaparecimento e/ou substituição por outras.

No caso das festas populares religiosas têm-se assistido a um aumento das celebrações, recuperando ou instaurando «tradições», foclorizando práticas, e cujo propósito, cada vez mais, tende a ser o lucro encoberto pela celebração votiva⁷¹.

⁶⁶ Caillois, Roger (1950), *O homem e o sagrado*, Lisboa: Edições 70, pp. 107-125.

⁶⁷ Pinto, José Madureira (1985), *Estruturas sociais e práticas simbólico ideológicas nos campos*, Porto: Edições Afrontamento.

⁶⁸ Silva, Augusto Santos (1994), *Tempos cruzados: um estudo interpretativo da cultura popular*, Porto: Edições Afrontamento.

⁶⁹ Pinto, José Madureira (1985), *Estruturas sociais e práticas simbólico ideológicas nos campos*, Porto: Edições Afrontamento, p.401.

⁷⁰ Pinto, José Madureira (1985), *Estruturas sociais e práticas simbólico ideológicas nos campos*, Porto: Edições Afrontamento, p.420.

⁷¹ «As festas de verão», *Badaladas*, 13 Ago 1966, e Jorge, Manuel «As festas aos Santos Padroeiros», *Badaladas*, 25 Agosto de 1995.

Joaquim Teixeira avança com uma hipótese para pensar a relação entre festa e identidade. «Diz-me o que festejas e como festejas que eu dir-te-ei quem és.»⁷². Em várias ocasiões ao longo da história dos povos e civilizações podemos ver uma estreita relação entre as celebrações e os processos políticos e sociais, acabando por desempenhar um papel relevante na afirmação da identidade de estados, povos e culturas. No caso português podemos mencionar as festas de propaganda republicana, que ocuparam o lugar das festas religiosas censuradas⁷³ ou as dinamizadas durante o estado-novo, que construíram o imaginário português das principais festas populares que perduram até aos nossos dias.

É quase inevitável não abordar o conceito de tradição que aparece na base discursiva destas celebrações e que nos remete para a obra de Eric Hobsbawm. O autor alerta-nos para o facto de as tradições, que consideramos ser uma prática ancestral, transmitida geracionalmente e que conservam os valores originais, serem em muitos casos inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas. No seu entender, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição criando uma relação com um passado histórico apropriado. Distinguem-se dos costumes, variáveis, e das convenções ou rotinas, com função prática e sem função simbólica. Através do seu estudo de casos avança três categorias de classificação de tradições inventadas de acordo com a sua função: 1. estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; 2 estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou autoridade; e 3 têm como propósito a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valor e padrões de comportamento⁷⁴.

A importância das festas reside na sua função social na medida em que nelas se reforçam as semelhanças e o que une os celebrantes, apresentando um papel relevante na afirmação de identidades. São também relevadoras do que a comunidade num determinado momento considera como sendo o seu património e a sua cultura, o que considera importante de ser lembrado e/ou esquecido.

Assim, também o que os indivíduos relembram de festas passadas e/ou o entendimento que várias gerações ou grupos detêm de um mesmo evento no presente dão conta de diferentes seleções e posições patrimoniais e identidades, em constante construção face à passagem do tempo.

Estes são elementos importantes a reter e cuja imaterialidade se apresenta como um desafio às instituições museológicas, cujo paradigma está como vimos em mudança, e cada vez mais o enfoque passa dos objetos para as pessoas, entendendo-se o museu como um espaço que tem como função estar atento as dinâmicas do presente e em estreita ligação com as comunidades. Nesse sentido, a temática das festas

⁷² Teixeira, Joaquim de Sousa (2010), «Festa e identidade», *Comunicação & Cultura*, 10 (Outono-Inverno 2010), Lisboa. p.27 . Disponível em: <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/10485/>.

⁷³ Veja-se para o caso português: Matos, Venerando Aspra (2006), «Festa religiosa, festa republicana» em *Turres Veteras VII: História das festas*, Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras, pp.257-274.

⁷⁴ Hobsbawm, Eric e Terence Ranger, (1984), *A invenção das tradições*, Rio de Janeiro: Paz e terra, pp.9-17.

populares apresenta-se como um tema rico para a criação de diálogos e pontes entre passado, presente e futuro.

1.4 Gerir o património cultural

No contexto da preservação do património imaterial as novas tecnologias oferecem várias possibilidades e são tidas como um veículo privilegiado. «A preservação de som, imagem e texto permite que essa relação seja mais rica»⁷⁵. Um exemplo dado por este autor é o «Museu da Pessoa» criado no Brasil e acolhido, em Portugal, pela Universidade do Minho⁷⁶. Nós acrescentaríamos o trabalho desenvolvido pelo projeto «Aldeias de Memória», «Arquivo da Memória», e do projeto «MemoriaMedia» que foram grandes inspirações para a nossa proposta. Outros projetos tais como o «Histórias à mesa», as várias iniciativas do «clubes sénior» de Torres Vedras e da «Fábrica das Histórias – Casa Jaime Umbelino», o trabalho desenvolvido pelo «Museu da Luz» e pelo «Museu do Trabalho Michael Giacometti» em Setúbal, o projeto «Retalhos da nossa identidade» em Loulé, entre outros, foram também importantes influências e incentivos à nossa proposta.

O «Museu da Pessoa» afirma-se como um museu virtual e colaborativo, fundado em 1991 no Brasil, que tem como objetivo «objetivo registar, preservar e transformar em informação, histórias de vida de toda e qualquer pessoa da sociedade». Reúne depoimentos áudio, vídeo, texto, fotografias e documentos digitalizados. A sua missão é que as histórias de vida possam ser fonte de conhecimento e conexão entre as pessoas e povos. Executam também projetos ao nível da memória institucional, ou seja associada à história de uma organização. Este projeto apresenta várias particularidades: Tem as suas portas sempre abertas para receber interessados em deixar o seu testemunho; permite que os utilizadores *online* também possam enviar a sua história (depoimentos, documentos e fotografias); cada utilizador do portal do Museu pode selecionar registos de outros utilizadores criando uma coleção própria, temática, com a qual se identifique e partilha-la, adquirindo desta forma o papel de curador⁷⁷.

O projeto «Aldeias de Memória»⁷⁸ é promovido pela empresa «Sítios e memórias»⁷⁹, e foi criado em 2008 no concelho de Arganil. Tem vindo a trabalhar a metodologia das histórias de vida com o

⁷⁵ Oliveira, José (2007), «O museu na era do ciberespaço», *Ciberlegenda*, out/2007, p.10. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/artigojoseclaudiofinal.pdf/>.

⁷⁶ «Linhas de ação do Museu da Pessoa» e exploração de conteúdos do website «Museu da Pessoa». Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/pt/entenda/linhas-de-acao/rede/>.

⁷⁷ «Linhas de ação do Museu da Pessoa» e exploração de conteúdos do website «Museu da Pessoa». Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/>

⁷⁸ Apresentação do projeto «Aldeias de Memória» e exploração de conteúdos. Disponível em: <http://www.aldeiasdememoria.com/>.

objetivo de valorizar e divulgar o património, a memória, e de criar identidades. Materializa-se num *site* no qual se dão a conhecer oito aldeias do concelho de Arganil através de diferentes conteúdos. Para cada um dos locais apresentados é feito um levantamento histórico, apresentam-se fotografias, músicas, bibliografia, bem como os seus habitantes. Cada um dos habitantes tem um espaço no qual partilha a sua história de vida através de fotografias, vídeos, som, textos e ainda através de um livro feito com transcrições em formato digital (.pdf). Os registos em vídeo, som e texto encontram-se categorizados por temas, tais como ascendência, casa, educação, costumes, quotidiano, migração, namoro ou casamento, entre outros.

A plataforma «Arquivo de Memória»⁸⁰ teve início enquanto projeto piloto em 2010, em Vila Nova de Foz Côa, e é promovido pela ACOA- Associação de Amigos do Parque e Museu do Coa. Parte de uma preocupação inicial muito diferente do projeto anterior. Para esta equipa o objetivo inicial era diminuir a solidão e isolamento da população sénior. A resposta a este repto surgiu pelo entendimento deste núcleo populacional como fonte de conhecimento e partir daqui procurou-se recolher testemunhos e preservar memórias, «contar a história recente de realidades distantes», numa colaboração entre gerações e que resultou primeiro num conjunto de edições de histórias de vida em formato de livros e posteriormente numa base de dados *online* no qual se disponibilizam os testemunhos orais em vídeo e documentos pessoais associados (cartas, postais, fotografias...). É possível pesquisar por pessoa, lugar, tema, galeria, coleções ou palavra-chave. O lançamento do projeto-piloto contou com a colaboração de duas turmas, uma de 7.º ano e outra do 12.º ano da Escola Secundária de Vila Nova de Foz Côa, que receberam formação na área da recolha de testemunhos e criação de arquivos durante um ano letivo e com o financiamento do programa «Entre Gerações» no âmbito da linha de desenvolvimento humano da Gulbenkian.

O projeto «MemoriaMedia»,⁸¹ gerido pela entidade «Memória Imaterial CRL», consultora do Comité Intergovernamental para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial da UNESCO, assume-se como um *e-museu* do património cultural imaterial. Iniciou-se em 2006 e tem como «objetivos o estudo, a inventariação e divulgação de manifestações do património cultural imaterial: expressões orais; práticas performativas; celebrações; o saber-fazer de artes e ofícios e as práticas e conhecimentos relacionados com a natureza e o universo». Os conteúdos recolhidos são depois disponibilizados no *site* do projeto constituindo um inventário nacional. A principal ferramenta usada pelo projeto é a entrevista e o vídeo

⁷⁹ Apresentação da empresa «Sítios e Memórias». Disponível em: <http://sitiousememorias.com/>.

⁸⁰ «O projeto: apresentação e história» e exploração de conteúdos em website do projeto «Arquivo de Memória». Disponível em: <http://www.arquivodememoria.pt/projecto/pagina.aspx?id=1/>.

⁸¹ «Quem somos» e exploração de conteúdos no website «MemoriaeMedia». Disponível em: <http://memoriamedia.net/>.

documentário, sendo que para cada manifestação é realizada investigação documental e uma ficha de inventário. No *site* podemos também encontrar um separador dedicado às histórias de vida. Este projeto tem colaborado com outras instituições por todo o país, fornecendo serviços de consultoria e apoio técnico à inventariação do património imaterial. Destacamos a colaboração em 2010 com a «Fábrica das Histórias – Casa Jaime Umbelino» e «clube Sénior» de Torres Vedras na recolha de histórias do concelho. Sobre esta última organização falaremos mais adiante.

Para além destes exemplos, outros mais específicos merecem destaque, como o caso do projeto «Histórias à mesa»⁸², criado em 2015, promovido pelo blogue «A mesa portuguesa»⁸³ e apoiado pela cadeia de hipermercados *Intermarche*. Este projeto, mais do que procurar documentar e preservar de forma positivista receitas características do território português, procura documentá-las em contexto, tenta captar as emoções e sentimentos que elas despoletam em quem as executa, as memórias e histórias a elas associadas e que não raras vezes lhe dão outro sentido.

No universo cada vez mais comum que são os centros de dia, lares, clubes séniores e universidades séniores promovem-se inúmeros projetos não apenas com o objetivo de preservar o património, mas como forma de estimular a saúde e o bem-estar pelo estímulo da memória, pela criação de valor e autoestima. São iniciativas pontuais, mas não menos importantes mas que pela sua diversidade não iremos contemplar aqui, com exceção do trabalho desenvolvido pelo «Clube Sénior» de Torres Vedras em colaboração com a «Fábrica das Histórias – casa Jaime Umbelino», por ser desenvolvido na área geográfica na qual se insere o nosso projeto.

O «Clube Sénior», criado pela Câmara Municipal de Torres Vedras, em colaboração com as Juntas de Freguesia do concelho, em 2007, abrange dez das vinte freguesias do concelho, entre elas a freguesia do Ramalhal e integra cerca de 300 seniores⁸⁴. O clube consiste num projeto de animação sociocultural e tem participado em iniciativas relacionadas com o património cultural imaterial, em concreto com as histórias de vida, de que é exemplo a iniciativa de celebração do dia internacional das histórias de vida⁸⁵ na qual se integram a atividade «Histórias do “antigamente” de “graúdos”», onde alunos do 5.º ano de escolaridade, da Escola Básica Integrada Padre Francisco Soares, contam histórias dos membros do clube sénior dos núcleos de Monte Redondo e Dois Portos, «Livro de retalhos» – uma

⁸² Apresentação do projeto «Histórias à mesa». Disponível em: <http://www.intermarche.pt/historias-mesa/>.

⁸³ Apresentação do projeto em formato blogue «À mesa Portuguesa» e exploração de conteúdos. Disponível em: <http://www.amesaportuguesa.pt/>.

⁸⁴ Informação sobre o «clube sénior de Torres Vedras» consultado em: <http://www.cm-tvedras.pt/seniores/clube-senior/>.

⁸⁵ «Histórias de vida foram mais uma vez festejadas em Torres Vedras», Portal do Município de Torres Vedras, texto datado de 28 de Maio de 2015, Disponível em: <http://www.cm-tvedras.pt/artigos/detalhes/historias-de-vida-foram-mais-uma-vez-festejadas-em-torres-vedras/>.

exposição dentro do projeto «No coração da minha infância». Deste resultaram uma série de autobiografias impressas, que partem de história de vida dos membros do núcleo da Maceira e um conjunto de instalações artísticas associadas a cada uma das histórias, realizadas pelos alunos do 12.º ano da Escola Secundária Henriques Nogueira, em Torres Vedras, «Quarto Escuro» associado ao projeto «Anotar os dias», cuja temática este ano foi como se vivia sem luz elétrica, seguido com o papel dos burros no quotidiano. Todas estas iniciativas, entre outras, têm em vista a criação de um Museu Regional de Recordações. Cremos que a existência destas dinâmicas no concelho justificam a pertinência do nosso projeto, que participa de princípios semelhantes ao valorizar a importância das histórias de vida, estórias e saberes da população sénior, e reduzem o risco de desinteresse do público pelo sucesso que estas iniciativas têm tido. Do nosso ponto de vista, todas estas iniciativas apenas pecam pela ausência de registos fílmicos dos testemunhos recolhidos e partilhados, pois consideramos que a oralidade, a forma como cada de nós se expressa e apropria de expressões, vocábulos, entre outros, são também traços da nossa identidade e do nosso património.

Convém também realçar iniciativas promovidas em contexto museológico, como seja as atividades desenvolvidas pelo «Museu da Luz», na nova Aldeia da Luz, que consistiam em conversas e histórias em torno dos objetos contadas pelos seus utilizadores. Esta iniciativa foi possível devido às particulares dinâmicas de constituição do acervo do museu a partir do que foi deixado na agora submersa aldeia da Luz e das doações feitas pelos habitantes⁸⁶, ou das histórias de vida que invadiram a «Casa do Barro», no Fundão, complementando o discurso museográfico⁸⁷. Também o «Museu do Bordado e do Barro», de Nisa, apresenta um quiosque multimédia no qual podemos ficar a conhecer as várias fases da produção da loiça empedrada através de registos fílmicos e das explicações dos artesãos.

No extremo do imaterial, e com um enfoque exclusivo nas pessoas, em contexto museológico poderíamos mencionar a exposição itinerante «Sete mil milhões de outros»⁸⁸. O projeto sem fins lucrativos pertence à fundação «GoodPlanet». Reúne 6 000 entrevistas a pessoas de 84 nacionalidades. Todos os entrevistados responderam às mesmas perguntas sobre os seus medos, sonhos, problemas e esperanças. Foram mais de 40 perguntas com objetivo de mostrar o que nos separa e o que nos une através da palavra e a importância de escutar o outro. Os vários testemunhos vão sendo apresentados em formato vídeo. Aquando da passagem da exposição por Portugal, entre Novembro de 2014 e Fevereiro de 2015, acolhida pela fundação EDP no «Museu da Eletricidade», foi realizado uma recolha sobre o «que é ser português».

⁸⁶ «Visitar o Museu» e «Programação» do «Museu da Luz». Disponível em: <http://www.museudaluz.org.pt/>.

⁸⁷ «Notícia municipal do Fundão: «Inauguração da Casa do Barro». Disponível em: https://www.cm-fundao.pt/municipionews/inauguracao_casa_barro_telhado/.

⁸⁸ Apresentação do projeto «Sete Biliões de Outros». Disponível em: <http://www.7billionothers.org/pt/lisboa/>.

O «Museu de Trabalho Michel Giacometti», em Setúbal, apresenta já uma metodologia mais complexa de trabalho em progresso. A instituição lançou, em 2009, o «Centro de Memórias» que tem vindo a formalizar o trabalho na área da recolha de memórias, vivências e histórias de vida como forma de «usufruir de imaginários para nós distantes», reconstituir e resgatar do anonimato das experiências e histórias de vida que marcaram a vida social e laboral de Setúbal que tem sido o repto do museu. Entre as ações realizadas destacamos a exposição «Varinos, nós?» e o projeto de interpretação de fotografias da região do «Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro».

Destacamos esta exposição pelo desafio curatorial de musealizar um sentimento cuja solução passou por processo de curadoria comunitária/participativa, na qual os descendentes dos varinos foram entendidos como agentes, ao invés de recursos, e lideraram o processo de identificação do património material e imaterial. Os objetos por estes escolhidos e fornecidos para integrarem a exposição foram posteriormente devolvidos, considerando o museu que estes já não eram os mesmos, alterando a relação dos seus detentores com os objetos, a memória e o património. De referir ainda que os registos fílmicos integraram a exposição como forma de melhorar a acessibilidade dos conteúdos dado que uma parte dos informantes e do público-alvo era analfabeta. No entanto os mesmos revelaram-se de uma enorme riqueza ao darem conta da complementaridade entre gestos e oralidade, que se perdia completamente nas transcrições e que nalguns casos fazia perder parte do sentido do discurso⁸⁹.

O projeto de interpretação de fotografias da região do «Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro» é composto por um grupo de voluntários constituído essencialmente por seniores e pensionistas, que se reúne semanalmente no «Centro de Memória do Museu de Setúbal», alargando as legendas originais através do reconhecimento de objetos, pessoas, lugares e memórias associadas. Isabel Victor realça a dimensão terapêutica desta iniciativa estimulando a sociabilidade entre os participantes que formam grupos informais e reúnem-se fora do museu para aprofundar e/ou esclarecer dúvidas, mas também se dirigem à biblioteca com o mesmo fim⁹⁰. Esta iniciativa deu, em 2007, origem à exposição «13, 13 fotografias, 13 estórias, 13 filmes» no Museu de Setúbal⁹¹.

⁸⁹ Victor, Isabel (2010), «The Centre of Memories: work in progress. Case of the Michel Giacometti Labour Museum, Setúbal, Portugal», *Cadernos de Sociomuseologia*, América do Norte, 38, Oct. 2010, p.200. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/1653/1316/>.

⁹⁰ Victor, Isabel (2010), «The Centre of Memories: work in progress. Case of the Michel Giacometti Labour Museum, Setúbal, Portugal», *Cadernos de Sociomuseologia*, América do Norte, 38, Oct. 2010, p.206. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/1653/1316/>.

⁹¹ Apresentação da exposição «13». Consultado em: <http://www.memoriamedia.net/index.php/13-fotografias/>.

Na continuidade da recolha de património imaterial começada por Giacometti ao nível da musicalidade popular, o museu continua o trabalho de documentação e inventariação acompanhando as festividades religiosas que ocorrem na área⁹².

No Brasil destacamos o projeto experimental «Paisagens da Ilha: Património, Museus e Sustentabilidade», desenvolvido desde 2014, por investigadores da Universidade Federal de Piauí. Tendo em vista a criação de um museu de base comunitária que englobe a complexidade dos patrimónios e identidades vigentes na região, o grupo de trabalho encontra-se a trabalhar com a comunidade incentivando conversas de grupo, informais, com uma componente lúdica, com as comunidades, nas quais se privilegia a troca de memórias, histórias e conhecimento e a reflexão em torno das mesma. A documentação destes momentos dará corpo no futuro ao acervo do museu entendido como um espaço de trocas e de reflexões sobre a gestão sustentável do património⁹³.

Achámos também pertinente incluir o trabalho desenvolvido pela associação «Arquivo dos Diários», desde 2015, com sede em Lisboa. Ao contrário dos restantes projetos mencionados, esta associação tem como objetivo a constituição de num arquivo físico no qual se podem depositar diários, cartas ou textos autobiográficos. A associação pretende desta forma preservar, valorizar e divulgar as memórias «de gente comum» contribuindo para «um conhecimento mais democrático e fiel da História»⁹⁴.

De forma algo semelhante, a Câmara Municipal de Loulé lançou, em 2014, a iniciativa «Retalhos da nossa identidade», solicitando fotografias do concelho para digitalização como forma de alargar o acervo da Fototeca e enriquecer e perpetuar a história da região. Estas são apenas algumas iniciativas das várias que se desenrolam em simultâneo por todo o país e que dão conta de uma cada vez maior sensibilidade para a importância do quotidiano e das vivências pessoais e para o papel que a sociedade civil pode ter na preservação da sua própria história, democratizando o conhecimento. Também em 2014 a Fototeca do Museu Municipal de Loulé lançou o projeto «Desculpe, como me chamo?» com o objetivo de identificar os retratados no espólio do fotógrafo Padre Guerreiro, pertencente ao Museu, através da

⁹² Cardoso, Maria (2016) «Centro de Memórias do Museu do Trabalho Michel Giacometti», em Carvalho, Ana (coord.) (2016), *Participação: partilhando a responsabilidade*, Acesso Cultura, pp.98-100. Disponível em: <https://acessoculturapt.files.wordpress.com/2015/01/participacca7acc83o-partilhando-a-responsabilidade-web.pdf/>.

⁹³ Pinheiro, Áurea e Cássia Moura (2016), «Paisagens da Ilha: património, Museus e Sustentabilidade» em Carvalho, Ana (coord.) (2016), *Participação: partilhando a responsabilidade*, Acesso Cultura. Disponível em: <https://acessoculturapt.files.wordpress.com/2015/01/participacca7acc83o-partilhando-a-responsabilidade-web.pdf/>.

⁹⁴ «Missão» do projeto «Arquivo dos Diários» e exploração de conteúdos em website. Disponível em: <http://www.arquivodosdiarios.pt/>.

colaboração do público⁹⁵. Esta atividade tem lugar na primeira quarta-feira do mês nas instalações da Fototeca e pretende aproximar o público do acervo do museu e contribuir o enriquecimento da história social do concelho de Loulé.

1.4.1 Os quiosques multimédia em contexto museológico

O quiosque multimédia pode ser considerado o antecessor da aplicação informática móvel. A sua integração em contexto museológico tem vindo a ser explorada desde os anos 1980 em simultâneo com o movimento da Nova Museologia, nomeadamente nos museus de ciência. Desde os anos 1990 que várias associações se tem vindo a dedicar a explorar a relação dos museus com as tecnologias e com a internet. Os primeiros estudos tiveram início em 1991, nos Estados Unidos América, e foram promovidos pelo ICHIM - International Cultural Heritage Informatics Meetings até 2007. Esta primeira conferência teve como tema o uso da hipermédia e da interatividade nos museus. Entre 1992-1996 o ICOM procedeu a uma investigação da qual resultou o relatório «Introduction to multimédia in museums». Este relatório é bastante extenso e detalhado e encontra-se dividido em três secções nas quais se dá atenção ao uso do multimédia nos museus (análise da utilidade e valências), ao desenvolvimento dos sistemas multimédia (desde a criação ao projeto, passando pela seleção do conteúdo, questões financeiras, formatos, gestão, design, estrutura e avaliação) e por fim às questões que se são levantadas (propriedade intelectual, segurança, direitos, legislação)⁹⁶.

O relatório realizado, em 2013, pela consultora independente Arup Foresight + Research + Innovation, sobre as tendências dos museus dá desde logo conta de uma nova geração, a qual designa de *net-natives*, ou seja a geração da internet, para a qual as funcionalidades básicas das tecnologias digitais já não são representativas de novidade e que exigem novos meios de contar histórias, de envolver o visitante e criar conteúdos⁹⁷. Ao mesmo tempo um estudo realizado pela Dosdoce.com revela a necessidade de as instituições culturais se manterem atuais e acompanharem as novas tendências tecnológicas que são entendidas como o desafio do século XXI. Os resultados apurados pelo estudo revelam que os quiosques

⁹⁵Apresentação do projeto «Desculpe, como me chamo?». Disponível em: <http://www.museudeloule.pt/pt/menu/1144/desculpe-como-me-chamo.aspx/>.

⁹⁶Davis, Ben., Trant, Jennifer., van der Starre, Jan (1996), *Multimedia in museums*, The Hague: CIDOC Multimedia Working Group.

⁹⁷Luebkehan, Chris e Josef Hargrave (2013), *Museums in the digital age*, London: ArupFRI, p. 8. Disponível em: http://www.arteducators.org/research/2013_Arup_FRI_MuseumsintheDigitalAge_final_web.pdf/.

touch-screen são uma realidade em 51% das instituições e são usados para melhorar e enriquecer a experiência do visitante⁹⁸.

Estas aplicações têm por base o conceito de multimédia que se define pela «conjugação de vários média para serem utilizados em dispositivos eletrónicos que os suportem»⁹⁹, ou seja, contemplando mais do que um tipo de conteúdo: texto, imagem, vídeo e som. A navegação entre conteúdos é possibilitada pelo que se designa de hipertexto e hipermedia. Este último conceito coloca o ênfase no utilizador que é chamado a ter um papel ativo e pode de forma interativa e livre navegar entre os diferentes componentes disponíveis, isto é, não se limita a ser um mero espectador. O avanço das tecnologias tem permitido a evolução dos quiosques e o aumento do nível de interatividade e do leque de experiências por estas possibilitadas.

Estes dispositivos permitem, assim, fornecer outros dados relevantes, complementares aos conteúdos expositivos tradicionais, combinando diferentes formatos de conteúdo, ajustados ao tipo de visitante, melhorando a interpretação e o nível de envolvimento do mesmo. Permitem também aumentar o tempo de visita e facilitar a interação social entre os visitantes. Estes conteúdos são facilmente alterados e atualizados, a um baixo custo para a instituição¹⁰⁰.

Estudos indicam que a presença destes e outros dispositivos multimédia interativos atraem um vasto leque heterogéneo de visitantes e são particularmente populares entre os mais jovens, levam o visitante a demorar-se mais na sua visita e estimulam a interação social entre os visitantes¹⁰¹. Contudo, a análise de alguns casos demonstra que é necessário ter cuidado no desenho da aplicação para que tal aconteça dado que pode existir uma tendência para o individualismo e uma orientação para o equipamento em detrimento dos objetos expostos (e.g. pequenos quiosques que exibem vídeos-documentários)¹⁰². Outros revelam que estes, para além de motivarem o utilizador e criarem um maior envolvimento,

⁹⁸ Dosdoce.com (2013), *Museums in the digital age: Using new technologies before, during and after visiting a museum, cultural institution or art gallery*, Madrid: Dosdoce Digital Culture. pp.2,3,5,12. Disponível em: http://www.dosdoce.com/upload/ficheros/noticias/201305/museums_in_the_digital_age__a_dosdoce_survey.pdf/

⁹⁹ Padrão, José (2012), *Desenvolvimento e exploração de um quiosque multimédia educativo para o Museu Militar de Bragança: estudo de caso de uma visita de estudo*, Dissertação de mestrado em TIC na educação e formação, Instituto politécnico de Bragança, p.8. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10198/7637/>.

¹⁰⁰ vom Lehn, D., & Heath, C. (2005). «Accounting for new technology in museum exhibitions», *International Journal of Arts Management*, 7(3), pp. 11 – 13.

¹⁰¹ Veja-se Economou, Maria (1998), «The evaluation of museum multimedia applications», *Museum Management and curatorship*, 17(2), pp.173-187.

¹⁰² vom Lehn, D., & Heath, C. (2005). «Accounting for new technology in museum exhibitions», *International Journal of Arts Management*, 7(3), p. 18.

trabalham o conceito de *edutainment*¹⁰³, isto é, uma aprendizagem com uma componente lúdica, nomeadamente através da integração de *quizz* e jogos.

Quanto às perceções e expectativas dos visitantes sobre este tipo de equipamentos integrados em exposições as pesquisas conduzidas indicam que estes melhoram a perceção da instituição, tornando-a mais apelativa em detrimento dos museus que apenas recorrem aos dispositivos tradicionais de comunicação, menos elitista e mais *family-friendly*. Os visitantes valorizam uma experiência multissensorial, única, que lhes permita explorar autonomamente e descobrir conteúdos de forma livre, com a qual se possam relacionar culturalmente, traçando paralelos com a atualidade e com a sua experiência pessoal. Apesar do carácter único e inovador da aplicação e da novidade que se supõe que represente para o utilizador, o quiosque deve ao mesmo tempo recorrer a dispositivos, ações e estruturas que sejam próximas e familiares ao mesmo¹⁰⁴. A experiência deve também permitir-lhes aceder a conteúdos normalmente inacessíveis, por exemplo partes não visíveis de um objeto e a histórias de carácter mais pessoal associadas ao mesmo ao invés de informações mais técnicas, demonstrando não ter paciência para texto elaborados¹⁰⁵.

Em Portugal cada vez mais assistimos à integração destes tipo de dispositivos, entre outros, com diferentes níveis de interação e objetivos. Seleccionamos apenas alguns para dar conta das possibilidades que os mesmos apresentam, com base na nossa experiência de utilizadores.

Começamos por referir o caso do «Museu Nacional de Arqueologia», que tem vindo ao longo de 2015/2016 a desenvolver um trabalho meritório na área da integração das novas tecnologias em contexto museológico, no qual podemos encontrar dois tipos de quiosques. O primeiro tipo surge associado às exposições temporárias e exhibe vídeos de contextualização enquanto o segundo, associado à exposição permanente e localizado junto à saída, faz parte de um núcleo experimental, e apresenta diversos jogos entre eles um puzzle com a imagem de uma ara e um outro de um jogo tradicional romano.

Na Igreja de São Pedro de Canaferrim, recuperada como Centro de Interpretação do Castelo dos Mouros em 2015, em Sintra, vários *tablets* com informação multimédia detalhada acompanham as vitrinas

¹⁰³ Muchaco, Rute (2009), *Museu e novos media: a redefinição do espaço museológico*, Dissertação de mestrado em Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e tecnologias, p.48. Disponível em: http://www.museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/rute_muchacho.pdf/.

¹⁰⁴ Adams, Marianna & Moussouri, Theano (2002), *The Interactive experience: linking research and practice*. Apresentado no âmbito da conferência Interactive learning in museums of art & Design: an international conference at Victoria and Albert Museum. Londres, 17-18 Maio 2002..

¹⁰⁵ Katre, Dinesh & Sarnaik, Mandar (2010), «Identifying the cognitive needs of visitors and content. Selection parameters for designing the interactive kiosk software for museums» em Katre Dinesh et al (ed.), *Human Work Interaction Design: usability in social, cultural and organizational contexts*, s.l.: Springer Berlin Heidelberg, pp.168-179.

fornecendo informações, em vários idiomas, de contextualização sobre os objetos recolhidos nas escavações arqueológicas e registos fotográficos das peças e/ou similares (e.g. no caso de se tratar de um conjunto de moedas).¹⁰⁶

Aquando da exposição «O Circulo Delaunay», no Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian, entre Novembro e Fevereiro de 2016, foi integrado no primeiro núcleo da exposição um quiosque que permitia a exploração interativa da cronologia abrangida pela exposição, representada graficamente nas paredes da sala polivalente. Através do quiosque podíamos aceder a textos e à seleção de obras escolhidas.

∴

Ao longo deste capítulo procuramos compreender do que estamos a falar quando pensamos no conceito de memória. Tivemos oportunidade de ver que a memória pessoal se encontra ancorada em contextos e que tem como veículo principal de transmissão a via oral tornando-se o objeto de estudo da história oral. Enquanto fonte de conhecimento levanta algumas questões não deixando por isso de constituir um elemento importante na construção de identidades e na identificação de patrimónios. Desse modo a sua inclusão no âmbito museológico tem criado desafios às instituições como tivemos oportunidade de ver pela inclusão de novos agentes e novos tipos de conteúdos com uma componente imaterial, como seja o caso das festas populares. As novas tecnologias surgiram como uma forma de dar resposta à gestão combinada de conteúdos diferenciados permitindo criar plataformas em formato *online* ou quiosques multimédia, que nalguns casos funcionam como *e-museus*, expandindo as instituições culturais para além dos seus limites físicos por um lado, e por outro, e incluindo no seu interior conteúdos que pelo seu suporte não poderiam existir em permanência dentro de um museu. No capítulo seguinte iremos apresentar o lugar do Ramalhal com vista a aplicar os conceitos aqui trabalhados a um caso prático, mostrando a sua pertinência, e posteriormente propondo uma forma de gestão a partir das novas tecnologias multimédia.

¹⁰⁶ «Notícia da empresa Parques de Sintra de 9 de Março de 2015 «Castelo dos Mouros com novo centro de interpretação e musealização do campo de investigação arqueológica». Disponível em: <https://www.parquesdesintra.pt/noticias/castelo-dos-mouros-com-novo-centro-de-interpretacao-e-musealizacao-do-campo-de-investigacao-arqueologica/>.

CAPÍTULO II Conhecer o Ramalhal: freguesia e lugar

2.1 Contexto geográfico, histórico, sociodemográfico: Ramalhal, Torres Vedras



Figura 2 Mapa da freguesia do Ramalhal. Imagem editada pela autora¹⁰⁷.

A freguesia do Ramalhal localiza-se a 7 km de Torres Vedras, tem uma área aproximada de 37 km² e é composta por 5 lugares: Abrunheira, Ameal, Casais Larana e Vila Facaia. O lugar do Ramalhal, sede de freguesia, apresenta acessos privilegiados, sendo atravessado pela estrada nacional N8. Possui estação de comboio, afastada cerca de 2 km do centro, e fica a 5 minutos da saída 9 da autoestrada A8. Diariamente, com menor frequência nos fins-de-semana, a zona é servida pela rede de transportes «Barraqueiro», fazendo a ligação à cidade de Torres Vedras e Campelos. Os lugares têm evoluído independentemente, sendo a sua união meramente administrativa. É do conhecimento comum as rivalidades entre os vários lugares, nomeadamente entre o Ramalhal e o Ameal, que tem passado de geração em geração. As origens desta rivalidade prendem-se com a história das origens da freguesia e com a passagem da igreja do Ramalhal a igreja paroquial: entre os habitantes corre a história de que os moradores do Ramalhal terão roubado o sino da paroquial do Ameal para a sua igreja, fazendo dela a igreja paroquial e, conseqüentemente, a sede de Freguesia, afirmando dessa forma a superioridade de um lugar em detrimento dos restantes.

Os núcleos habitacionais encontram-se separados por zonas verdes, correspondentes a explorações agrícolas e áreas florestais caracterizadas pela presença de eucaliptos.

¹⁰⁷ Fonte: Gomes, Joaquim (2009), *A freguesia do Ramalhal no Tempo*, Torres Vedras: Grafivedras, p.21.

Na região predominam a indústria do barro vermelho, do grés, carvão vegetal, a agricultura e a indústria agroalimentar. Atualmente existem duas grandes cerâmicas em funcionamento, bem como a maior fábrica de rações para animais «Valouro» e uma das maiores empresas agroalimentares «Avibom». Na freguesia estão ainda implantadas quatro empresas de metalomecânica; duas das maiores empresas de transporte de mercadorias e passageiros, «Paulo Duarte» e «Barraqueiro»; e uma empresa de fornecimento e montagem de equipamentos em viaturas de bombeiros «Extincêndios». A agricultura é marcada pela cultura do morango, vinha e fruticultura. A silvicultura ocupa um terço da área florestal da freguesia¹⁰⁸.

A atual área geográfica da freguesia do Ramalhal apresenta vestígios e achados arqueológicos que permitem afirmar ter existido ocupação romana a partir do século IV, e posteriormente árabe. Posteriormente, aquando da conquista de Lisboa, no século XII, houve uma distribuição das terras conquistadas por todos os que contribuíram para a vitória e promoveu-se o repovoamento da região.

O lugar do Ramalhal terá tido origem no século XIV. Quatro inquiridores ao serviço do bispo, que tinham como função «arrolar o território», identificam o atual território com a Ribeira do Alcabrichel e dão conta do «herdamento de Domingos Joanes de apelido Ramalho por morar no sítio chamado Ramalho», que terá dado o nome ao Ramalhal.

Já no século seguinte, a importância do lugar do Ramalhal é atestada pela oferta do seu legado, em testamento de dois habitantes, à igreja paroquial, na altura denominada de igreja de S. Lourenço do Amial, localizada no morro do cemitério velho, bem como a ordenação de missa dominical pelo arcebispo de Lisboa.

Em 1527, o arrolamento da população menciona cerca de 328 habitantes no total e inscreve a «Aldea do Ramalhal com casaes d'arredor» ainda na freguesia de S. Lourenço do Ameal. Segundo a análise dos registos de batismos realizada pelo padre Fernando Félix Lopes, a passagem da nomenclatura para S. Lourenço do Ramalhal terá ocorrido entre 1608 e 1658, sem contudo existir um motivo claro para a alteração¹⁰⁹.

A atual igreja do Ramalhal teve as suas origens nos finais do século XVI. Após o terramoto de 1755, que terá danificado a igreja paroquial de S. Lourenço, assume o seu lugar como igreja paroquial¹¹⁰.

¹⁰⁸ Dados fornecidos por escrito pelo presidente da Junta de Freguesia do Ramalhal Carlos Manuel dos Santos Terêncio.

¹⁰⁹ Biblioteca Municipal de Torres Vedras, 908(469) LOP, «Historial da Freguesia de S. Lourenço do Ramalhal», documento policopiado atribuído a P.º Fernando Félix Lopes, Lisboa, 198, .pp.3-4,

¹¹⁰ César, José Rodrigues Ribeiro (1959), «Freguesia do Ramalhal», *A hora*, 276-277, Outubro e Novembro, p.44 e Camilo, João (coord.) (1999), «Freguesias: Ramalhal», suplemento do jornal *Badaladas: boletim das paróquias de S.ta Maria do Castelo e S. Pedro da Vila de Torres Vedras*, 28 Maio de 1999, p.2.

Durante as invasões francesas a mesma foi ocupada e profanada, retomando as suas funções nos anos seguintes.

A análise dos periódicos ao longo do século XX indica-nos que na década de 1940 a freguesia é tida como «a mais pitoresca do concelho»¹¹¹, apresentando-se como um local de veraneio. Ao longo do século passado assistem-se a trabalhos de calcetamento, melhoramento de acessos, rede de esgotos e eletrificação e de infraestruturas tais como escolas. A partir de meados da década de 1950 há um avanço na indústria tornando-se a sede das «maiores empresas do concelho»¹¹², e destruindo o sonho de «ser de futuro muito próximo uma estância de veraneio preferida»¹¹³ pelo aumento da poluição das águas e do ar, questões que se tornam centrais nos discursos das autarquias e que hoje se encontram praticamente resolvidos.

Atualmente, como locais de interesse turístico, a freguesia considera a igreja matriz, o coreto do largo do Ramalhal, pontes e poço romano, azenhas, a estação dos comboios, e os «Arcos de Murta» do lugar do Ramalhal (estruturas que integram a festividade que iremos desenvolver mais adiante)¹¹⁴. Nenhum destes equipamentos se encontra classificado como património nem se encontra valorizado do ponto de vista do interesse cultural que possa ter.

Segundo os censos de 2011, a freguesia contava com 3472 habitantes distribuídos pelos cinco lugares: Abrunheira, Ameal, Casais Larana, Ramalhal e Vila Facaia. Deste valor, apenas 20% da população apresentava 65 ou mais anos. A taxa de analfabetismo era de 6%, contudo ao nível da escolaridade predominava o ensino básico, com ênfase no 1.º ciclo (aprox. 1/3 da população). Refira-se ainda que a taxa de desemprego era de 10% e a taxa de atividade de 50%¹¹⁵. Infelizmente não foi possível encontrar dados que permitam caracterizar a população ao nível de cada um dos lugares que compõem a freguesia, dado que os censos vão apenas ao nível da freguesia e a divisão efetuada aquando da realização

¹¹¹ Bruno, José Pereira (1936, 1937), «Freguesias: Ramalhal», *A hora*, pp. 42-43, p.69.

¹¹² Camilo, João e Fernando Miguel (coord.) (1993), «Freguesias: Ramalhal», suplemento do jornal *Badaladas: boletim das paróquias de S.ta Maria do Castelo e S. Pedro da Vila de Torres Vedras*, 9 de Julho, p.2

¹¹³ César, José Rodrigues Ribeiro (1959), «Freguesia do Ramalhal», *A hora*, 276-277, Outubro e Novembro, p.44.

¹¹⁴ Apresentação da freguesia do Ramalhal. Disponível no website da Junta de Freguesia do Ramalhal: <http://www.ramalhal.freguesias.pt/>.

¹¹⁵ *Censos Resultados definitivos. Região Centro*, Instituto Nacional Estatística (2011), p. 119. Disponível em: http://censos.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=156645374&att_display=n&att_download=y/; «Censos 2011 – Quadros-resumo»: «1.03 - População residente segundo o nível de escolaridade atingido e sexo e taxa de analfabetismo»; «1.05 - População residente e desempregada (sentido restrito), segundo a condição de procura de emprego e - sexo, taxas de desemprego (sentido restrito)»; «Idosos Censos 2011 - Alojamentos familiares de residência habitual e cujos residentes são apenas pessoas com 65 ou mais anos de idade, segundo o número de residentes», Instituto Nacional Estatística (2011). Disponíveis em: http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros/.

dos inquéritos não segue os limites geográficos dos lugares. Através da observação direta, verifica-se a presença, cada vez maior, de emigrantes vindo da Europa de leste, associada às ofertas de emprego nas explorações agrícolas.

Apesar de não ter sido possível caracterizar de forma particular a população do lugar do Ramalhal, ao nível da oferta de serviços é o que oferece maior variedade, possuindo os principais equipamentos administrativos, de saúde e educação e cobrindo as principais necessidades dos habitantes justificando-se por isso mesmo o facto de ser sede de freguesia.

A maioria dos serviços localiza-se em torno do largo central, no qual se localiza a igreja paroquial, o coreto e as antigas instalações do mercado e no qual decorre a festividade anual e no qual se realizam as feiras. Uma feira semanal, à sexta-feira, na qual predomina a venda de vestuário e uma feira anual a 5 de Agosto, de maior dimensão e com maior variedade de produtos para uso doméstico e agrícola, ferramentas de trabalho, mobiliário e decoração, entre outros. Em redor podemos encontrar a Junta de Freguesia, posto de correios, posto médico, Casa do Povo, minimercado, várias padarias, mercado tradicional, cafés, farmácia, churrasqueira, papelaria, oficina automóvel, loja e *stand*, loja de construção civil, loja de produtos agrícolas e para a casa tipo bazar e agência funerária.

Nas principais artérias podemos encontrar a escola primária, o campo de futebol que pertence ao clube da freguesia aí sediado, o «Lar» e o centro de dia para os idosos, estes últimos sob a tutela da Casa do Povo.

A pesquisa por nós realizada de forma a caracterizar e conhecer o local de implantação proposto para o projeto permite-nos por um lado demonstrar a riqueza de informações disponíveis e, por outro lado, denuncia a evidente necessidade de um trabalho aprofundado que compile e sistematize a informação dispersa nas várias fontes e estudos.

Estamos perante uma região cujos dados existentes permitem criar um discurso desde a ocupação romana no século IV, explorar a importância da igreja no ordenamento do território, abordar o impacto das invasões francesas e assistir ao desenvolvimento local num debate entre local de veraneio, do qual subsistem ainda exemplares arquitetónicos cujas vivências são suportadas por relatos nos periódicos da época, e uma zona de grandes avanços industriais.

2.2 Contexto cultural

Com o objetivo de conhecer e compreender qual a oferta cultural da freguesia do Ramalhal e a relação dos seus habitantes com a mesma foi criado um inquérito disponibilizado *online* e nos principais locais de sociabilidade.

Podemos considerar que o inquérito se divide em quatro núcleos e inclui questões de carácter quantitativo, de resposta obrigatória, e de carácter qualitativo, de resposta opcional.

O primeiro núcleo procura, através do nível de concordância de um conjunto de frases, caracterizar a oferta cultural ao nível da freguesia.

No segundo núcleo pretendeu-se aferir os hábitos culturais de saída por nível de frequência. Considerou-se apenas três níveis: sim/regularmente, raramente e não. Na seleção das atividades excluíram-se as práticas domésticas e as restantes foram escolhidas tendo em conta as características do lugar e a oferta na cidade de Torres Vedras, tendo sido selecionadas práticas culturais tais como ir ao cinema, concertos ou ao teatro. Interessou-nos também perceber se existem práticas associativas criativas ou expressivas. Para a categorização das práticas recorremos à nomenclatura proposta por João Teixeira Lopes.¹¹⁶ No seu estudo o autor divide as práticas por espaço em que são praticadas e modo de interação do sujeito com a atividade. Desta forma considera a existência de cinco espaços: espaço doméstico, público, semipúblico, associativo/espaço semipúblico organizado e espaço da cultura cultivada/sobrelegitimada. O modo de interação pode ser criativo; expressivo, de interação e sociabilidade; recetivo, de consumo e/ou fruição.

Categorias	Atividades culturais consideradas
Espaço público	
Práticas expressivas públicas	Passear em centros comerciais Realizar passeios de lazer
Práticas participativas públicas	Ir a concertos
Espaço semipúblico	
Práticas expressivas semipúblicas	Ir ao café
Práticas recetivas semipúblicas	Ir ao cinema
Espaço associativo/espaço semipúblico organizado	
Práticas associativas criativas	Participa em atividades recreativas/culturais Pertencer a um clube de âmbito artístico (teatro, dança, música, artes visuais/plásticas)
Práticas associativas expressivas	Ir à associação recreativa/casa do povo Pertencer a um clube desportivo
Espaço da cultura cultivada/sobrelegitimada	
Práticas recetivas e informativas de públicos cultivados	Ir ao teatro Ir a concertos de música Ir a exposições/museus

Quadro 1 Divisão das atividades culturais consideradas no inquérito pelas categorias definidas por João Teixeira Lopes, 2000.

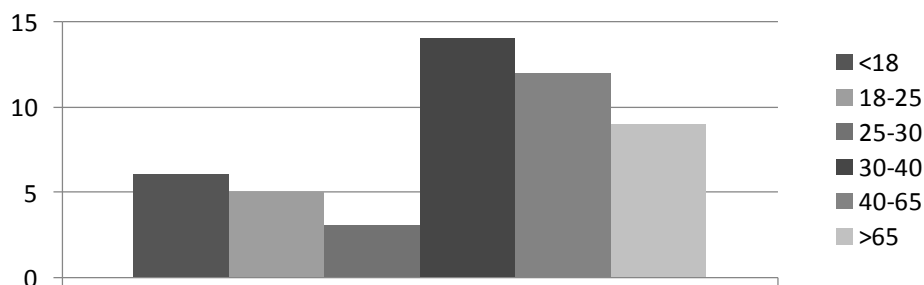
¹¹⁶ Lopes João Teixeira (2000), *A cidade e a cultura*, Porto: Edições Afrontamento, pp.197-199.

O terceiro núcleo, de carácter qualitativo, pretende recolher informações sobre a oferta cultural do lugar do Ramalhal tendo sido destacados por nós três equipamentos: a Casa do Povo, a Junta de Freguesia e a Igreja Paroquial. A escolha recaiu no facto de se tratarem das principais instituições públicas, representando, por um lado, uma vertente administrativa/estatal e, por outro, o poder religioso, ao qual relembramos, pertence a iniciativa do «Museu Etnográfico Paroquial». Foi deixada uma questão em aberto para outros promotores de atividades culturais.

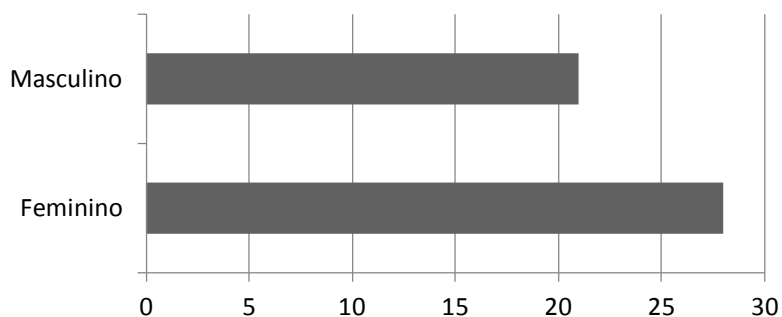
Por fim, o último núcleo tem como objetivo compreender a relação das pessoas com a iniciativa do «Museu Etnográfico Paroquial», a sua predisposição para colaborar num projeto museológico e a sua perceção sobre o património cultural imaterial.

Em todas as secções foram criados espaços de opinião.

A disponibilização *online* fez-se através da rede social «Facebook», nomeadamente através do grupo «Coisas do Ramalhal e Arredores». Por meio da mesma rede foi enviado para as páginas de algumas das entidades existentes na freguesia, num total de sete páginas, e para alguns habitantes, que inclusive o partilharam com a sua rede de amigos. Consideramos que a adesão ao mesmo foi baixa, face ao número de utilizadores presentes no grupo (480 à data da distribuição do inquérito) e ao interesse manifestado pelas páginas. Das sete páginas, apenas quatro páginas leram a mensagem, e apenas uma entrou em contacto connosco, sem no entanto efetuar partilha do inquérito no seu perfil ou mostrar interesse pela iniciativa. Contudo, os utilizadores que responderam ao mesmo apresentam algumas características em comum e respostas semelhantes. O inquérito foi também realizado pessoalmente junto a alguns habitantes, procurando dessa forma obter dados sobre a faixa etária >65 que não foi captada pelo inquérito *online*. Nestes casos, o preenchimento do inquérito tomou o formato de uma entrevista semi-directiva o que permitiu explorar com mais detalhes algumas das questões. No total o inquérito abrangeu um universo de 49 inquiridos, dos quais se destacam a população adulta da faixa etária 30-65.



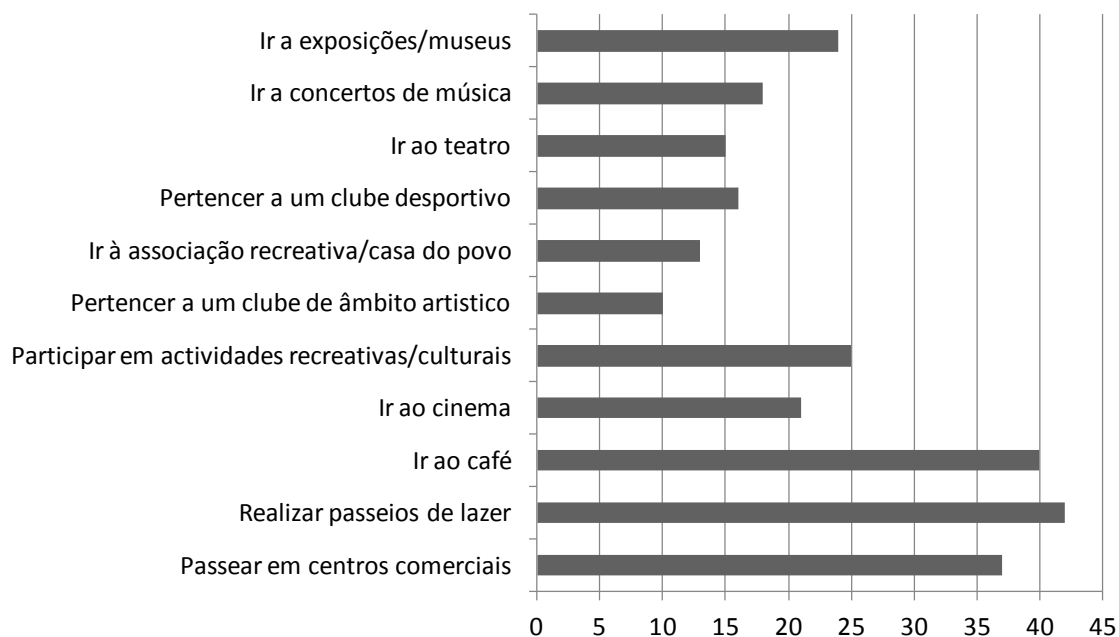
Quadro 2 Distribuição dos inquiridos por faixa etária



Quadro 3 Distribuição dos inquiridos por sexo

Quando inquiridos sobre a situação cultural da freguesia consideram-se insatisfeitos com a oferta atual, consideram que a oferta já foi melhor e gostariam que a situação se alterasse. Contudo apenas 50% dos inquiridos se desloca a outras freguesias para participar em atividades culturais. Os inquiridos inseridos na faixa etária <65 apresentam a particularidade de terem vivido um período em que existiam atividades, tais como bailes, cinema ou teatro. Contudo quando questionados sobre a situação atual mostram-se apáticos justificando «já não ter idade para essas coisas».

Quanto às tradições que merecem ser recuperadas e/ou reavivadas várias pessoas mencionaram o clube de teatro, os arcos de Murta e a festividade. Mais pontualmente foram mencionados os cortejos de carroças, por altura do Carnaval, os bailes e as «tasquinhas».



Quadro 4 Grau de participação regular dos inquiridos em diversas atividades culturais.

As atividades culturais mais praticadas são ir ao café e realizar passeios de lazer; as menos frequentes prendem-se com idas a concertos e ao teatro. Pelo meio encontram-se as idas a exposições e/ou museus, sendo que 24 dos inquiridos admite ir a exposições/museus regularmente e 18 raramente.

A Casa do Povo acolhe no seu edifício as instalações do posto médico e disponibiliza uma sala multiusos, que já acolheu aulas de ginástica e, anualmente, durante o período da festa, serve de local de exposição/feira de artesanato de artífices da freguesia. É responsável pelo Lar e Centro de Dia e Infantário da freguesia, e possui serviço de apoio ao domicílio.

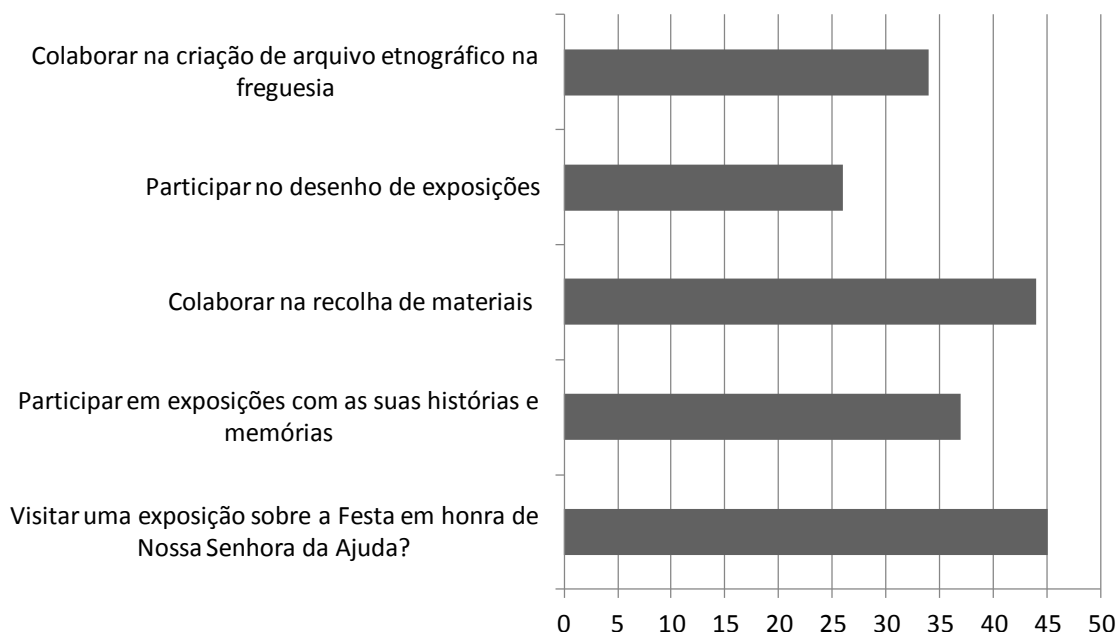
A Junta de Freguesia, em parceria com a Câmara Municipal, promove passeios e *workshops* de trabalhos manuais, com enfoque num público sénior. Fornece apoio ao «Grupo de Cantores» fornecendo local de ensaio e facilitando o transporte.

A Igreja paroquial promove um grupo coral de adultos e outro infanto-juvenil e realiza regularmente passeios a Fátima.

Destacam-se, enquanto promotores de atividades culturais na freguesia, o «Clube Desportivo» com prática de futebol e as férias desportivas para os mais jovens, a «Associação dos Amigos do Ramalhal» e a «Associação de Socorros da Freguesia do Ramalhal» que apoia o «clube de Cantores» fornecendo um local de atuação, e acolhe aulas de ginástica nas suas instalações duas vezes por semana.

Verificou-se, através da ausência de conhecimentos sobre as atividades desenvolvidas pelos vários equipamentos, que existe pouca proximidade entre estes e os inquiridos. Algumas respostas apresentam traços de inconformismo relacionado com o poder político, enquanto outras denotavam a abertura do mesmo para acolher e apoiar atividades culturais.

A maioria dos inquiridos conhece a iniciativa do «Museu Etnográfico Paroquial» e tem interesse que a freguesia possua um espaço museológico considerando que poderia chamar mais pessoas para a freguesia, apresentar exposições de alguns artistas residentes na zona, unir a população, dar a conhecer sobre os antepassados (*e.g.* os romanos que habitaram o Ramalhal) e sobre o lugar em si, apresentar peças antigas, fotografias e «coisas» do passado. Cerca de 94% mostram interesse em visitar uma exposição sobre a festa anual. Mais de metade dos inquiridos mostram-se disponíveis para participar com memórias e testemunhos e/ou colaborar na recolha de materiais pertinentes para o efeito (44). As ações mais técnicas tais como participar no desenho das exposições e/ou colaborar na criação de um arquivo obtiveram menos adesão.



Quadro 5 Grau de interesse dos inquiridos em participar em diversas atividades relacionadas com o projeto

A freguesia do Ramalhal possui um edifício fechado ao público que se denomina de «Museu Etnográfico Paroquial», sobre o qual não nos foi possível encontrar qualquer informação escrita. Do contacto com alguns habitantes da freguesia ficámos a saber que o equipamento terá sido doado à Igreja com o propósito de se tornar num núcleo museográfico. Esta intenção terá sido alcançada numa colaboração entre o pároco da altura e um grupo de jovens, entre finais do século XX e na primeira década do século XXI. Após a cisão do grupo de jovens a iniciativa perdeu o vigor e terminou. Durante o período em que esteve ativo o espaço, munido de casa de banho, possuía uma zona de bar e expunha um conjunto de objetos considerados antigos, nomeadamente alfaias agrícolas, utensílios usados na produção de vinho e outros objetos associados ao quotidiano rural. Atualmente o espaço é usado esporadicamente para atividades ligadas à Igreja como seja ensaios e acuações do coro, pequenas festividades e/ou preparação da procissão. O espaço físico em si apresenta ele próprio valor patrimonial ao tratar-se de um lugar em vara, dos poucos exemplares, senão o único, existente na freguesia.

2.3 Festa anual em honra de Nossa Senhora da Ajuda e S. Lourenço

Para efetuar a resenha histórica da festividade em honra de Nossa Senhora da Ajuda e S. Lourenço recorreremos essencialmente à análise de periódicos. Dada a impossibilidade de consultarmos a sua totalidade optámos por consultar o jornal *Badaladas* entre 1948-1969, 1975, 1980, 1985, 1990, 1995, 2000, 2005 e 2010 com especial atenção aos meses de Agosto, Setembro e Outubro. A escolha do periódico baseou-se no facto de ser o mais antigo e com maior tiragem da região oeste, com atividade até aos nossos dias, permitindo dessa forma acompanhar como a respetiva festividade tem vindo a ser tratada. Contudo, para uma abordagem completa e abrangente os restantes periódicos deveriam ser vistos. Procurámos dar maior incidência nos primeiros anos da publicação por forma a datar as origens da festividade, na ausência de testemunhos orais que possam atestar essa realidade. Posteriormente optámos por analisar as publicações de 5 em 5 anos, por nos parecer um intervalo de tempo que não colocará constrangimentos inultrapassáveis face ao número de anos em análise.

A festa anual em honra de Nossa Senhora da Ajuda realiza-se ao 2.º domingo de Setembro, com início no sábado anterior e estendendo-se uma semana para a frente.

A festividade terá tido início aquando da construção da ermida. Sabe-se através de dote de Catarina Fernandes que a mesma já existiria em finais do século XVI e terá sido renovada pelo prior da Vidigueira em 1652, data inscrita num azulejo que esta sob o púlpito¹¹⁷. Certamente ganhou outra dimensão com a passagem a igreja paroquial que, como tivemos oportunidade de ver, ocorreu na segunda metade do século XVIII, altura em que é provável que tenham ocorrido obras de remodelação denunciadas pelos azulejos na capela-mor e pelos altares decorados com talha.

O padre Joaquim Rebelo dos Santos, pároco da freguesia do Ramalhal entre 1940-59, terá procedido ao restauro das capelas públicas e igreja paroquial, «tudo em ruínas à data em que tomou posse da freguesia»¹¹⁸. O jornal *Badaladas* em 1948 informa que as obras na igreja paroquial do Ramalhal se encontram quase terminadas, informação que se repete nos primeiros meses de 1949 até Julho¹¹⁹. Os artigos fazem especial referência aos trabalhos de estuque e pintura. Em 1983, D. António Ribeiro, patriarca de Lisboa mandou proceder também a obras de restauro e ampliação¹²⁰.

¹¹⁷ Biblioteca Municipal de Torres Vedras, 908(469) LOP, «Historial da Freguesia de S. Lourenço do Ramalhal», documento policopiado atribuído a P.º Fernando Félix Lopes, Lisboa, 1981, p.4.

¹¹⁸ César, José Rodrigues Ribeiro (1959), «Freguesia do Ramalhal», *A hora*, 276-277, Outubro e Novembro, p.44.

¹¹⁹ (1948-1949), *Badaladas: boletim das paróquias de S.ta Maria do Castelo e S. Pedro da Vila de Torres Vedras*.

¹²⁰ Camilo, João (coord.) (1999), «Freguesias: Ramalhal», suplemento do jornal *Badaladas: boletim das paróquias de S.ta Maria do Castelo e S. Pedro da Vila de Torres Vedras*, 28 Maio, p.2.

A primeira referência possível que encontramos da festividade data de Setembro de 1949. O artigo do jornal *Badaladas* refere o adiamento da festa da Coroação de Nossa Senhora de Fátima para o dia 11 de Setembro, que corresponde ao segundo domingo do mês. A mesma rubrica menciona a festa de Sto. António do Ameal e, ao longo dos vários periódicos que tivemos oportunidade de consultar aparecem referências a festas anuais em lugares e datas próximas, sem mencionar a festividade aqui em análise, o que levanta para nós alguma estranheza. Segundo o jornal do mês seguinte «A comissão, que não se poupou a esforços para que a festa resultasse brilhante, pode considerar-se satisfeita»¹²¹.

No ano de 1951, há menção ao esforço da comissão das festas da freguesia para levar avante a parte religiosa, associada à comunhão solene das crianças da freguesia, a decorrer no dia 12 de Setembro e cuja festa se deve realizar nos últimos dias de Setembro, «havendo à noite o costumado arraial para o que já esta falada uma banda de música»¹²². O jornal do mês seguinte indica que a comunhão teve lugar no dia 23 de Setembro.

Em Outubro de 1953 faz-se referência à festa ocorrida a 13 de Setembro em honra de Nossa Senhora da Ajuda, com missa solene às 12h, procissão durante a tarde e arraial à noite, que contou com a participação da banda da Ermegeira¹²³.

Dois anos depois a festa decorre a 11,12 e 13 de Setembro e aproveita-se para celebrar a inauguração do coreto. O dia 13, terça-feira, foi pontuado por corridas de bicicletas e outros divertimentos desportivos¹²⁴. Voltamos a encontrar referência em 1956, mantendo-se os três dias de festa com um brilho invulgar trazido pelas bandas convidadas¹²⁵. Uns anos mais tarde, em 1959, ficamos a saber que a festa cresceu mais um dia e decorreu com grande animação e em boa ordem¹²⁶. Até 1969 não se encontraram mais referências ao evento, não tendo sido possível encontrar explicação para a ausência de referências. Dos volumes por nós consultados só em 1985 o jornal volta a falar do evento anunciando agora um

¹²¹ C. (1949), «Ramalhal», *Badaladas: boletim das paróquias de S.ta Maria do Castelo e S. Pedro da Vila de Torres Vedras*, Outubro de 1949, p.2.

¹²² C. (1951), «Ramalhal», *Badaladas: boletim das paróquias de S.ta Maria do Castelo e S. Pedro da Vila de Torres Vedras*, Setembro de 1951, p.8.

¹²³ (1953), «Ramalhal», *Badaladas: boletim das paróquias de S.ta Maria do Castelo e S. Pedro da Vila de Torres Vedras*, Outubro de 1953, p.6.

¹²⁴ (1955), «Ramalhal», *Badaladas: boletim das paróquias de S.ta Maria do Castelo e S. Pedro da Vila de Torres Vedras*, 1 de Outubro de 1955, n135, p.3.

¹²⁵ (1956), «Ramalhal», *Badaladas: boletim das paróquias de S.ta Maria do Castelo e S. Pedro da Vila de Torres Vedras*, 1 de Setembro, n 157, p.6.

¹²⁶ (1959), «Ramalhal», *Badaladas: boletim das paróquias de S.ta Maria do Castelo e S. Pedro da Vila de Torres Vedras*, 15 de Outubro, n232, p.7.

programa muito mais completo que os anteriores mencionados¹²⁷. A festa ganha a duração de cinco dias, e ao programa religioso e arraial, acrescenta-se o levantamento dos arcos emurtados, a quermesse, atuação da banda filarmónica, fogo-de-artifício, jogo de futebol entre solteiro e casados, ciclismo e divertimentos populares como a caça ao galo e a «barraca dos festeiros».

Dez anos depois o programa mantém-se sem grandes alterações e voltamos a encontrar a banda da Ermegeira¹²⁸. Por esta altura começamos a assistir a uma alteração do propósito da festa. O programa religioso separa-se do programa lúdico e os lucros dos festejos revertem a favor da entidade organizadora, situação que se repercute até aos nossos dias. Apenas a atividade da quermesse reverte para a igreja paroquial.

Apesar da quase ausência de referência nos artigos consultados, os arcos emurtados são tidos como «uma tradição inédita»¹²⁹ do evento e um cartão-de-visita da freguesia. As referências que temos colocam o início da tradição no primeiro quartel do século XX¹³⁰. Com mais certezas afirmamos que a mesma se tem vindo a realizar com regularidade desde 1951, datação da fotografia mais antiga que encontramos¹³¹ (não tendo sido encontrado outro documento que ateste a prática anterior, apesar dos habitantes mais antigos colocarem a tradição nos anos 1930). A sua importância já era reconhecida em 1981, quando um desenho é usado para ilustrar uma resenha histórica da freguesia.

Em 1998, os arcos emurtados tornaram-se oficialmente parte do brasão da freguesia¹³² sendo possível encontrar as suas representações em diversas publicações que abordam, direta ou indiretamente, a freguesia do Ramalhal¹³³.

¹²⁷ (1985), «Ramalhal, Festas em honra da Nossa Senhora da Ajuda», *Badaladas: boletim das paróquias de S.ta Maria do Castelo e S. Pedro da Vila de Torres Vedras*, 6 de Setembro, p.7.

¹²⁸ (1995), «Ramalhal em festa», *Badaladas: boletim das paróquias de S.ta Maria do Castelo e S. Pedro da Vila de Torres Vedras*, 8 de Setembro, p.7.

¹²⁹ Camilo, João (coord.) (1999), «Freguesias: Ramalhal», suplemento do jornal *Badaladas: boletim das paróquias de S.ta Maria do Castelo e S. Pedro da Vila de Torres Vedras*, 28 Maio, p.3.

¹³⁰ Esta informação encontra-se na legenda de uma fotografia publicada Camilo, João e Fernando Miguel (coord.) (1993), «Freguesias: Ramalhal», suplemento do jornal *Badaladas: boletim das paróquias de S.ta Maria do Castelo e S. Pedro da Vila de Torres Vedras*, 9 de Julho de 1993.

¹³¹ (2004), *Festa em Honra de Nossa Senhora d'Ajuda*, Ramalhal: s.n

¹³² «Aprovação da heráldica da Freguesia», *Diário da República*, III Série de 04/09/1998.

¹³³ Outras publicações onde figuram imagens de arcos: Damil, Fernando J.C. (2012), «Freguesia do Ramalhal – um olhar», *Badaladas: boletim das paróquias de S.ta Maria do Castelo e S. Pedro da Vila de Torres Vedras*, 1 Junho, p.23; Mira, Graça Andrade (1996), «Património: contributo para uma identificação» em *Torres Vedras: Passado e presente*, Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras, vol.1, p.440; Santos, Abílio (2000), *Pedaços de mim que a vida arrancou...*, Torres Vedras: Tip. «A união», lda., capa; Gomes, Joaquim (2009), *A freguesia do Ramalhal no Tempo*, Torres Vedras: Grafivedras.



Figura 3 Arcos de Murta da Festa de 2015. Fotografias da autora.

Os arcos, emurtados ou de murta, correspondem a duas estruturas que podem atingir entre onze¹³⁴ e vinte metros¹³⁵, forrados com murta e içados a norte e a sul respetivamente do recinto da festa, coincidente com o largo da Igreja, dando início à mesma e permanecendo até às vindimas (finais de Setembro/ início Outubro). Estas estruturas são decoradas, predominantemente com motivos geométricos, e a sua origem é atribuída ao Sr. Augusto Maria Franco, que terá trazido a ideia do norte do país na primeira metade do século XX, não tendo sido possível determinar a data exata em que teve início¹³⁶.

Tanto pela análise dos periódicos¹³⁷, como pelos relatos dos habitantes, sabemos que a sua construção contava com a colaboração da comunidade e tinha início com recolha dos troncos e apanha da murta. Reunidos os materiais necessários iniciava-se no recinto a montagem da estrutura. No dia da

¹³⁴ Matos, Venerando António Aspra de (2009), *A “festa dos arcos”*, no *Ramalhal*, post no blogue «Vedrografias», (Online). Disponível em: vedrografias2.blogspot.pt/2009/09/festa-dos-arcos-no-ramalhal.html/. Consultado a 26/10/15.

¹³⁵ Miguel, Fernando (2013), «Levantamento dos arcos emurtados no Ramalhal», *Badaladas: boletim das paróquias de S.ta Maria do Castelo e S. Pedro da Vila de Torres Vedras*, 20 de Setembro de 2013, s.p.

¹³⁶ Matos, Venerando António Aspra de (2009), *A “festa dos arcos”*, no *Ramalhal*, post no blogue «Vedrografias», (Online). Disponível em: vedrografias2.blogspot.pt/2009/09/festa-dos-arcos-no-ramalhal.html/, Consultado a 26/10/15.

¹³⁷ Veja-se a este propósito Matos, Venerando António Aspra de (1990), «Viver a festa dos arcos do Ramalhal», *Zona Oeste*, 1, p.34; Lourenço, Vanessa (2005), «Ramalhal – a procissão e os arcos de murta. Manter a tradição», *Badaladas*, 16 de Setembro, p.15.; Miguel, Fernando (2013), «Levantamento dos arcos emurtados no Ramalhal», *Badaladas*, 20 de Setembro, s.p..

festividade era necessário cavarem-se buracos no solo para sustentamento dos mesmos e trazer juntas de bois para auxiliar os homens no seu levantamento.

Atualmente os troncos são reutilizados de ano para ano. A apanha da murta contínua a reunir um grande grupo de voluntários de todas as idades. A construção decorre segundo os mesmos princípios. O processo de levantamento sofreu alterações: as aberturas já se encontram permanentemente feitas em cimento e, ao invés da força animal, um trator ou máquina escavadora auxilia o levantamento.

Acrescentamos que no ano passado, em 2015, a festividade teve início uma semana mais cedo do que o habitual. A justificação pareceu prender-se com a diminuição de público nos últimos anos associada à coincidência com o começo do ano letivo. Esta alteração gerou algum descontentamento tanto por parte de antigos membros da comissão organizadora, frequentadores habituais não residentes na freguesia, bem como por parte de quem já tinha marcado férias para a semana habitual. Esta alteração é uma, para nós das mais sintomáticas alterações, que denunciam uma mudança no propósito da festa, que cada vez parece ser o lazer e a angariação de fundos para equipamentos e projetos da freguesia, em detrimento da celebração religiosa que lhe terá dado origem. No presente ano, em 2016, a festa retomou a data inicial realizando-se no segundo fim-de-semana de Setembro.

Através da análise das fontes escritas, estudos, análise documental de programas e de registos fotográficos podemos afirmar que o evento tem lugar desde 1949, começando a produzir-se os arcos de murta em 1951 e possuindo arraial a partir de 1953, ganhando a partir daqui cada vez maior protagonismo. Especialmente a partir de 1985 podemos encontrar artigos referentes ao evento com alguma regularidade face aos anos anteriores, apesar de se encontrar menção a outras festas a decorrer no lugar como a festa da imaculada Conceição, a festa em honra de nossa senhora de Fátima em Maio e festas de natal. De referir também que em anos anteriores é recorrente encontrar-se referência à festa anual do lugar do Ameal, pertencente à mesma freguesia, que decorre durante o mês de Agosto, e à de Vila Facaia, na mesma situação. No entanto a informação é insuficiente para dar conta da realidade efetiva deixando muitas questões em aberto sobre como é organizada, vivenciada e entendida pela organização e pelos seus participantes.



Figura 4 Vista área do recinto do evento, com destaque para a localização do espaço onde decorreu a iniciativa do «Museu Etnográfico Paroquial» (MEP). Imagem editada pela autora.¹³⁸



Figura 5 Vista área do recinto do evento, coincidente com o largo da Igreja, com a organização do espaço durante a festividade. Destaque para a zona demarcada a verde que corresponde ao antigo mercado da freguesia e no qual prevemos realizar a primeira apresentação do projeto durante o decorrer do evento. Imagem editada pela autora.¹³⁹

¹³⁸Fonte: «Mapa do lugar do Ramalhal», retirado de Google Maps (2015). Disponível em: <https://www.google.pt/maps/place/Ramalhal/@39.1450964,-9.2333152,182m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd1f32c27feba689:0xf9d6e3040a05b2ae!8m2!3d39.1454351!4d-9.2329795/>.

¹³⁹Fonte: «Mapa do lugar do Ramalhal», retirado de Google Maps (2015). Disponível em: <https://www.google.pt/maps/place/Ramalhal/@39.1450964,-9.2333152,182m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd1f32c27feba689:0xf9d6e3040a05b2ae!8m2!3d39.1454351!4d-9.2329795/>.

2.3.1 Descrição dos festejos

A descrição dos festejos foi realizada com recurso à observação empírica, de registos fotográficos, análise de periódicos e de programas da festividade, e entrevistas informais com alguns dos habitantes.

Os preparativos para a organização da festa começam aquando da entrega da bandeira ao juiz da festa do próximo ano. Os membros da comissão são escolhidos conforme a organização para a qual reverterão os fundos recolhidos a partir das atividades dinamizadas no evento. Durante o ano são convocadas várias reuniões de forma a estruturar a programação, reunir orçamentos, criar estratégias de angariação de fundos caso seja necessário, ou seja, para garantir que tudo estará pronto a tempo e horas e que será, se não igual, melhor que no ano anterior.

Dentro do conjunto de preparativos, a coleta de murta e a construção dos arcos é aquela que reúne maior número de voluntários e uma das mais importantes pelo facto, como já tivemos oportunidade de mostrar, de constituírem elementos identitários da freguesia. A construção tem início aproximadamente um mês antes, durante o mês de Agosto, tal como a montagem das restantes infraestruturas, e decorre normalmente ao fim do dia devido ao carácter voluntário dos que se disponibilizam a colaborar. A recolha de murta ocorre na quarta-feira que antecede a data do evento, pelas 5/6 horas da manhã, em Montejunto. Depois do almoço de convívio, organizado pelas mulheres/cozinheiras da festa, dá-se início ao processo de emurtar os arcos. Para este processo é também necessário colher e preparar junco, material usado para fixar a murta, aproximadamente uma semana antes.

A festividade tem início oficial, normalmente, no sábado que antecede a celebração religiosa, com o levantamento dos arcos emurtados, ao final da tarde.

No mesmo dia servem-se os primeiros jantares na «Barraca dos festeiros», vendem-se as primeiras rifas na quermesse, abre-se o salão da casa do povo ao artesanato, e inaugura-se o palco com a apresentação de um conjunto musical. Todos os momentos são ritmados pelo rebentar de foguetes.

A ementa conta sempre com o prato típico da região Oeste, o serrabulho, e com um prato da casa, «Bacalhau à Ramalhal». Ao nível da gastronomia podem também comprar-se os típicos sonhos/filhoses, ferraduras e «brendeiras» de chouriço, torresmos ou bacalhau (as mais frequentes).

A quermesse é recheada com doações de particulares e dos comerciantes da freguesia. Tem a particularidade de ser a única atividade cujos lucros revertem sempre na sua totalidade para a igreja. No salão da Casa do Povo têm-se assistido a uma feira de artesanato e produtos da região constituindo uma oportunidade privilegiada de divulgação de pequenos grandes talentos e negócios locais.

O dia de domingo começa com a chegada da ou das bandas filarmónicas que acompanham o peditório pelos lugares do Ramalhal e Ameal e que se desafiam ao final da tarde. A tarde é marcada pela

missa em Honra de Nossa Senhora da Ajuda seguida de procissão pelo lugar do Ramalhal. Após a mesma procede-se à entrega da Bandeira ao Juiz da festa do próximo ano.

Durante o desafio uma das bandas filarmónicas atuaria no coreto, local de acústica privilegiada, construído por iniciativa da junta de freguesia para o efeito, reservado para a banda mais acarinhada, por norma a banda da Ermigeira, que atua desde 1953. A outra ocuparia o palco. Neste dia atuava o conjunto «Jaime Ferreira», um músico local, por exigir menos logística, o que facilitava a transição da atuação das bandas para o conjunto.

A duração da festividade tem variado conforme os anos, podendo durar uma semana completa, meia semana ou apresentar dias de intervalo a meio. Todos os dias são marcados pela alvorada matinal, abertura do restaurante para almoços e jantares ou só para jantares, abertura da quermesse à noite e baile com um conjunto convidado. À terça-feira tem-se por hábito realizar um jogo de futebol entre solteiros e casados e entre solteiras e casadas. As tardes são pontuadas por jogos tradicionais. No último ano, em 2015, houve uma maior atenção dada à programação das atividades privilegiando-se, para além dos jogos tradicionais, uma maior diversidade da oferta das quais podemos destacar a caça ao leitão, apresentações de zumba, *karaté*, ginástica sénior, e insufláveis. Vários habitantes recordam com saudade a prática das «cambalhadas», atividade semelhante às «pinhatas», nas quais participantes vendados tentavam partir potes de barro suspensos com conteúdos variados, nem sempre agradáveis. Recordam igualmente as provas de ciclismo.

O término da festa é marcado por uma apresentação de fogo-de-artifício, que por vezes se repete também no intermédio da festividade. Nos dias que se sucedem, volta-se lentamente à rotina, procede-se ao desmontar das várias infraestruturas, acondicionando-as devidamente, para que no próximo ano possam ser reutilizadas.

2.5 Presença e dinâmicas de partilha nas redes sociais

Como já tivemos oportunidade de explorar no início deste trabalho, a questão da disponibilização e acesso à *internet* e o domínio e potencialidades das novas tecnologias cada vez mais invadem a vida de todos nós. As redes sociais são um meio de comunicação cada vez mais constante de divulgação e partilha de conteúdos ao mesmo tempo que exploram uma relação de proximidade entre os utilizadores.

Nas várias redes sociais, e em particular na rede social «Facebook», assiste-se à criação de páginas e grupos motivados por um sentido de nostalgia que procuram reunir antigos colegas de trabalho, da escola primária ou da faculdade, criam-se comunidades que partilham memórias em comum sobre lugares

ou temas. Desde 2010 existe o grupo «Coisas do Ramalhal e Arredores» o qual agrega 667 membros no qual têm vindo a ser partilhadas fotografias e a página «Ramalhal» com 809 membros¹⁴⁰.

Dentro da lógica da proximidade e da divulgação também a associação «Amigos do Ramalhal», que tem como objetivo a promoção e valorização da freguesia, se encontra presente na rede social, com cerca de 719 membros¹⁴¹. Esta presença assume particular importância para o nosso trabalho tendo em conta as dinâmicas criadas durante a festa do Ramalhal de 2015 por eles organizada. A associação promoveu a cobertura fotográfica das atividades principais do evento divulgando-a na página; criou um *fotospot* estimulando a participação do público e consequente partilha na rede social; e ainda um concurso de fotografias a propósito dos arcos emurtados que decorreu *online*. Após o término da festividade a página perdeu a atividade.

Na rede social «Facebook» existem ainda as páginas «Paróquia do Ramalhal» (2012-, 476 membros)¹⁴² e «Ramalhal mais freguesia» (2013-, 156 membros)¹⁴³, «Grupo Desportivo do Ramalhal (2015-, 68 membros)¹⁴⁴, «Associação de socorros da freguesia do Ramalhal (2016-, 210 membros)¹⁴⁵. Algumas instituições apresentam páginas com atividade de muito pouca duração pelo que não foram aqui consideradas. Existem ainda alguns casos de presença repetida na qualidade de utilizadores da rede tal como o Grupo Desportivo e a Associação de Socorros.

Na plataforma «Youtube» assistimos também à partilha de alguns vídeos sobre a festa do Ramalhal nos quais se pode ver o levantamento dos arcos do ano de 2010 e uma retrospectiva do evento que reúne excertos de filmagens e fotografias do levantamento dos arcos e da procissão entre 1975 e 1981¹⁴⁶.

¹⁴⁰ «Ramalhal», Página «Facebook». Disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/Ramalhal-177342735611502/>.

¹⁴¹ «Associação Amigos do Ramalhal», Página «Facebook». Disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/amigosdoramalhal/>.

¹⁴² «Paróquia do Ramalhal», «Página Facebook». Disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/Paróquia-do-Ramalhal-511481922198002/>.

¹⁴³ «Ramalhal mais Freguesia», Página «Facebook». Disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/Ramalhal-Mais-Freguesia-452551348176439/>.

¹⁴⁴ «Grupo Desportivo do Ramalhal», Página «Facebook». Disponível em: <https://www.facebook.com/gdramalhal/?fref=ts/>.

¹⁴⁵ «Associação de socorros da Freguesia do Ramalhal», Página «Facebook». Disponível em: https://www.facebook.com/assocsoc.framalhal/home?ref=page_internal/.

¹⁴⁶ Alguns exemplos:

Vídeo «Festa do Ramalhal (1975-1981)»: https://www.youtube.com/watch?v=NPR_SlhgdGw/.

Vídeo «Levantamento dos arcos 2010 Ramalhal»: <https://www.youtube.com/watch?v=YwY6qlij0Nk/>.

Vídeo «Levantamento dos arcos Ramalhal 2»: <https://www.youtube.com/watch?v=YhghPBmcg48/>.

Dada a predominância de páginas de organizações da freguesia presentes na rede procurámos contactar através dessa via várias delas, solicitando informações, níveis de interesse e/ou colaboração na divulgação do inquérito já mencionado. A taxa de resposta foi praticamente inexistente bem como o nível de interação com os *post* publicados nos grupos já citados. Na maioria as páginas não apresentam atividade regular.

∴

A festa anual é um marco importante para o lugar do Ramalhal que pode ser comprovado pela criação de equipamentos imóveis para o efeito, pela eleição dos arcos de murta como ícone no brasão da freguesia e pelo contacto com os habitantes da freguesia. Todos aqueles com quem tivemos oportunidade de contactar ao longo deste trabalho em conversas informais demonstraram grande orgulho e emoção, no caso dos habitantes mais velhos, nomeadamente ao referirem-se ao levantamento dos arcos e ao recordarem os jogos tradicionais. Quando falámos com as restantes gerações realçam-se os momentos de convívio e entreajuda, jantares que se prolongam pela noite dentro, momentos de diversão.

Para além da importância que atualmente a festa detém, na angariação de fundos para associações e equipamentos locais, é evidente que existe todo um passado que se encontra disperso, mais do que em registos materiais, em registos imateriais. A verdadeira essência e o segredo da festa assentam nas vivências de cada participante. Mais do que uma festa popular turística, a festa representava um momento de convívio, de partilha, de reencontros. Um momento propício à criação de histórias, estórias e memórias, um momento de vida, um momento que faz parte da identidade dos participantes e que todos os anos é recuperado, (re)vivido, (re)construído, reforçado, mas também fragmentado pela perda de elementos que constituem os grupos sociais dos quais dependem as memórias, e pela emergência de novos grupos. É o momento privilegiado que conta a história daquele local e daí que para nós tenha sido eleito como o ponto de partida para fundamentar a pertinência do nosso projeto. Como tivemos oportunidade de ver, na pesquisa para traçar uma resenha histórica do evento, mais do que para traçar a resenha histórica do lugar, os materiais encontram-se dispersos, são vagos e entram em conflito com a realidade efetiva que dá conta de uma grande tradição «inventada» com uma importância afirmada para os habitantes. Por isso faz todo o sentido pegar no tema e trabalhar-lo enquanto os detentores, que permitem colmatar falhas nos registos e fontes documentais, ainda subsistem e deixar um legado de experiências feito.

Ao ser um tema que apela diretamente à experiência pessoal e ao confrontar os participantes com a insuficiência da informação para dar contas das suas perceções e vivências julgamos com isso conseguir demonstrar a importância e pertinência da preservação do património imaterial como complemento ao património material, alcançar a sua colaboração na execução da nossa proposta e sensibilizar para a aplicabilidade deste projeto a outros temas.

Ao longo deste capítulo traçamos a história do lugar do Ramalhal e da festividade que como vimos se pode considerar enquanto património nos termos definidos no capítulo anterior. Pelo inquérito realizado observou-se que culturalmente o lugar carece de ofertas, especialmente ao nível patrimonial, tendo em conta que a única iniciativa que existiu se encontra encerrada. A análise das redes sociais levamos, nomeadamente do grupo que procurou reunir e partilhar fotografias, a acreditar que existem bases para a implementação de um projeto físico a partir das mesmas dinâmicas, e que no futuro o mesmo possa ganhar uma dimensão *online*. Tendo em conta todas estas características no capítulo seguinte procurámos apresentar melhor as potencialidades do património cultural do lugar do Ramalhal e propor uma forma de o gerir.

CAPÍTULO III Musealizar o Ramalhal

À primeira vista a freguesia pode parecer ser vazia do ponto de vista do reconhecimento e valorização do património existente. Não possui monumentos históricos, sítios arqueológicos, paisagens naturais, equipamentos classificados ou musealizados. Não possui um discurso de tradições, costumes, histórias e lendas ou uma vertente turística. Como pontos de interesse a Câmara Municipal de Torres Vedras destaca os «arcos de Murta». A Junta de Freguesia fala-nos da pitoresca Estação de Comboios, do coreto e pouco mais.

Desenvolvemos o nosso trabalho em torno da celebração, por se tratar do evento anual de maior importância, partilhado com toda a população, intergeracional, um momento de reunião de famílias e ao qual se podem associar elementos identitários do lugar, mas nem por isso a freguesia é menos rica em património, história e vivências que merecem ser destacadas, divulgadas e dinamizadas junto da população e do público em geral.

Como tivemos oportunidade de ver, quando traçamos a história da freguesia a ocupação do território iniciou-se com a ocupação romana e árabe das quais se encontraram vestígios que foram encaminhados para os museus nacional de arqueologia, em Lisboa, e para o museu municipal Leonel Trindade, em Torres Vedras, e outros que permanecem *in situ*, como pontes e grutas. No entanto quantas pessoas conhecem a importância destes achados para a história da ocupação do nosso território e das comunidades árabe a romana, e inclusive a própria a existência destes achados? Quantas pessoas passaram naquela ponte, brincaram naquela gruta sem noção do conhecimento que esses lugares trazem consigo? É uma oportunidade para informar e partir das vivências pessoais para suscitar curiosidade e interesse sobre o património. Com as mesmas características pode abordar-se o ordenamento do território e explorar a toponímia dos sítios, cujas nomenclaturas perduram no tempo e cuja interpretação se perde com ele, bem como as origens dos atuais habitantes, traçando árvores genológicas e fazendo a história da evolução social da freguesia.

No século XVIII, o terramoto de 1755 provocou danos e no século seguinte durante as invasões francesas igreja paroquial foi ocupada como estaleiro das tropas francesas. Novamente temos possibilidade de partir de uma realidade conhecida e próxima para dar conta da história nacional e descobrir que histórias param no imaginário da população sobre esses tempos passados.

Chegados ao século XX desmultiplicam-se as temáticas desde as práticas da agricultura ao surgimento da indústria, do rural ao semiurbano, a implementação de rede de esgotos, luz, água canalizada, melhoramento de acessos, novos equipamentos e serviços que vêm mudar o modo de vida até aos nossos dias.

Se pensarmos no caso da agricultura ela pode desdobrar-se em vários subtemas. Podemos pensar em como as grandes quintas e herdades deram lugar a mega-explorações, com uma produção massificada. Em como passou de ocupação profissional de uma geração para uma prática amadora de ocupação de tempos-livres que se traduz em pequenas hortas. Há ainda hipótese de abordar o significado da agricultura, nomeadamente o processo de colheita da fruta, como o primeiro emprego de muitos jovens, ou o fluxo migratório de mão-de-obra de leste que acompanha este processo. Dentro da prática tradicional há um saber-fazer, um saber o que plantar, quando e como o fazer, como tratar, como e quando apanhar, o que fazer para conservar, que as modernas tecnologias fazem cair em desuso e no esquecimento, mas que nem por isso é menos importante.

As indústrias cerâmicas atualmente marcam a paisagem local, representaram a ocupação profissional de muitos dos habitantes locais e ainda se encontram habitações na freguesia e arredores que usam esses materiais. Os fornos de carvão foram também um importante elemento do desenvolvimento local, inclusive já existe uma dissertação na qual se propõe a sua musealização¹⁴⁷.

Como era antes de a água canalizada entrar nas casas? Os esgotos ou a luz? O local ainda possui os lavadouros públicos aos quais as mulheres se dirigiam, e algumas ainda o frequentam, para lavar a roupa. Algumas fontes ainda funcionam. Uma azenha foi convertida em restaurante (atualmente encerrado). Como era antes do atual sistema de distribuição de correio?

Estes são apenas alguns exemplos de temas que permitem fazer pontes entre passado e presente e criar novos discursos e narrativas, num cruzamento entre o conhecimento e a pesquisa científica, entre o conhecimento e as memórias populares, criando e dinamizando um património local, tornando-o contemporâneo, mantendo-o vivo e renovado.

O projeto que nos propomos tem como produto final um quiosque multimédia, inserido num espaço cultural, que tem por base uma aplicação informática e *hardware* sensível ao toque (*e.g. tablet*). Propõe-se lançar a versão piloto do projeto a partir do caso de estudo da Festa do Ramalhal, por considerarmos que pelas suas características é um evento simbólico para o lugar e cuja história, como pudemos ver, iria beneficiar da complementaridade das técnicas da história oral. Tratando-se de um momento com um grau de participação e envolvimento dos participantes acentuado julgamos que isso estimularia a adesão à nossa iniciativa.

No entanto, ao longo do desenho da aplicação tivemos a preocupação de prever a sua adaptação a outras temáticas, bem como, sensibilizados pela possibilidade de a mesma ser no futuro disponibilizada *online*, poder funcionar como um e-museu da freguesia. Este recurso foi pensado como ferramenta de alavancagem de um espaço cultural no lugar do Ramalhal.

¹⁴⁷ Santos, Luiza (2009), *Proposta de musealização de fornos de Carvão Vegetal, Torres Vedras*, Dissertação de mestrado, Lisboa: ISCTE. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/1792/>.

Para a recolha de conteúdos para a criação do quiosque estão pensadas diversas ações de sensibilização, capacitação e sessões de recolha de materiais junto dos habitantes que mais à frente serão desenvolvidas.

3.1 Objetivos, missão, valores

Os objetivos do projeto que se propõe prendem-se com a preservação da memória, entendida como fonte primária, composta por testemunhos relatos de experiências diretas, únicas e irrepetíveis, e complementar de conhecimento; dinamizar esses conteúdos; e envolver os detentores desse património em todas as fases do processo de patrimonialização através de ações de sensibilização e capacitação. Esperamos conseguir lançar o projeto-piloto a partir do caso da Festa em Honra de Nossa Senhora da Ajuda, que se insere nas categorias do património cultural imaterial, e que pelas suas características é um evento particularmente rico na relação entre memória e identidade e, cuja história, como tivemos oportunidade de ver, beneficiaria de uma metodologia que combinasse as fontes orais e documentais. Com a conclusão deste primeiro momento gostaríamos de nos tornar uma referência no concelho, alargar o projeto a outras temáticas e incluir os restantes lugares da freguesia procurando alcançar a sustentabilidade do projeto com atividade regulares e a partir da própria comunidade.

A preservação, dinamização e o testemunho do envolvimento resultarão na criação de um quiosque multimédia interativo. Este quiosque funcionará como um museu virtual da freguesia e dos vários lugares que a compõem e será orientado numa perspetiva cultural e educativa e orientado a diferentes públicos.

A nossa missão é «Envolver para preservar». Entendemos que a herança cultural só pode ser preservada se todos os agentes que lidam diariamente com ela estiverem envolvidos e informados sobre todas as partes que envolvem a identificação e patrimonialização destes elementos. Como tivemos oportunidade de ver, estes são processos em constante mutação, subjetivos, influenciáveis por agentes com poder e que implicam a alteração e/ou acrescento de significados e, no caso da memória coletiva esta só pode ser identificada por aqueles que a partilham e nunca por agentes exteriores. Pretende-se com este projeto lançar o estímulo para que cada um dos participantes do projeto entenda a importância que podem ter as suas memórias, histórias e vivências na constituição de um acervo patrimonial.

O nosso projeto tem como base os valores de participação e envolvimento da comunidade e de todos os interessados, oferecendo momentos de capacitação e *empowerment* para que todos possam contribuir alcançando dessa forma uma valorização das pessoas, e uma prática de cidadania ativa, estimulando o espírito de equipa e a otimização de recursos através de uma prática multidisciplinar e intergeracional. Este é um projeto que se rege pela transparência, recetividade e abertura, num formato

work-in-progress, cuja sustentabilidade assenta nos valores base já mencionados de participação e envolvimento dos participantes.

3.2 Proposta de valor

Tendo em conta as características do lugar e o tipo de património a ele associado propõe-se um museu imaginário, atualizando a perspetiva de Malraux: um museu que a partir das novas tecnologias possa ser adaptado aos gostos e interesses de cada um. A organização do espaço cultural será em torno do quiosque multimédia podendo organizar-se exposições numa lógica de complementaridade. Dado não possuímos instalações nem possibilidade de adquirir ou construir um espaço o efeito lança-se a hipótese de recorrer a equipamentos existentes na freguesia tais como as instalações da iniciativa do «Museu Etnográfico Paroquial» ou a sala polivalente da Casa do Povo, por exemplo. Ambos os espaços não permitem a constituição de um acervo material devidamente acondicionado e considerando que ocupar o local existente com uma exposição permanente seria demasiado redutor propomos:

- A existência de exposições temporárias com bens emprestados ao museu.
- O quiosque multimédia em permanência, que funcione como inventário e núcleo expositivo, apresentando um registo virtual, paralelo e complementar, das exposições temporárias realizadas, e das várias fases e atividades desenvolvidas ao longo do projeto.

Este seria um espaço orientado por uma perspetiva *emic*, de curadoria comunitária, seguindo um processo de patrimonialização participacionista, que pressupõe uma dimensão dinâmica do passado ao mesmo tempo que valoriza a contemporaneidade dos conteúdos¹⁴⁸.

Ao mesmo tempo entendemos o «museu» como estaleiro, como espaço de criação, de trabalho, debate e reflexão, pelo que o espaço ocupado pelo núcleo expositivo servirá igualmente como espaço para desenvolver as ações de sensibilização, capacitação e trabalho em torno da identificação e valorização do património material e imaterial da região.

Financeiramente o projeto será sem fins-lucrativos e irá depender de patrocínios, parceiros e mecenato. Colocamos a hipótese, após o lançamento do projeto-piloto, de criarmos uma associação de apoio por cotas, bem como a promoção atividades pagas.

¹⁴⁸ Sousa, Filomena (2015), *Património Cultural Imaterial. Memóriamedia e-museu: métodos, técnicas e práticas*, (Online), Alenquer: Memória Imaterial CRL, p.32. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/15872/>.

3.3 Enquadramento

No panorama internacional tanto a UNESCO como o ICOMOS têm demonstrado preocupações, desde os anos 1980, em criar recomendações e diretivas que incluam a diversidade do património que não se cinge ao chamado património material, móvel e imóvel, comumente caracterizado em termos de antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade¹⁴⁹. O património cultural imaterial por sua vez é caracterizado pelo carácter vivo, sempre em mutação e transformação, e pelo significado que o mesmo possui para a comunidade dele detentora.

Estes trabalhos culminaram por um lado na «Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial» de 2003, e na «Declaração do Québec», em 2008, sobre a preservação do *spiritu loci*, UNESCO e ICOMOS, respetivamente.

Portugal ratificou a «Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial» da UNESCO, em 2008, formalizada no Decreto-Lei 139-2009 e desenvolvido pela portaria 169-2010. Através destas duas normativas subscreve-se os princípios e obrigações estabelecidas e desde logo foi criado o inventário nacional para o património cultural imaterial. Dentro da obrigação de criar meios e ferramentas para a participação da comunidade no processo de inventariação e de sensibilizar e estimular para a participação dos jovens, foi lançado pela tutela, em 2011, o «Kit de Recolha do Património Imaterial» e em 2014 o «Manual de Utilização do Inventário Nacional» albergado na plataforma «MatrizPCI».

Desde Novembro de 2014, o «Kit de Recolha» conta com uma Base de Dados desenvolvida pela Direcção-Geral da Educação, em parceria com a Direcção-Geral do Património Cultural¹⁵⁰. Até a data da finalização deste trabalho a base conta com 9 fichas divididas entre património imaterial e material associadas na sua maioria a um único evento festivo. De forma semelhante também o inventário nacional apresenta um número reduzido de elementos inscritos em oposição ao inventário não-formal da plataforma «MemoriaMedia», já aqui apresentada.

O projeto que se propõe tem como objetivo sensibilizar uma comunidade para a importância da preservação do património Cultural Imaterial, através da criação de um quiosque multimédia, pensado como eventual ferramenta de alavancagem e sustentabilidade de um museu etnográfico local ou espaço cultural, de carácter comunitário. Enquadra-se tanto nos princípios da convenção e das recomendações da

¹⁴⁹ n.º3 do Art.º2 da «Lei de bases da política e do regime de protecção e valorização do Património Cultural», Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro. *Diário da República*: I série, no 209. Disponível em: <https://dre.pt/application/dir/pdf1s/2001/09/209A00/58085829.pdf/>.

¹⁵⁰ «Kit de Recolha do Património Imaterial: base de dados». Disponível em: <http://area.dge.mec.pt/kit/menuconsultar.aspx.24/Maio/>. Consultado a 24 de Maio de 2016.

UNESCO pelos domínios temáticos que propõe como pelo envolvimento das comunidades no seu desenvolvimento, visando sempre um acompanhamento técnico dos processos e ações de formação não-formal, de sensibilização e de dinamização. Desta forma, entende-se o museu como promotor de uma cidadania ativa e de um desenvolvimento sustentável do património.

Abraça igualmente as novas tecnologias como veículo da constituição de uma base de dados, interpretativa e interativa, que poderá funcionar como um *e-museu*, dentro das propostas da nova museologia, na qual se enquadram os museus virtuais e digitais. Este é um projeto informal que poderá funcionar como estímulo para a utilização das ferramentas disponibilizadas pela tutela para a inventariação e salvaguarda do património cultural imaterial.

3.4. Concorrência, Envolvente, Problema, Necessidade e Oportunidade

O nosso projeto não encontra concorrência direta. Apresenta-se como uma iniciativa inovadora pelas várias dimensões que o compõem, nas quais se destacam a preocupação com a formação e sensibilização do público para a importância do património na sua totalidade. Através destas ações de formação serão recolhidos os conteúdos, posteriormente combinados no quiosque multimédia que funcionará enquanto núcleo interpretativo, e serão criadas condições de sustentabilidade para o projeto a médio e longo prazo.

O concelho de Torres Vedras apresenta uma envolvente particularmente favorável à sustentabilidade do projeto. As iniciativas promovidas pela «Fábrica das Histórias», em articulação com o «clube sénior», já mencionadas, demonstram uma sensibilidade para com a temática, e uma preocupação para com a importância da preservação das memórias e histórias de vida enquanto fonte de conhecimento. O concelho de Torres Vedras promove ainda o projeto ISA- Idosos Saudáveis e Ativos que se desenvolve em várias vertentes. Na área do património o projeto promove a integração de cidadãos reformados em locais considerados como património histórico, procurando dessa forma garantir o seu funcionamento regular e a abertura ao público. Este projeto tem como objetivos incentivar hábitos de vida saudáveis, combater o isolamento, promover uma cidadania ativa e melhorar a oferta patrimonial. Os equipamentos abrangidos até ao momento são igrejas do concelho¹⁵¹. Consideramos que o projeto que se propõe poderia integrar esta iniciativa.

Diagnosticámos vários problemas. Ressaltamos a vulnerabilidade da memória enquanto parte do património imaterial e em especial em contextos associados à cultura popular, onde a tradição oral é predominante e na qual os registos escritos, fotográficos ou fílmicos se encontram dispersos. Sentimos a necessidade de procurar um produto capaz de aglutinar, preservar e expor a informação cuja resposta se traduziu na proposta de um quiosque multimédia. Por outro lado apesar dos inquéritos demonstrarem o

¹⁵¹ Apresentação do projeto «ISA- Idosos Saudáveis e Ativos». Disponível em: <http://www.cm-tvedras.pt/seniores/isa/>.

reconhecimento da importância do património imaterial, as entrevistas informais por nós realizadas, indicam que os inquiridos não consideram as suas memórias passíveis de serem consideradas património o que vem reforçar a necessidade de ações de sensibilização.

A relação cada vez mais próxima entre pessoas e as tecnologias revelou-se como uma oportunidade que potencializará a adesão e a continuação do nosso projeto, ao mesmo tempo que a não-relação também se revelou como um desafio, pensando-se que o projeto poderá atuar como uma forma de colmatar a iliteracia tecnológica, tal como é proposto pela recomendação da UNESCO sobre a aprendizagem ao longo da vida.

3.5 Segmentos

O nosso projeto destina-se, em primeiro lugar, a todos os que têm uma ligação direta e afetiva com o evento em particular. Por um lado às gerações seniores, antigos festeiros e não só, para quem a festa já conta com oitenta, noventa anos de histórias; para as gerações a quem a cada novo ano o testemunho é passado e que com orgulho mantêm a tradição, participando ativamente na organização ou enquanto espectador; e para as camadas mais jovens, pois sentimos que é importante dar o conhecer o passado.

Em segundo lugar, e pelo facto de o evento atrair população de todo o concelho, procura-se que o nosso projeto possa complementar a experiência de quem vem assistir pela primeira vez e dar conta da riqueza, particularmente associada aos arcos de murta, tidos como elemento identitário da freguesia. Por conseguinte, mais do que dar a conhecer o evento, é dar a conhecer uma identidade. Posteriormente o projeto alargará os seus segmentos conforme as temáticas escolhidas para se trabalhar.

3.6 Posicionamento

Produto: o produto consiste num quiosque multimédia, a partir de *hardware* sensível ao toque, que funcionará como acervo digital e núcleo interpretativo e um conjunto de exposições temporárias.

Preço: a utilização é gratuita. O utilizador terá apenas de dedicar uma parte do seu tempo à exploração do quiosque de acordo com os seus interesses podendo parar e/ou retomar a qualquer momento e visitar a proposta expositiva física.

Distribuição: o produto final será primeiramente lançado durante a festa e o acesso será feito no recinto nas instalações do antigo mercado, seguido de um período de itinerância pelos principais locais culturais e de sociabilidade da freguesia, de forma a divulgar o projeto em todos os lugares que a compõem. Posteriormente pretende-se que o mesmo fique permanentemente exposto num local de relevância para a freguesia, que possa funcionar como um espaço cultural.

Promoção: distribuição de cartazes pelos principais locais culturais e de socialidade da freguesia. Boca-a-boca. Redes sociais.

3.7 Recursos

Humanos: 2 pessoas para fazer a gestão da recolha e inventariação de conteúdos; 1 programador; 1 pessoa para manutenção e atualização de conteúdos.

Técnicos: 1 computador, 1 impressora multifunção, 2 câmaras para registo de imagens e som, 1 mesa *touch-screen* multitáctil, 1 projetor, 1 quadro branco, mesas e cadeiras.

Financeiros: patrocínios, parceiros, mecenato, cotas.

Infraestrutura: uma sala polivalente com uma área mínima aproximada de 24 m², equipada com casa de banho, acessível a pessoas de mobilidade reduzida.

∴

Como tivemos oportunidade de ver neste capítulo o património cultural do lugar da Ramalhal vai claramente para além da festividade popular, existindo um enorme leque de temáticas com grande potencial para serem exploradas e dinamizadas, bem como uma envolvente favorável para a concretização do projeto, através das dinâmicas já existentes no concelho de Torres Vedras, a partir dos projetos do «Clube Sénior» e do «Projeto ISA». Os nossos objetivos, missão e proposta de valor, para além de colmatarem uma lacuna do ponto de vista da oferta cultural patrimonial na freguesia, encontram-se de acordo com as preocupações e recomendações atuais que visam a preservação da diversidade do património e a valorização e envolvimento dos indivíduos nos processos de patrimonialização. Procurou-se também neste capítulo lançar as bases para o posicionamento do produto final, o quiosque multimédia, bem como fazer uma breve previsão dos recursos mínimos que julgamos ser necessários para o arranque do projeto. No capítulo seguinte iremos desenvolver as ações através das quais a sensibilização e envolvimento da população serão alcançados e lançar as bases para o desenvolvimento da aplicação do quiosque multimédia.

CAPÍTULO IV Ações

A capacitação do cidadão na preservação do património tem vindo a manifestar-se na área da proteção ambiental, em particular no Brasil. Na área do património, em Portugal, destacam-se dois manuais de inventariação do Património Cultural Imaterial: um vocacionado para adultos e o outro para dirigido ao público jovem. Contudo, para nós estes manuais padecem de proximidade com os detentores mais vulneráveis deste património. Em todos os casos que tivemos oportunidade de conhecer, nos quais se recolhe e dinamizam testemunhos e memórias, são muitas vezes iniciativas exteriores à comunidade ou que partem de grupos. Inevitavelmente no momento em que o organizador sai de cena o projeto termina, passando também ele a ser uma memória. Dai que os nossos objetivos se prendam em mostrar o que pode ser feito e acima de tudo como pode ser feito, tentando criar uma dinâmica *bottom-up* que torne o projeto sustentável a longo prazo. Tal como refere Guilherme de Oliveira Martins «cada pessoa tem o direito de beneficiar do património cultural e de contribuir para o seu enriquecimento»¹⁵².

Cada vez mais surgem pequenas iniciativas de preservação e dinamização da memória. Entre elas é de destacar o papel que a «Fábricas das Histórias – Casa Jaime Umbelino» tem vindo a fazer em parceria com o «clube sénior» de Torres Vedras que já tivemos oportunidade de abordar por diversas vezes.

Deolinda Folgado dá conta da ausência de programas que estimulem um maior interesse social pelo património desde a idade escolar ao considerar que muitas vezes o património coletivo permanece distanciado das comunidades ou sensibilidades¹⁵³. Ao mesmo tempo Filomena Sousa diagnostica, tal como nós, o distanciamento dos enunciados da convenção, direcionados para um público académico, da população civil, e refere a importância das ONG's neste processo de operacionalização das propostas da convenção. Considera também que a iniciativa de preservação deve partir da população e ser, posteriormente, acompanhada por peritos numa abordagem participada, como aquela do projeto «MemoriaMedia», com o qual colabora. Ao contrário da perspectiva *bottom-up* que começamos por mencionar, a organização adota uma perspectiva *emic* que ao contrário da anterior não pressupõe uma noção de hierarquia¹⁵⁴. Clara Cabral, por sua vez, propõe um equilíbrio entre uma metodologia *top-down* e *bottom-up* ao considerar que a aplicação da convenção é uma responsabilidade do estado e das instâncias públicas, ao mesmo tempo que a mesma exige a participação alargada da sociedade civil. Dentro do

¹⁵² Martins, Guilherme d'Oliveira (2010), «Património como valor humano» em Custódio, Jorge (ed.) (2010), *100 anos de património: memória e identidade: Portugal 1910-2010*, Lisboa: Igespar .p.338.

¹⁵³ Folgado, Deolinda (2010), «Património inclusivo. Das expectativas ou desafios» em Custódio, Jorge (ed.) (2010), *100 anos de património: memória e identidade: Portugal 1910-2010*, Lisboa: Igespar . p.330.

¹⁵⁴ Sousa, Filomena (2015), *Património Cultural Imaterial. Memoriamedia e-museu: métodos, técnicas e práticas*, Alenquer: Memória Imaterial CRL, pp.12-21. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/15872/>.

equilíbrio proposto a autora confere prevalência ao conhecimento dos praticantes em caso de divergência com o conhecimento dos especialistas¹⁵⁵.

Após a leitura das suas reflexões faz para nós todo o sentido seguir uma abordagem predominantemente *emic*, após as ações de sensibilização com as quais se pretenderá estimular a iniciativa dos detentores de património com a nossa proposta de projeto e metodologia.

Como já mencionámos no início deste projeto as nossas intenções passam por: preservar através da recolha e inventariação de conteúdos e através da criação do acervo digital interativo; envolver pela participação ativa da população na preservação, pela colaboração na recolha e identificação de materiais pertinentes e de testemunhos; dinamizar pela inter-relação de conteúdos e pela interatividade público-acervo; e capacitar pela transmissão das ferramentas necessárias para que possam ter um papel ativo na continuação desta iniciativa.

Para a proposta de atividades seguimos uma estratégia de *benchmarking* a partir dos projetos apresentados anteriormente.

4.1 Preservar e envolver

Envolver a população na recolha, seleção e inventariação de materiais pertinentes. Para o efeito convocaremos a população, através de cartazes e boca-a-boca, a participar numa reunião de apresentação do projeto que se repercutirá nos principais locais de sociabilidade da freguesia. Posteriormente decorrerá uma reunião mais formal com todos os interessados na sede de freguesia com o objetivo de apresentar a metodologia de trabalho. Este processo passará pela definição de equipas e seleção de um grupo de responsáveis, sem pretensões hierárquicas mas de forma a facilitar a comunicação entre todas as partes.

Metodologia de trabalho:

Opção 1

- Reunir o acervo dos participantes sobre a temática a trabalhar.
- Selecionar os documentos mais pertinentes de forma a dar início a uma troca de informações, memórias e histórias, entre o grupo, sobre esses documentos. Toda a sessão será gravada e as informações serão documentadas e partilhadas com os participantes e farão parte da ficha de inventário do documento.
- Em alternância com as sessões de grupos far-se-ão sessões de trabalho individual e entrevistas com registo fílmico.

¹⁵⁵ Cabral, Clara Bertrand (2009), *Património Cultural Imaterial. Proposta de uma metodologia de inventário*, Dissertação de mestrado em Ciências Antropológicas na Universidade Técnica de Lisboa, p.54. Disponível em: https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/3034/14/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Patrim%C3%B3nio-Cultural-Imaterial.pdf/.

Opção 2

- Digitalização de documentos para constituição de arquivo e criação de ficha de inventário.
- Criação de condições de preservação dos originais. Para tal prevê-se a realização de *workshops* por técnicos da área da conservação e restauro.

Opção 3

- Inventariação de objetos
- Criação de condições de preservação dos originais. Para tal prevê-se a realização de *workshops* por técnicos da área da conservação e restauro.

Opção 4

- Gravação fílmica de histórias de vida para constituição de um arquivo.

Prevê-se que as várias opções metodológicas de trabalho se relacionem entre si, podendo ocorrer autonomamente. Todas elas serão acompanhadas por alguém formado na área do património. Podem ser realizadas pelo proprietário e/ou por um participante do projeto. Coloca-se a possibilidade de parceria de trabalho entre os detentores de património e as escolas da freguesia e/ou concelho promovendo uma atividade intergeracional.

No futuro, com a disponibilização do produto *online*, prevê-mos que os utilizadores possam fazer *upload* de conteúdos multimédia diretamente para a plataforma, sendo estes validados por uma equipa responsável de forma a garantir que todos os requisitos são cumpridos e a fazer a articulação com conteúdos já existentes e, posteriormente, disponibilizados publicamente. Este fator permitirá também articular a aplicação com as redes sociais estimulando dinâmicas de partilha de conteúdos da aplicação ajudando à dinamização da memória.

4.2 Dinamizar

A dinamização decorrerá após a disponibilização do produto ao público e será composta pelo usufruto do mesmo, pela apresentação de histórias e memórias contadas ao vivo, podendo ser apoiadas pela apresentação de imagens ou vídeos, e por sessões de trabalho abertas, procurando desta forma motivar pela curiosidade os mais céticos a explorar a aplicação ou a dar o seu contributo e a juntar-se ao grupo de trabalho. Tentar-se-á que as apresentações e as sessões de trabalho decorram alternadamente em todos os lugares da freguesia. As exposições temporárias funcionarão também como momentos privilegiados de complementaridade entre os conteúdos multimédia digitais e os conteúdos materiais que a ele se possam

associar, incluindo momentos de «performance» protagonizados pelos detentores do objeto a expor e ou conteúdos a transmitir. Ou seja, se os conteúdos expostos consistirem num conjunto de utensílios de culinária usados para a confeção do pão tentar-se-á concretizar a receita ao vivo; caso se trate de um conjunto de alfaias agrícolas procurar-se-á que o seu uso seja exemplificado e explicado por quem de perto usou esses mesmos utensílios. Estes momentos serão filmados e integraram posteriormente os conteúdos do quiosque multimédia.

4.3 Capacitar

Pre vemos a capacitação em dois momentos. Desde logo encontra-se implícita no envolvimento da população à qual será apresentado um guião de trabalho no qual se dará a conhecer a metodologia e processos subjacentes para a criação de conteúdos para a aplicação multimédia, acompanhado de um *workshop* prático no qual se dará apoio técnico às ideias propostas pelos participantes, procurando aumentar assim a equipa de colaboradores, e criar uma rede de sustentabilidade para a iniciativa.

Num segundo momento serão promovidos *workshops* de conservação e restauro de forma a sensibilizar a correta preservação dos originais, nomeadamente de fotografias e documentos, mobiliário, quadros, vestuário, entre outros. Tendo em conta a itinerância do projeto pelos vários lugares da freguesia estas iniciativas repetir-se-ão em todos eles.

Para a realização dos *workshops* de conservação e restauro procurar-se-á realizar parcerias com instituições públicas nacionais tais como a Direcção-Geral do Património Cultural à qual pertence o Instituto José de Figueiredo e tem a tutela de vários museus, palácios e monumentos nacionais ou a Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Nova de Lisboa, que tem um trabalho reconhecido na área da formação em conservação e restauro. Tentar-se-á também realizar parcerias com a Câmara Municipal de Torres Vedras que gere o Museu Municipal Leonel Trindade privilegiando-se dessa forma a proximidade dos técnicos e dos formandos a um património «comum».

4.4 Desenvolvimento do protótipo da aplicação multimédia

Como já referimos, parte do produto final do projeto que se propõe assenta na criação de quiosque multimédia que funcione como inventário e núcleo expositivo, apresentando um registo virtual, paralelo e complementar, das exposições temporárias realizadas, e das várias fases e atividades desenvolvidas ao longo do projeto. Face às tendências atuais existirá a necessidade de no futuro disponibilizar a aplicação *online* e em formato compatível com dispositivos móveis. Contudo, de acordo com o espaço e as dinâmicas que se pretendem criar, esta foi a opção para nós mais fiável para iniciar o projeto. Pelas suas dimensões irá permitir interações de grupo e dessa forma desenvolver o conceito de partilha que esta na base dos valores do nosso projeto.

De forma a dar início à criação de um protótipo começámos por criar um conjunto de *wireframes*, que consistem em diagramas de estrutura que permitem organizar a informação de uma forma clara e próxima do *layout* final, sem qualidade gráfica.¹⁵⁶ Esta primeira fase permitiu identificar desde logo um problema de acessibilidade associado ao tamanho do dispositivo táctil a usar. Tínhamos inicialmente pensado recorrer a um *tablet* com 10”, contudo a área disponível para desenvolver uma aplicação adaptada a um público com dificuldades visuais, com diferenças morfológicas e que permitisse interações de grupo era reduzida bem como se mostrava insuficiente para todos os conteúdos e funcionalidades que pretendíamos incluir. Definimos uma área de 16” (corresponde sensivelmente às dimensões do ecrã de um portátil comum) como aceitável para os objetivos que nos propomos sem comprometer a acessibilidade por parte de pessoas com mobilidade reduzida.

A criação do protótipo teve em conta várias dimensões identificadas por outros autores ao nível da eficácia, usabilidade e acessibilidade do *design* do *interface* e estrutura interna e conteúdos. Entre os estudos aos quais recorreremos destacam-se Gonçalves *et al* 2012¹⁵⁷, Katre e Sarnaik 2010¹⁵⁸ e o guia de acessibilidade publicado pelo Smithsonian¹⁵⁹.

Estruturámos o *wireframe* inicial da aplicação de forma a apresentar deste logo as principais áreas de navegabilidade ao utilizador: menu principal e menu de conteúdos. O primeiro permite entrar nos vários lugares que compõem a freguesia, enquanto o segundo permite explorar os vários conteúdos recolhidos e criados para divulgação.

A zona de destinada à visualização de conteúdos apresentará um vídeo explicativo de como utilizar e interagir.

A zona inferior foi reservada para, através de botões, oferecer informações auxiliares e complementares ao projeto (apresentação da iniciativa e contactos, como utilizar, deixar opinião).

¹⁵⁶ Padrão, José (2012), *Desenvolvimento e exploração de um quiosque multimédia educativo para o Museu Militar de Bragança: estudo de caso de uma visita de estudo*, Dissertação de mestrado em TIC na educação e formação, Instituto politécnico de Bragança, p.41. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10198/7637/>.

¹⁵⁷ Gonçalves, Ligia; Campos, Pedro; Sousa, Margarida (2012), «*M-Dimensions: a framework for evaluating interactive installations in museums*» in *Proceedings of the 2011 iConference*, New York: ACM.

¹⁵⁸ Katre, Dinesh & Sarnaik, Mandar (2010), «Identifying the cognitive needs of visitors and content. Selection parameters for designing the interactive kiosk software for museums» em Katre Dinesh et al (ed.), *Human Work Interaction Design: usability in social, cultural and organizational contexts*, s.l.: Springer Berlin Heidelberg, pp.168-179.

¹⁵⁹ Smithsonian Accessibility program (2011), *Guidelines for accessible exhibition design*, Washington: Smithsonian Accessibility program. Disponível em: <https://www.si.edu/Accessibility/SGAED/>.

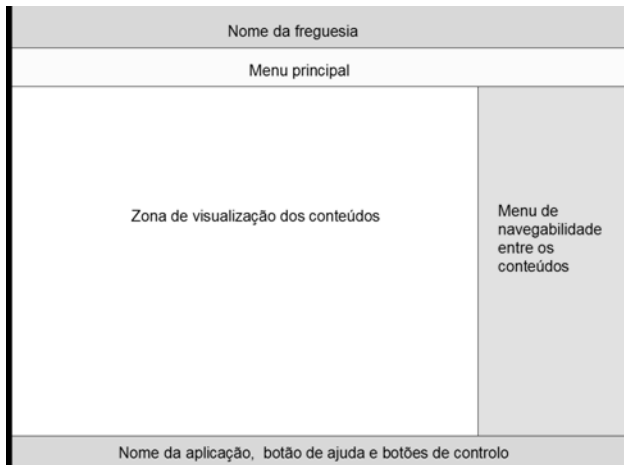


Figura 7 Wireframe inicial da aplicação multimédia.
Imagem da autora.

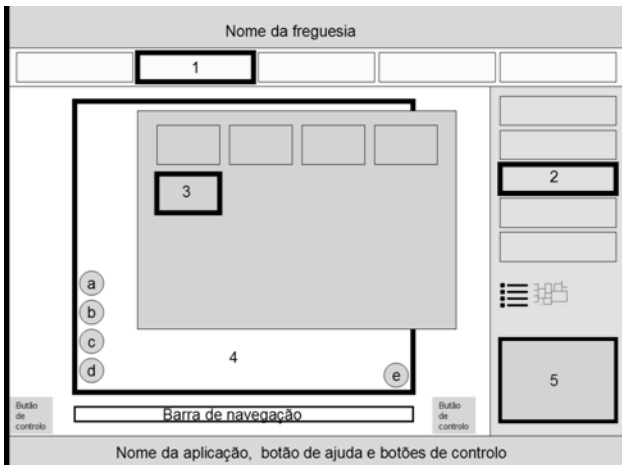


Figura 6 Wireframe de exploração de conteúdos.
Imagem da autora.

Para iniciar a exploração dos conteúdos o utilizador terá de seleccionar um lugar à sua escolha (1). Numa primeira fase apenas o lugar do Ramalhal se encontrará disponível para consulta. Posteriormente selecciona o tipo de conteúdo (2), por exemplo fotografias. Esta acção fará surgir uma janela do ecrã com um leque de opções correspondentes. Seleccionado um item (3), o mesmo é apresentado na zona de visualização (4) e a janela é automaticamente minimizada (5). Para voltar a aceder às opções basta clicar na imagem minimizada. Os botões de controlo correspondem às funções antes e depois e permitem navegar dentro da categoria seleccionada. No ecrã de visualização serão ainda disponibilizados botões complementares: o botão (a) funcionará como um descritivo áudio; botão (b) corresponde à ficha de inventário do conteúdo apresentado; o (c) apresentará conteúdos relacionados, e o (e) será um botão permite ampliar o conteúdo. De futuro incluiremos um botão de «partilha» (d) sincronizado com as principais redes sociais, apenas disponível aquando da disponibilização do produto na Web ou em formato de aplicação móvel.

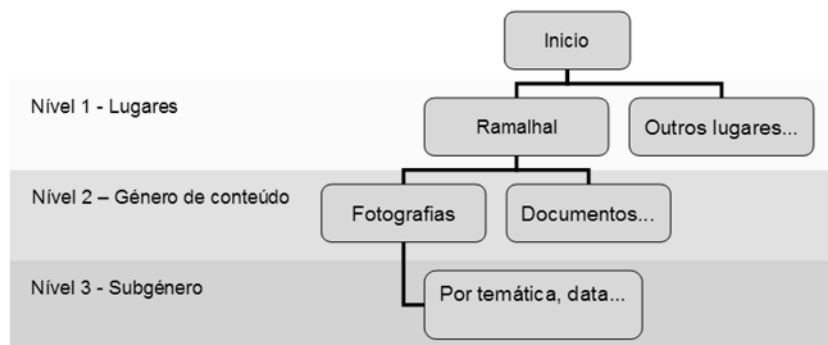


Figura 8 Esquema de acesso aos conteúdos da aplicação multimédia. Imagem da autora.

O acesso ao conteúdo foi estruturado em três grandes níveis: lugares; género de conteúdo; e subgénero. Esta divisão segue o nosso objetivo de dar a conhecer o património dos vários lugares que compõe a freguesia do Ramalhal. Optou-se de seguida pela categoria de género de conteúdo em detrimento de categorias temáticas para responder a uma lógica de inventário.

Condicionantes

O desenvolvimento da aplicação deve ter desde logo em conta vários fatores que condicionaram o formato físico e conseqüentemente as dimensões disponíveis, como já mencionamos, e a organização do *interface*.

Pelo facto de pretendermos que o projeto seja apresentado no recinto do evento, em simultâneo com este, seguido de um período de itinerância, a estrutura terá de ser sólida, resistente, facilmente transportada e adaptável a diferentes locais.

A acessibilidade a públicos com diferentes graus de literacia e literacia digital levou-nos a procurar reduzir ao máximo as ações necessárias de forma a aceder aos conteúdos e a apostar em pictogramas sempre que possível (apesar de taxa de analfabetismo ser apenas de 6%). Tendo em conta o princípio da reutilização o acesso aos vários conteúdos far-se-á sempre segundo o esquema já apresentado.

Protótipo de estrutura

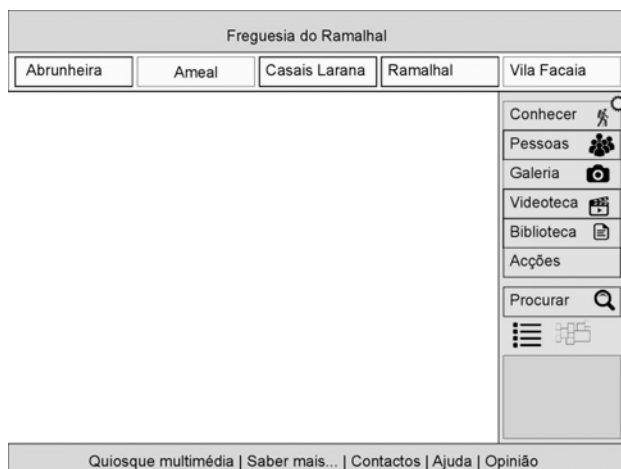


Figura 9 Wireframe de apresentação da aplicação multimédia. Imagem da autora.

De acordo com os objetivos já enunciados de criar uma aplicação que servisse todos os lugares da freguesia colocámo-los no menu principal. O menu de navegabilidade foi dividido em 6 categorias de género de conteúdos e uma sétima «Procurar» que permite a pesquisa de conteúdos por palavra-chave. A primeira que denominámos de «Conhecer» oferece uma abordagem combinada dos restantes através da

seleção de conteúdos por temas. Todos os menus e listas que ofereçam uma escolha ao visitante dispõem de um descritivo áudio que pode ser ativado através de um ícone. Ao ser acionado será iniciado um narrador, que descreverá a situação em que o utilizador se encontra e fará a leitura das opções, que em simultâneo serão realçadas através de efeitos visuais (*e.g.* mudar de cor). Sempre que forem adicionados novos conteúdos o utilizador será informado através de um ícone que ficará visível durante um período pré-determinado, de forma a dar oportunidade de vários visitantes se aperceberem, tal como é visível na figura 10, junto da opção «Conhecer».

Para iniciar a exploração da aplicação o utilizador pode optar por seleccionar o lugar e de seguida o tipo de conteúdo que pretende explorar, ou seleccionar um conteúdo diretamente. O menu principal com os lugares funcionará como um filtro dos conteúdos apresentados. Na figura abaixo sugere-se que o utilizador escolheu o lugar do Ramalhal e a opção «Conhecer». Ao longo de toda aplicação procurou-se manter sempre a mesma estrutura e fazer acompanhar as opções de ícones que sugerissem uma escolha fácil e intuitiva aos vários tipos de público.

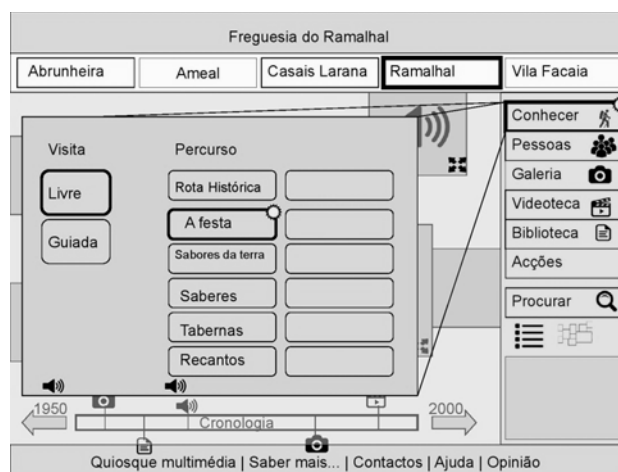


Figura 10 Wireframe de apresentação do menu da opção «Conhecer» no qual se simula a adição de conteúdos novos através da introdução de um ícone estrelado no canto superior direito das opções. Imagem da autora.

A opção «Conhecer» procura oferecer ao utilizador uma exploração interativa e multimédia dos vários conteúdos por temáticas funcionando como exposições digitais. A sua ativação abre uma janela na qual se pede ao utilizador que estabeleça o grau de interatividade que pretende ter através da escolha de visita livre, na qual todo o poder de decisão é dado ao utilizador, ou guiada. Esta segunda opção leva a uma animação, narrada e legendada, que explorará os principais conteúdos dentro da temática escolhida.

Só após a escolha da modalidade de visita as opções temáticas do percurso ficarão visíveis e passíveis de serem selecionadas. Após a escolha do percurso a janela será minimizada automaticamente para o canto inferior direito. Para ser recuperada basta clicar sobre a mesma e os passos anteriormente descritos repetir-se-ão.

Os conteúdos serão apresentados cronologicamente em formato de nuvem realçando os conteúdos mais relevantes através do tamanho. Colocámos a hipótese do realce de conteúdos, ao invés de se relacionar com uma pré-seleção do programador, se relacionar com os conteúdos mais vistos pelos utilizadores ou avaliados pela positiva. No entanto receamos que esta opção vicie de alguma forma a apresentação, dado que os conteúdos realçados serão sempre os mais vistos e, conseqüentemente, os mais votados. Considerámos também que a apresentação fosse aleatória ou desse ênfase aos novos conteúdos adicionados. Na zona inferior da zona de apresentação de conteúdos estará uma barra de navegação cronológica, com realce para os materiais que se revelem mais pertinentes para a temática que o utilizador se encontra a explorar.

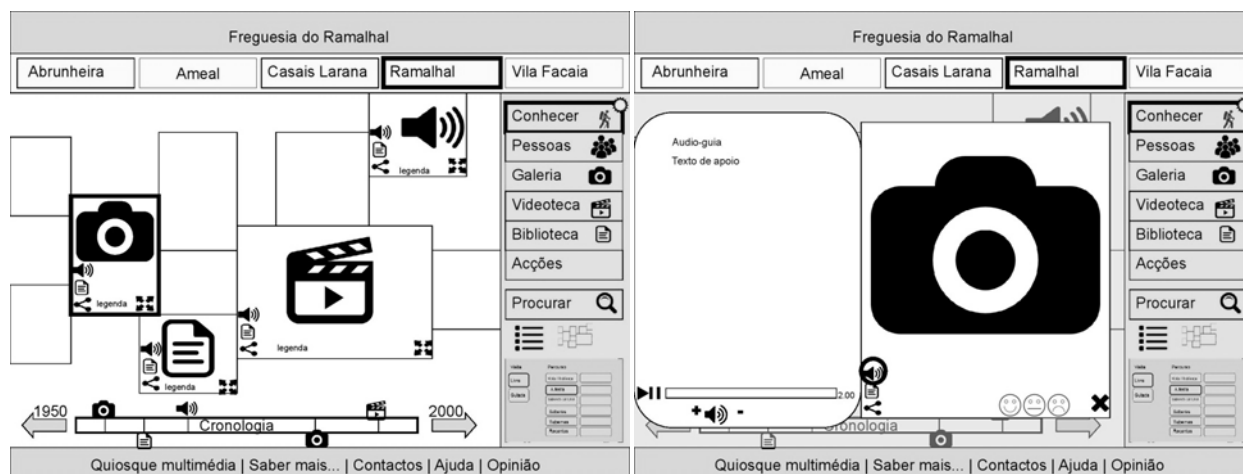


Figura 12 *Wireframe* de apresentação da visualização em nuvem do conteúdo selecionado na opção «Conhecer». Imagem da autora.

Figura 11 *Wireframe* no qual se exemplifica a seleção de um conteúdo específico da apresentação em nuvem da opção «Conhecer». Neste caso para além da ampliação da imagem simulou-se que o utilizador tinha acedido à descrição áudio da imagem o que faz abrir uma segunda janela na qual se poderia ler o texto de apoio e aceder ao ficheiro áudio. Imagem da autora.

Os conteúdos serão selecionados tendo em conta as seguintes características: apresentarem dados raros ou que não são visíveis e/ou praticados na atualidade; potencial de comparação com o presente; relação com o visitante; de particular importância para o contexto em que se enquadram; associados a histórias e memórias interessantes; provoquem interações de grupo e ou sejam populares pelo significado histórico, técnica aplicada ou valor estético¹⁶⁰.

¹⁶⁰ Dimensões adaptadas a partir de Katre, Dinesh & Sarnaik, Mandar (2010), «Identifying the cognitive needs of visitors and content. Selection parameters for designing the interactive kiosk software for museums» em Katre Dinesh et al (ed.), *Human Work Interaction Design: usability in social, cultural and organizational contexts*, s.l.: Springer Berlin Heidelberg, p.177.

Cada um dos conteúdos apresentados na nuvem pode ser seleccionado e automaticamente ampliado através do toque. Esta ação permite explorar particularidades do material seleccionado como seja aceder a explicações em formato texto ou áudio, aceder à ficha de inventário ou a conteúdos associados (Figura 12). O ícone escolhido para os conteúdos associados terá, no futuro, de ser alterado por ser frequentemente utilizado para apresentar opções de partilha de conteúdos entre aplicações.

A qualquer momento o utilizador pode escolher avançar para outros conteúdos bastando para tal seleccionar a opção no menu. Na Figura 13 simulou-se a opção «Galeria». Todas as restantes seguirão a mesma lógica de apresentação. A ação abre um menu no qual o utilizador pode escolher a categoria que pretende ver encontrando-se as mesmas inseridas num diretório alfabético. Existe ainda a possibilidade de o utilizador ver todas as fotografias inventariadas ou fazer uma seleção das categorias que pretende. As imagens serão apresentadas em formato nuvem, por predefinição, e a barra de navegação encontra-se organizada cronologicamente, com realce para imagens relevantes ou recentemente adicionadas.

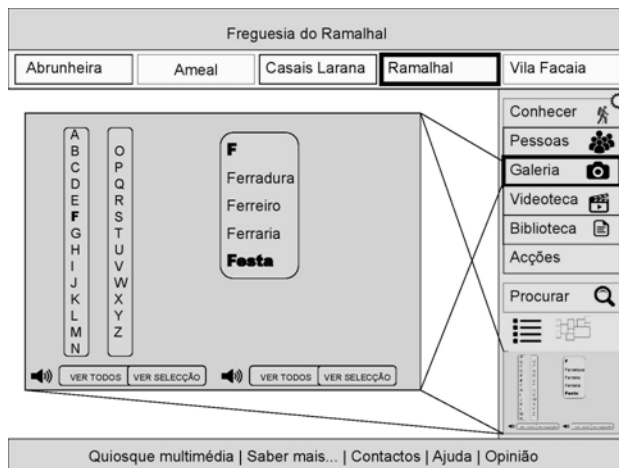


Figura 14 Wireframe da apresentação do menu da opção «Galeria» filtrada pela escolha do lugar «Ramalhal». Imagem da autora.

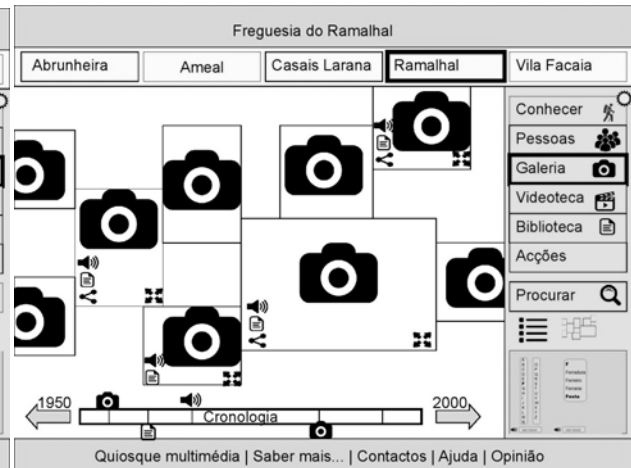


Figura 13 Wireframe de apresentação dos conteúdos em modo nuvem da opção «Galeria» filtrada pela escolha do lugar «Ramalhal». Imagem da autora.

Na categoria «Pessoas» encontrar-se-ão os testemunhos recolhidos. Na barra de navegação do testemunho recolhido estarão realçadas as várias temáticas abordadas através de símbolos. Prevemos incluir legendagem em todos os casos, dando prioridade às situações em que o discurso seja pouco explícito, por se tratar de um processo moroso. No futuro prevê-se que todos os testemunhos incluam legendagem e transcrição editada de forma a garantir uma maior acessibilidade da aplicação.

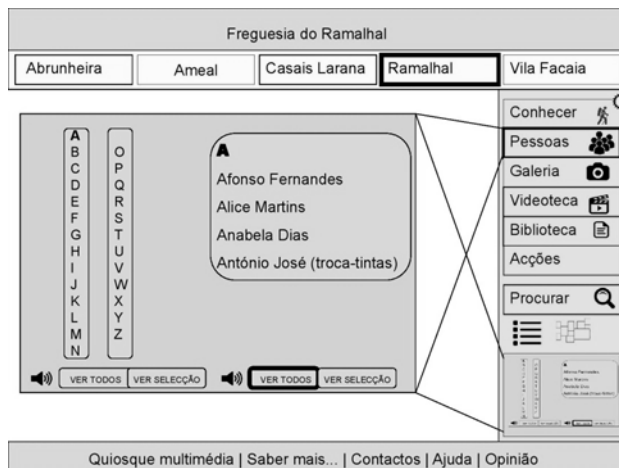


Figura 15 Wireframe de apresentação do menu da opção «Pessoas» filtrada pela escolha do lugar «Ramalhal». Imagem da autora.

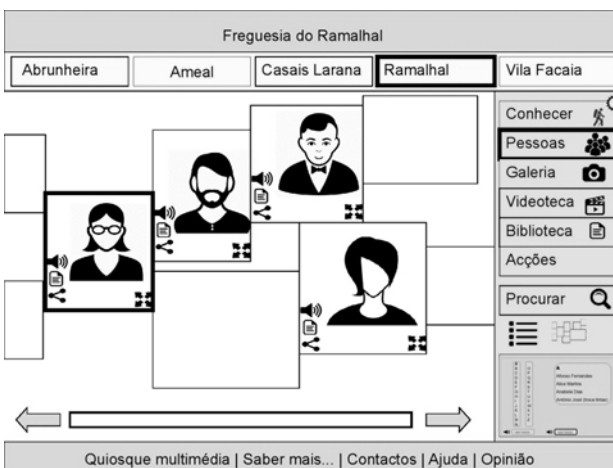


Figura 16 Wireframe da apresentação dos conteúdos em modo nuvem da opção «Pessoas» filtrada pela escolha do lugar «Ramalhal». A barra de navegação neste caso funciona alfabeticamente. Imagem da autora.



Figura 17 Wireframe da opção «Pessoas» no qual se simula a seleção de uma pessoa da nuvem que surge ampliada e se acede aos conteúdos associados: neste caso a pessoa contribuiu com 4 fotografias, 2 vídeos e um documento. De notar que a barra de duração do registo vídeo ou apenas áudio se encontra pontuada de ícones referentes às temáticas que são abordadas. Imagem da autora.

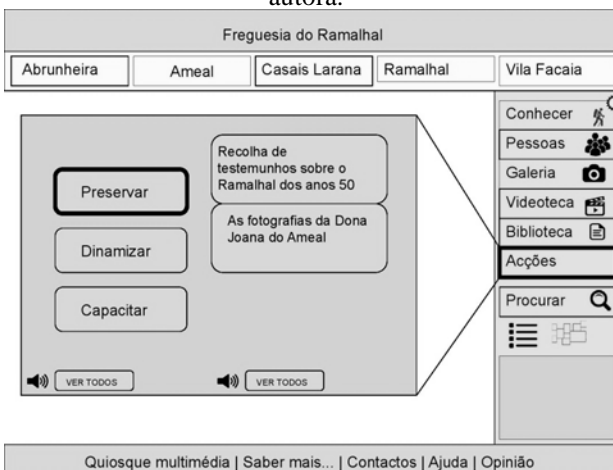


Figura 18 Wireframe da apresentação do menu da opção «Acções» na qual se pode aceder ao registo das acções por nós dinamizadas durante o projeto, divididas pelas fases-chave do mesmo: preservar, dinamizar e capacitar. Imagem da autora.

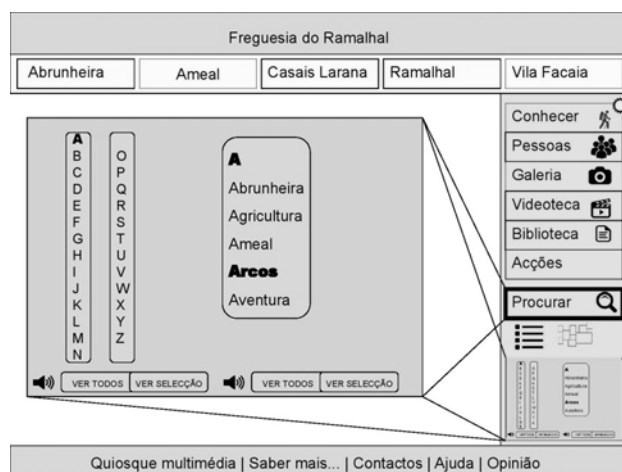


Figura 19 Wireframe da apresentação do menu da opção «Procurar». Imagem da autora.

∴

O objetivo deste trabalho prendia-se com a sensibilização para a importância da preservação do património imaterial, transmitido pelas memórias, pessoais e autobiográficas, enquanto fonte de conhecimento. De forma a cumprir com esse objetivo ao longo do capítulo apresentámos um conjunto de atividades com vista a envolver ativamente os detentores desse património na sua identificação, preservação e dinamização, orientados pelos princípios da aprendizagem ao longo da vida, enriquecimento pessoal, cidadania ativa e desenvolvimento local. Essas atividades materializar-se-iam na proposta de um quiosque multimédia o qual procurámos que fosse acessível à generalidade dos públicos, que tivesse ofertas de conteúdos diferenciados para vários públicos e no qual procurámos incluir os vários locais da freguesia e prever a inclusão de várias temáticas e conteúdos. As dinâmicas de trabalho para a criação de conteúdos do quiosque multimédia e o próprio quiosque para nós seriam os elementos suficientes para criar um espaço cultural de enfoque patrimonial no lugar do Ramalhal, que sentimos ser útil e necessário como vimos pelas características exploradas no capítulo dois.

REFLEXÕES FINAIS

No início deste trabalho pudemos compreender que o conceito de memória é a faculdade que nos permite lembrar e recordar conteúdos, aprendizagens e experiências, que foram vividas diretamente por nós e/ou transmitidas por outros.

Contudo, raramente somos capazes de nos lembrar com precisão de todos os eventos e até é frequente esquecermo-nos de determinadas ocorrências. Ambos, o ato de lembrar e o ato de esquecer, encontram-se relacionados com outros fatores, entre eles a noção de identidade. O conceito de identidade prende-se com a capacidade de nos identificarmos ou distanciarmos de um determinado tipo de conteúdos. A memória é essencial neste processo ao permitir lembrarmo-nos deste processo de identificação.

No entanto, os estudos realizados demonstram que a memória, apesar de ser uma faculdade individual, pois cada um de nós tem uma forma única de se lembrar de um mesmo evento, encontra-se enraizada nos elementos que dela participam tais como pessoas, lugares e objetos. Com a fragmentação destes elos de ligação o ato de esquecer torna-se mais frequente. A idade é também um fator que altera a forma como nos lembramos. Contudo, o elemento mais problemático que afeta a veracidade da memória, não lhe retirando por isso menos importância, é a acumulação de experiências e vivências ao longo do tempo. O ato de lembrar está sempre condicionado pela lente do presente.

Apesar da memória estar sujeita a um constante processo de transformação, acrescentos, ocultações e alterações, ela pode ser tida como património. O património corresponde a herança cultural que nos é transmitida e à qual pertencemos. Desta forma, a memória nas suas várias vertentes, pessoal, cognitiva e memória-hábito, traz consigo padrões culturais que caracterizam uma identidade e podem definir um determinado período temporal e ou zona geográfica ou ambos, bem como permitem descrever comunidades, grupos e indivíduos, sistemas sociais e políticos, objetos e imóveis, entre outros. Os conteúdos de que nos lembramos são uma fonte rica de conhecimento para as várias esferas da história.

As histórias de vida traduzem-se num registo autobiográfico e não só são úteis para a valorização do ser humano, da sua diversidade e ao mesmo tempo do que nos une a todos nós, como apresentam um forte potencial para o estudo e conhecimento do passado, em particular para os estudos das particularidades que escapam às versões «oficiais» dominantes da história.

As festas populares de carácter religioso são um evento que, como tivemos oportunidade de ver, tem atraído vários investigadores, nomeadamente sociólogos e historiadores. São tidas como momentos privilegiados de sociabilidade e de afirmação de uma identidade coletiva. Apesar da identidade coletiva ser uma ilusão, tal como a memória é subjetiva, não podendo existir duas pessoas a lembrar e a agir exatamente da mesma maneira, existe a crença num sentimento de partilha de valores, experiências e histórias em comum e as festas são momentos particularmente ricos. No entanto, as mudanças que se tem

verificado nas sociedades tem também provocado alterações nas motivações e no modo como estes eventos são vividos.

Existem vários projetos que ao se aperceberem da importância que reside nas memórias e nas histórias de vida, e na sua vulnerabilidade, não só por se encontrar ancorada em pessoas, lugares e objetos, mas também por serem transmitidas por via oral e essa cadeia de transmissão se encontrar cada vez mais fragmentada, como identificou Jean Poirier, tem promovido a recolha e dinamização destes testemunhos, recorrendo às novas tecnologias ao longo de todo o processo. Tivemos oportunidade de explorar alguns dos exemplos cujo produto final de traduziu em acervos multimédia disponibilizados em plataformas *online*.

Estas questões relacionadas com o património imaterial, do qual a memória e as histórias de vida fazem parte, têm vindo a ser debatidas dentro do contexto museológico. O veículo privilegiado para a sua introdução nos acervos e no contexto expositivo é através das novas tecnologias digitais que desde os anos 1990 começaram a ser utilizadas. Para além de permitirem a introdução de novos conteúdos permitem igualmente melhorar a experiência e envolvimento do visitante.

Este envolvimento é cada vez mais importante para as instituições, especialmente quando se trata do património imaterial e da complementaridade deste ao património material, fazendo com que os visitantes, enquanto detentores de património, participem ativamente nos processos de patrimonialização e na construção do discurso museológicos. Existem vários níveis de participação. No seu extremo tendemos a assistir a projetos de curadoria comunitária na qual se privilegia os conteúdos dos detentores em detrimento aos dos especialistas.

A festa em honra de Nossa Senhora da Ajuda e S. Lourenço, do lugar do Ramalhal, Torres Vedras, como vimos, terá as suas origens aquando da construção da ermida em honra de Nossa Senhora da Ajuda. Terá ganho outra dimensão aquando da passagem a Igreja paroquial que trouxe consigo o orago de S. Lourenço. Com mais certeza desde os anos 1980 encontramos no periódico de maior tiragem da zona oeste, jornal *Badaladas*, referências com regularidade. A ela se encontra associada a tradição dos «arcos de murta», cujas origens segundo os habitantes se encontram no início do século XX, e que é tida como um elemento identitário para a freguesia ao serem integrados no respetivo brasão. Como se verificou, esta é uma história que se encontra dispersa entre várias fontes e núcleos documentais e carece de uma sistematização. Assim, não só por se tratar de uma festa popular, ou seja, de um momento de particular sociabilidade e de afirmação da crença de uma identidade coletiva, de memórias, histórias, estórias e vivências, mas também pelo facto de ainda não ter sido estudada, apresenta-se como um caso particularmente interessante para dar início ao nosso projeto de sensibilização da população para a importância do património cultural imaterial.

Para a criação da nossa proposta de quiosque multimédia, que poderá funcionar como ferramenta de alavancagem de um espaço cultural, de curadoria comunitária, começámos por definir várias ações para a recolha de conteúdos. Estas ações centram-se na recolha de testemunhos e na interpretação de fotografias e objetos, sobre a temática, em atividades individuais e de grupo.

Prevemos que o quiosque funcione como um museu digital, complementado com a realização de exposições temporárias. Para a preservação dos conteúdos materiais originais que integrem as exposições e que sejam por meio de fotografia ou digitalização inseridos no quiosque prevemos a realização de vários *workshops* de conservação e restauro promovidos por profissionais da área.

Por fim, de forma alcançar a sustentabilidade do projeto, serão promovidas ações de capacitação sobre a preservação e inventariação do património cultural imaterial.

Ao criarmos a nossa proposta para o quiosque tivemos em conta os projetos existentes no mercado e demos atenção à integração dos vários lugares e dos vários conteúdos. O utilizador poderá percorrer os conteúdos por género ou temática que funcionará como um inventário ou poderá escolher assistir a uma seleção dos conteúdos que funcionaram como exposições digitais. Tivemos em atenção a acessibilidade e usabilidade por parte de utilizadores com diferentes níveis de literacia e literacia digital e procurámos manter sempre a mesma estrutura, incluímos sempre que possível descrições áudio e recurso a ícones.

Concluímos que a preservação da memória é, não só importante, mas essencial enquanto complemento do património material e enquanto património imaterial. As novas tecnologias digitais apresentam-se como o recurso mais eficaz para a sua recolha e preservação, mas também como forma de dinamizar, seja via *internet*, seja em contexto expositivo museológico, permitindo expor os conteúdos de forma inovadora e dessa forma alcançando diferentes públicos, melhorando a experiência e envolvimento do visitante e aumentando as probabilidades de cumprir com os nossos objetivos de sensibilizar para a importância da preservação do património cultural imaterial.

Consideramos que a proximidade entre os detentores de património e os processos de patrimonialização deve ser alcançada através de ações de capacitação, promovendo uma cidadania ativa. Ao mesmo tempo que pretendemos orientar o nosso trabalho numa perspetiva *emic*, sentimos necessidade de impor o estímulo através das ações de sensibilização e da proposta de projeto-piloto.

Estimamos que a cultura é um ponto essencial no desenvolvimento social e que se encontra apagado e desvalorizado na freguesia e acreditamos que a ser implementado este projeto iria permitir colmatar falhas na história do território e da freguesia e, conseqüentemente enriquecer, e promover a união da dos vários grupos, comunidades, e lugares. Face às fragilidades da memória, nomeadamente da população sénior, é um projeto que carece de urgência na sua implementação de forma a ser possível traçar a história mais recuada possível.

O sucesso da aplicação deste projeto passará pela receptividade do mercado e da envolvente do concelho de Torres Vedras através de parcerias com o «clube sénior» e com a rede de escolas do concelho que já colaboraram no âmbito dos projetos promovidos pela «Fábrica das Histórias – Casa Jaime Umbelino». O lugar do Ramalhal apresenta a particularidade de possuir uma escola primária e um centro de dia o que oferece a possibilidade de se proporem atividades intergeracionais entre as duas instituições. Encontra-se igualmente dependente de parceiros que possam contribuir com recursos financeiros e ou materiais, e parceiros na área da conservação e restauro para a realização dos *workshops*.

Os dados do inquérito por nós realizado leva-nos a crer que existem condições favoráveis de implementação e sustentabilidade do projeto no lugar do Ramalhal, na existência de financiamento que permita adquirir os recursos básicos necessários para a preservação e disponibilização dos conteúdos recolhidos.

O projeto encontra-se também dependente da constituição de uma equipa multidisciplinar que permita agilizar a gestão e implementação das várias ações e comunicação do mesmo, nomeadamente ao nível do desenvolvimento da aplicação informática, que seria o produto final.

Tendo já existido uma iniciativa com intenções museológicas sem continuidade, e uma fraca participação do núcleo sénior do Ramalhal nas iniciativas ligadas às histórias de vida e a ausência de iniciativas de valorização do património material, nomeadamente imóveis na freguesia, deixa-nos reticentes quanto à adesão da população a um espaço cultural/museológico alternativo com enfoque na relação entre o património material e imaterial. Ao mesmo tempo todos estes fatores se revelam como uma oportunidade por se tratar de uma iniciativa diferenciada, que no nosso entender iria oferecer uma dimensão cultural inexistente na freguesia neste momento, e que serviria para valorizar a região e o desenvolvimento local, através do aprofundamento do conhecimento da história, da evolução e da identidade dos lugares.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes

Inquérito

Inquérito desenvolvido por Ana Maria Dias aplicado aos habitantes do Ramalhal, entre Maio e Junho de 2016 (formulário em anexo – Anexo A)

Fontes de Arquivo

Biblioteca Municipal de Torres Vedras, 908(469) LOP, «Historial da Freguesia de S. Lourenço do Ramalhal», documento policopiado atribuído a P.º Fernando Félix Lopes, Lisboa, 1981.

Legislação

«Lei de bases da política e do regime de protecção e valorização do Património Cultural», Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro. *Diário da República*: I série, n.º 209. Disponível em: <https://dre.pt/application/dir/pdf1s/2001/09/209A00/58085829.pdf/>.

«Lei-quadro dos Museus Portugueses», Lei n.º 47/2004, de 19 de Agosto. *Diário da República*: I série A, n.º 195. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.pt/static/data/conservacao_e_restauracao_lj/lei_47-2004.pdf/.

«Convenção de Faro», aprova a Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural, Resolução da Assembleia da República n.º 47/2008, de 12 de Setembro. *Diário da República*: I serie, n.º 177. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/ConvencaoFaro.pdf/>.

«Procedimento de inventariação do património cultural imaterial», Portaria no 196/2010, de 9 de Abril do Ministério da Cultura. *Diário da República*: I série, n.º 69. Disponível em: http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/CommonServices/FileDownloader.axd?fileId=3061&IdReg=23&TipoReg=105&fileIsToDownload=true&fileName=PT_PCI_Portaria_196_2010.pdf&fileType=/.

«Regime jurídico de salvaguarda do património cultural imaterial», Decreto-Lei no 139/2009, de 15 de Junho, *Diário da República*: I série, n.º 113. Disponível em: http://www.unesco.org/culture/natlaws/media/pdf/portugal/portugal_lei139_2009_porof.pdf/.

Imprensa

Badaladas: boletim das paróquias de S.ta Maria do Castelo e S. Pedro da Vila de Torres Vedras, Setembro de 1948 a Setembro de 2013.

Fontes multimédia

Vídeo «Festa do Ramalhal (1975-1981)». Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NPR_SlhgdGw.

Vídeo «Levantamento dos arcos 2010 Ramalhal». Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YwY6qlj0Nk>.

Vídeo «Levantamento dos arcos Ramalhal 2». Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YhghPBmcg48>

Outras Fontes Publicadas

- «Aprovação da heráldica da Freguesia», *Diário da República*, III série de 04/09/1998.
- Apresentação da empresa «Sítios e Memórias». Disponível em: <http://sitiesmemorias.com/>.
- Apresentação da exposição «13». Disponível em: <http://www.memoriamedia.net/index.php/13-fotografias/>.
- Apresentação da freguesia do Ramalhal. Disponível no website da Junta de Freguesia do Ramalhal: <http://www.ramalhal.freguesias.pt/>.
- Apresentação do projeto «Aldeias de Memória» e exploração de conteúdos. Disponível em: <http://www.aldeiasdememoria.com/>.
- Apresentação do projeto «Desculpe, como me chamo?». Disponível em: <http://www.museudeloule.pt/pt/menu/1144/desculpe-como-me-chamo.aspx/>.
- Apresentação do projeto «Histórias à mesa». Disponível em: <http://www.intermarche.pt/historias-mesa/>.
- Apresentação do projeto «ISA- Idosos Saudáveis e Ativos». Disponível em: <http://www.cm-tvedras.pt/seniores/isa/>.
- Apresentação do projeto «Sete Biliões de Outros». Disponível em: <http://www.7billionothers.org/pt/lisboa/>.
- Apresentação do projeto em formato blogue «À mesa Portuguesa» e exploração de conteúdos. Disponível em <http://www.amesaportuguesa.pt/>.
- «Associação Amigos do Ramalhal», Página «Facebook». Disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/amigosdoramalhal/>.
- «Associação de socorros da Freguesia do Ramalhal», Página «Facebook». Disponível em: https://www.facebook.com/assocsoc.framalhal/home?ref=page_internal/.
- Bruno, José Pereira (1936, 1937), «Freguesias: Ramalhal», *A hora*, pp. 42-43, p.69.
- «Censos 2011 - Quadros-resumo» ,Instituto Nacional Estatística (2011), Disponíveis em: http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros/.
- Censos Resultados definitivos. Região Centro*, Instituto Nacional Estatística (2011), p. 119. Disponível em: http://censos.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=156645374&att_display=n&att_download=y/;
- César, José Rodrigues Ribeiro (1959), «Freguesia do Ramalhal», *A hora*, 276-277, Outubro e Novembro, p.44.
- «Convenção para a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais», aprovada pela UNESCO em 2005, adotada em Portugal através do Decreto n.º 27-B/2007, de 16 de Março, *Diário da República* I, 54. Disponível em: https://www.unescoportugal.mne.pt/images/Diversidade_2005.pdf/.
- «Convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial», UNESCO (2003), Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf/>.
- Costa, Paulo Ferreira da (Coord.) (2011), *Kit de recolha de património imaterial, s.l.: Instituto dos Museus e da Conservação*. Disponível em http://www.matrizpci.dgpc.pt/matrizpci.web/Download/Kit/KIT%20Recolha%20Patrim%C3%B3nio%20imaterial_Integral.pdf.
- Costa, Paulo Ferreira da (2014), *MatrizPCI – Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial: Manual de Utilização*, Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. Disponível em http://www.patrimoniocultural.pt/static/data/patrimonio_imaterial/matrizpci_manualdeutilizacao_2014certo.pdf.
- «Declaração de Santiago do Chile», ICOM (1972). Disponível em: http://www.museologia-portugal.net/files/texto_de_apoio_01_declaracoes.pdf/.

- «Declaração do México sobre las políticas culturales», ICOMOS (1985). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaracao%20do%20Mexico%201985.pdf/>.
- «Declaração do Québec: princípios de base de uma nova museologia 1984», tradução de Moutinho, Mário (1999), *Cadernos de sociomuseologia*, 15, p.223.
- «Declaração do Québec sobre a preservação do "Spiritu loci"», ICOMOS (2008). Disponível em: http://www.icomos.org/quebec2008/quebec_declaration/pdf/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf/.
- Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico* (2003-2016), Online, Porto: Porto Editora. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/>.
- Festa em Honra de Nossa Senhora d'Ajuda*, folheto distribuído gratuitamente à população do Ramalhal, Ramalhal, 2004.
- «Grupo Desportivo do Ramalhal», Página «Facebook». Disponível em: <https://www.facebook.com/gdramalhal/?fref=ts/>.
- «Histórias de vida foram mais uma vez festejadas em Torres Vedras», Portal do Município de Torres Vedras, texto datado de 28 de Maio de 2015, Disponível em: <http://www.cm-tvedras.pt/artigos/detalhes/historias-de-vida-foram-mais-uma-vez-festejadas-em-torres-vedras/>.
- ICOM, (2002), *Shanghai Charter, 7th regional assembly of the Asia Pacific Organization*, International Council of Museum, Shanghai, China, 20-25 October 2002. Disponível em: http://archives.icom.museum/shanghai_charter.html/.
- ICOM (2004), *21st General Assembly of ICOM*, Seoul, Korea, 8 October. Disponível em: <http://icom.museum/the-governance/general-assembly/resolutions-adopted-by-icoms-general-assemblies-1946-to-date/seoul-2004/>.
- ICOM (2004), *Como gerir um museu: manual prático*, Paris: ICOM. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf/>.
- ICOM (2005), *Boletim semestral da comissão nacional portuguesa do ICOM*, 5.
- Informação sobre o «clube sénior de Torres Vedras». Disponível em: <http://www.cm-tvedras.pt/seniores/clube-senior/>.
- «Kit de Recolha do Património Imaterial: base de dados». Disponível em: <http://area.dge.mec.pt/kit/menuconsultar.aspx.24/Maio/>.
- «Linhas de ação do Museu da Pessoa» e exploração de conteúdos do website «Museu da Pessoa». Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/>.
- Lopes, P.º Fernando Félix (1981), *Ramalhal*, Lisboa: s.n..
- Lopes, P.º Fernando Félix (1996), *Freguesia do Ramalhal*, Ramalhal: Junta de Freguesia do Ramalhal.
- «Mapa do concelho de Torres Vedras» retirado de «Área de Atuação» dos bombeiros voluntários de Torres Vedras: <http://bvtorresvedras.pt/area-de-actuacao/>.
- «Mapa do lugar do Ramalhal», retirado de Google Maps (2015): Disponível em: <https://www.google.pt/maps/place/Ramalhal/@39.1450964,-9.2333152,182m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd1f32c27feba689:0xf9d6e3040a05b2ae!8m2!3d39.1454351!4d-9.2329795/>.
- Matos, Venerando António Aspra de (1990), «Viver a festa dos arcos do Ramalhal», *Zona Oeste*, 1, p.34.

Matos, Venerando António Aspra de (2009), *A “festa dos arcos”, no Ramalhal*, post no blogue «Vedrografias», (Online). Disponível em <vedrografias2.blogspot.pt/2009/09/festa-dos-arcos-no-ramalhal.html>, Consultado a 26/10/15.

«Missão» do projeto «Arquivo dos Diários» e exploração de conteúdos em website. Disponível em: <http://www.arquivodosdiarios.pt/>.

«Museu», Definição pelo ICOM. Consultado em: http://icom-portugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx/.

«Notícia da empresa Parques de Sintra de 9 de Março de 2015 «Castelo dos Mouros com novo centro de interpretação e musealização do campo de investigação arqueológica». Disponível em: <https://www.parquesdesintra.pt/noticias/castelo-dos-mouros-com-novo-centro-de-interpretacao-e-musealizacao-do-campo-de-investigacao-arqueologica/>.

«Notícia municipal do Fundão: «Inauguração da Casa do Barro». Disponível em: https://www.cm-fundao.pt/municipionews/inauguracao_casa_barro_telhado/.

Oferta cultural e turística em Torres Vedras. Disponível em website da Câmara Municipal de Torres Vedras: <http://www.cm-tvedras.pt/>.

«O projeto: apresentação e história» e exploração de conteúdos em website do projeto «Arquivo de Memória». Disponível em: <http://www.arquivodememoria.pt/projecto/pagina.aspx?id=1/>.

«Paróquia do Ramalhal», «Página Facebook». Disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/Paróquia-do-Ramalhal-511481922198002/>.

Pinna, Giovanni (2003), «Intangible heritage and museums», *ICOM News*, vol.56, 4, s.p. Disponível em: http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/ICOM_News/2003-4/ENG/p3_2003-4.pdf/.

«Quem somos» e exploração de conteúdos no website «MemoriaeMedia». Disponível em: <http://memoriamedia.net/>.

«Ramalhal mais Freguesia», Página «Facebook». Disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/Ramalhal-Mais-Freguesia-452551348176439/>.

«Ramalhal», Página «Facebook». Disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/Ramalhal-177342735611502/>.

Smithsonian Accessibility program (2011), *Guidelines for accessible exhibition design*, Washington: Smithsonian Accessibility program. Disponível em: <https://www.si.edu/Accessibility/SGAED/>.

UNESCO (1989), *Recomendação para a salvaguarda da cultura tradicional e popular*. Disponível em: http://cvc.instituto-camoes.pt/cpc2007/patrimonio/bloco2/recomendacao_%20sobre_a_salvaguarda_da_cultura_tradicional.pdf/.

UNESCO (2015), *Recommendation concerning the preservation of, and access to, documentary heritage including in digital form*. Disponível em: http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=49358&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html/.

UNESCO (2015), *Recommendation concerning the protection and promotion of museums and collections, their diversity and their role in society*. Disponível em: http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=49357&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html/.

UNESCO (2015), *Recommendation on adult learning and education*. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002325/232596e.pdf/>.

UNESCO, ACCU (org.) (2006), relatório da reunião *Expert meeting on community involvement in safeguarding intangible cultural heritage: towards the implementation of the 2003 convention*, Tóquio, Japão 13-15 Março. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00034-EN.pdf/>.

«Visitar o Museu» e «Programação» do «Museu da Luz». Disponível em: <http://www.museudaluz.org.pt/>.

Vlachou, Maria (2011), «Construindo uma família: lições do sector social», post no blogue «Musing on culture», publicado a 12 de Setembro de 2011. Disponível em: <http://musingonculture-pt.blogspot.pt/2011/09/construindo-uma-familia-lico-es-do.html/>.

Bibliografia

Adams, Marianna & Moussouri, Theano (2002), *The Interactive experience: linking research and practice*. Apresentado no âmbito da conferência Interactive learning in museums of art & Design: an internacional conference at Victoria and Albert Museum. Londres, 17-18 Maio 2002.

(2013), Actas do Colóquio *Políticas Públicas para o património cultural imaterial na Europa do Sul: percursos, concretizações, perspectivas*, Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.pt/static/data/patrimonio_imaterial/politicaspublicasparaopatrimoniomaterialnaeuropadosul_dgpc2013.pdf/.

Almeida, Vera (2012), *Espaços museológicos virtuais: a villa romana no Rabaçal, estudo de caso*, Dissertação de mestrado em Tecnologia Multimédia, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/12509>.

Andrade, Juliana Filipa Dias (2008), *O museu na era da comunicação online*, Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, Universidade do Minho. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/9524/>.

Azevedo, Carlos de e Adriano de Gusmão (1963), *Monumentos e edifícios notáveis do distrito de Lisboa: Torres Vedras, Lourinhã e Sobral de Monte Agraço*, Lisboa: Junta Distrital de Lisboa, p.33.

Brito, Joaquim (2009), «Sobre a voz e o lugar do museu» em Costa, Paulo Ferreira da (coord.) (2009), *Museus e património imaterial: agentes, fronteiras e identidades*, Lisboa: IMC, pp.355-370.

Burmistrov, Ivan (2015), *Touchscreen Kiosks in museums*, s.l: interUX.

Cabral, Clara Bertrand (2009), *Património Cultural Imaterial. Proposta de uma metodologia de inventário*, Dissertação de mestrado em Ciência Antropológicas na Universidade Técnica de Lisboa. Disponível em: https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/3034/14/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Patrim%C3%B3nio-Cultural-Imaterial.pdf/.

Caillois, Roger (1950), *O homem e o sagrado*, Lisboa: Edições 70.

Cameron, Fiona (2003), «The Next Generation: Knowledge Environments and Digital Collections», comunicação apresentada na conferência *Museums and the Web*, 19 a 22 de Março de 2003, Charlotte NC, s.p. Disponível em: <http://www.archivemuse.com/mw2003/papers/Cameron/Cameron.html/>.

Candau, Jöel (2005), *Antropologia da memória*, Lisboa: Instituto Piaget.

Cardoso, Maria Miguel (2016), «Centro de memória do Museu do Trabalho Michel Giacometti» em Carvalho, Ana (coord.) (2016), *Participação: partilhando a responsabilidade*, s.l.: Acesso Cultura, pp.95-102. Disponível em: <https://acessoculturapt.files.wordpress.com/2015/01/participacca7acc83o-partilhando-a-responsabilidade-web.pdf/>.

Carvalho, Ana (2011), *Os museus e o património cultural imaterial: estratégias para o Desenvolvimento de Boas práticas*, Lisboa: Colibri.

- Carvalho, Ana (coord.) (2016), *Participação: partilhando a responsabilidade*, s.l.: Acesso Cultura. Disponível em: <https://acessoculturapt.files.wordpress.com/2015/01/participacca7acc83o-partilhando-a-responsabilidade-web.pdf/>.
- Carvalho, Luiz Piva de (2008), «Festa e identidade social», em Chianca, Luciana (org.)(2009), *Anais do II colóquio Festas e Sociabilidades*, pp.145-158. Disponível em: <http://anaiscolouiofestas2.wordpress.com/nomedoarquivo.html/>.
- Chianca, Luciana (org.) (2008), *Anais do II colóquio Festas e Sociabilidades*, Disponível em: <http://anaiscolouiofestas2.wordpress.com/nomedoarquivo.html/>.
- Clough, G.Wayne (2013), *Best of both worlds: museums, libraries, and archives in a digital era*, Washington: Smithsonian Institution. Disponível em: <http://www.si.edu/content/gwc/BestofBothWorldsSmithsonian.pdf/>.
- Conn, Steven (2010), *Do Museums Still Need Objects*, Philadelphia: University of Pennsylvania.
- Connerton, Paul (1993), *Como as sociedades recordam*, Oeiras: Celta Editora.
- Cooper, Alan (1995), *About face: the essentials of user interface design*, Foster City: IDG Books Worldwide.
- Costa, Paulo Ferreira (Coord.) (2009), *Museus e património imaterial: agentes, fronteiras, identidades*, Lisboa: Instituto dos museus e da conservação. Disponível em: <http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/Recursos/RecursosUtilitariosListar.aspx?TipoUtilitario=4/>.
- Cunliffe, Daniel et al (2001), «Usability evaluation for museum web sites», *Museum Management and curatorship*, Great Britain: Elsevier Science Ltd, vol. 19, 3, pp.229-252.
- Custódio, Jorge (ed.) (2010), *100 anos de património: memória e identidade: Portugal 1910-2010*, Lisboa: Igespar.
- Dauvignaud, Jean (1973), *Fêtes et Civilisation*, Paris: Weber.
- Davis, Ben., Trant, Jennifer., van der Starre, Jan (1996), *Multimedia in museums*, The Hague: CIDOC Multimedia Working Group.
- Davis, Peter (2007), «Place exploration: museums, identity, community» em Watson, Sheila (ed.) (2007), *Museums and their communities*, New York: Routledge, pp.53-75
- Dosdoce.com (2013), *Museums in the digital age: Using new technologies before, during and after visiting a museum, cultural institution or art gallery*, Madrid: Dosdoce Digital Culture. Disponível em: http://www.dosdoce.com/upload/ficheros/noticias/201305/museums_in_the_digital_age__a_dosdoce_survey.pdf/.
- Duarte, Alice (2010), «O desafio de não ficarmos pela preservação do PCI» em Semedo, Alice e Nascimento, Elisa (coord.) (2010), *Actas do I seminário de Investigação em Museologia dos países de Língua Portuguesa e Espanhola*, Porto: Universidade do Porto, pp.41-61. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8034.pdf/>.
- Duarte, Alice (2013), «Nova museologia: os pontapés de saída de uma nova abordagem ainda inovadora», *Revista Museologia e Património*, vol. 6, 2, pp. 99-117. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/72755/>.
- Duarte, Aline (2008), *A preservação da identidade sociocultural por meio de praticas discursivo-religiosas em contextos rurais*. Dissertação de mestrado em Linguística na Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/6596/>.
- Durkheim, Émile (2002), *As formas elementares da vida religiosa*, Oeiras: Celta Editora, Edição original 1912.

- Economou, Maria & Heintani, Elpiniki (2011), «Promissing beginning? Evaluating museum mobile apps» , em Ciolfi, L., Scott, K., Barbieri, S. (eds) (2011), *Rethinking Technology in Museums 2011. Emerging experiences*, 26-27 Maio, Limerick, Ireland, University of Limerick, pp. 87-101.
- Economou, Maria (1998), «The evaluation of museum multimedia applications», *Museum Management and curatorship*, 17(2), pp.173-187.
- Economou, Maria (2015), «Heritage in the digital age» em Logan, William et al (2015), *A companion to heritage studies*, s.l:John Wiley & Sons, Inc. pp.216-228.
- Evers, Vanessa e Donald Day s.d, «The role of culture in Interface Acceptance», em S. Howard, J. Hammond and G. Lindegaard (Ed), *Human Computer Interaction, Interact'97*, London: Chapman and Hall. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.106.1291&rep=rep1&type=pdf>.
- Fain, W. Bradley (2009), *Kiosks: a study of accessibility issues and potencial design solutions for designers, procurement officials, and consumers*, Atlanta: Georgia Tech Research Institute.
- Faria, Margarida (2006), «Trajetórias sociais e representações de “património”» em Peralta, Elsa e Marta Anico (orgs.) (2006), *Patrimónios e Identidades: ficções contemporâneas*, Oeiras: Celta Editora pp.55-64.
- Ferreira, Luiz Felipe, (2003), «O lugar festivo - a festa como essência espaço-temporal do lugar», *Espaço e cultura*, 15, s.p.
- Folgado, Deolinda (2010), «Património inclusivo. Das expectativas ou desafios» em Custódio, Jorge (ed.) (2010), *100 anos de património: memória e identidade: Portugal 1910-2010*, Lisboa: Igespar .pp.323-335.
- Gomes, Joaquim (2009), *A freguesia do Ramalhal no Tempo*, Torres Vedras: Grafivedras.
- Gonçalves, Lígia (2012), *Avaliação e validação de instalações interactivas para museus*, Dissertação de mestrado em engenharia informática, Universidade da Madeira. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.13/461/>.
- Gonçalves, Ligia; Campos, Pedro; Sousa, Margarida (2012), «M-Dimensions: a framework for evaluating interactive installations in museums» em *Proceedings of the 2011 iConference*, New York: ACM.
- Gonçalves, V. M. B. (2002), *Desenvolvimento de Sistemas de Informação para a Web – Um Portal para as escolas do 1º ciclo e dos jardins-de-infância*. Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Porto. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10198/544/>.
- Green, Anna (2007), «The exhibition that speaks for itself», em Watson, Sheila (ed.) (2007), *Museums and their communities*, New York: Routledge, pp.409-417.
- Halbwachs, Maurice (1941), «The Legendary topography of the Gospels in the Holy Land» em Halbwachs, Maurice (1992), *On collective memory*, Chicago: The University of Chicago Press, pp.191-235.
- Halbwachs, Maurice (1992), *On collective memory*, Chicago: The University of Chicago Press.
- Heidegger, Martin (1977), *A origem da obra de arte*, Lisboa: Edições 70.
- Hobsbawn, Eric e Ranger, Terence (1984), *A invenção das tradições*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- José, Jorge (2003), «A matéria do património» em Ramos, Manuel João (coord.) 2003, «A matéria do património - memórias e identidades», *Antropológica avulsa*, 2, Edições Colibri DepANT-ISCTE, pp.11-16.
- Katre, Dinesh & Sarnaik, Mandar (2010), «Identifying the cognitive needs of visitors and content. Selection parameters for designing the interactive kiosk software for museums» em Katre Dinesh et al (ed.), *Human Work Interaction Design: usability in social, cultural and organizational contexts*, s.l.: Springer Berlin Heidelberg, pp.168-179.

- Katrib, Cairo (2006), «No (des)compasso da festa: o reencontro de muitas histórias», *Histórias e perspectivas, Uberlândia*, v.1, 34, pp.367-392. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19044/>.
- Kidd, Jenny; Ntala, Irida & Lyons, William (2011), «Multi-touch interfaces in museum spaces: reporting preliminary findings on the nature of interaction» em Ciolfi L., Scott K., Barbieri S. (Eds.)(2011), *Proceedings of the International Conference «Re-thinking Technology in Museums 2011: Emerging Experiences»*, 26-27 Maio 2011, Limerick: University of Limerick, pp.5-12.
- Krug, Steve (2006), *Don't make me think! A common sense approach to Web Usability*, New Riders: Berkeley.
- Leal, João (2009), «Percursos entre festas» em Costa, Paulo Ferreira da (coord.) (2009), *Museus e património imaterial: agentes, fronteiras e identidades*, Lisboa: IMC, pp.81-89.
- Leite, Pedro Pereira (2015), *Sobre Ecomuseus, ecomuseologia e museus comunitários*, Roteiro para o programa «Encontros com o Património da TSF» emitido a 28 de Novembro de 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/285397196_Ecomuseus_ecomuseologia_e_museus_comunitarios/. Emissão rádio disponível em: <http://www.tsf.pt/programa/encontros-com-o-patrimonio/emissao/ecomuseus-e-museus-comunitarios-4898954.html/>.
- Lopes João Teixeira (2000), *A cidade e a cultura*, Porto: Edições Afrontamento.
- Luebke, Chris e Josef Hargrave (2013), *Museums and the digital era*, London: ArupFRI. Disponível em: http://www.arteducators.org/research/2013_Arup_FRI_MuseumsintheDigitalAge_final_web.pdf/.
- Luz, Angélica Nobre da (2015), «Festas, religiosidade e memórias: experiência de moradores da comunidade da roça velha», *II Congresso Internacional de História UEPG-UNICENTRO, s.p.*
- Martins, Guilherme d'Oliveira (2010), «Património como valor humano» em Custódio, Jorge (ed.) (2010), *100 anos de património: memória e identidade: Portugal 1910-2010*, Lisboa: Igespar, pp.337-340.
- Matos, Venerando Aspra (2006), «Festa religiosa, festa republicana» em *Torres Vedras VII: História das festas*, Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras, pp.257-274.
- Mira, Graça Andrade (1996), «Património: contributo para uma identificação» em *Torres Vedras: Passado e presente*, Torres Vedras: Camara Municipal de Torres Vedras, vol.1, pp.440.
- Misztal, Barbara (2007), «Memory experience: the forms and functions of memory» em Watson, Sheila (ed.) (2007), *Museums and their communities*, New York: Routledge pp.379-391.
- Morales, Karen (2012), «Las memorias rebeldes: museu itinerante» em Sansone, Lígio, (org.) (2012), *A política do Intangível: museus e patrimónios*, Salvador: Edufba, pp.313-326.
- Moreira, Fernando (2008), *O turismo e os museus nas estratégias e nas práticas de desenvolvimento territorial*, Tese de doutoramento em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10437/86/>.
- Moutinho, Mário (1989) «Museus e sociedade: reflexões sobre a função social do museu», *Cadernos de património*, 5, Monte Redondo: Museu Etnológico Monte Redondo.
- Muchacho, Rute (2005), «O Museu Virtual: as novas tecnologias e a reinvenção do espaço museológico», em *Actas do III sopcom, VI Lusocom e II Ibérico*, vol 1, pp.579-583. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/muchacho-rute-museu-virtual-novas-tecnologias-reinvencao-espaco-museologico.pdf/>.

- Muchacho, Rute (2005), «Museus virtuais: A importância da usabilidade na mediação entre o público e o objecto museológico», em *Livro de actas 4º SOPCOM*, pp. 1541-1547. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/muchacho-rute-museus-virtuais-importancia-usabilidade-mediacao.pdf/>.
- Muchaco, Rute (2009), *Museu e novos media: a redefinição do espaço museológico*, Dissertação de mestrado em Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e tecnologias. Disponível em: http://www.museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/rute_muchacho.pdf/.
- Namer, Gérard (1987), *Mémoire et société*, Paris: Méridiens Klincksieck.
- Nascimento, Aires A. (2006), «A festa: entre exuberância e celebração» em *Turres Veteras VII: História das festas*, Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras, pp.9-22.
- NEMO (2013), *Annual Conference «Museums in the Digital Age, Museums and the Development of Active Citizenship*, Bucharest. Disponível em: http://www.nemo.org/fileadmin/Dateien/public/statements_and_news/NEMO_21st_Annual_Conference_Documentation.pdf/.
- Nielsen, Jakob (2012), *Usability 101: introduction to usability*. Disponível em: <https://www.nngroup.com/articles/usability-101-introduction-to-usability/>.
- Oliveira, Ernesto Veiga de (1984), *Festividades cíclicas em Portugal*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Oliveira, José (1995), *Concepção de sistemas quiosque multimédia*, Dissertação de mestrado em engenharia electrotécnica e de computadores, Faculdade de engenharia da universidade do Porto. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/11986/>.
- Oliveira, José (2007), «O museu na era do ciberespaço», *Ciberlegenda*, out/2007, pp.1-18. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/artigojoseclaudiofinal.pdf/>.
- Padrão, José (2012), *Desenvolvimento e exploração de um quiosque multimédia educativo para o Museu Militar de Bragança: estudo de caso de uma visita de estudo*, Dissertação de mestrado em TIC na educação e formação, Instituto politécnico de Bragança. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10198/7637/>.
- Passos, Mauro (Coord.) (2002), *A festa na vida: significado e imagens*, Petrópolis, RJ: Vozes .
- Peers e Brown (2003), *Museums and source communities*, London and New York: Routledge.
- Peralta, Elsa e Marta Anico (coord.) (2006), *Patrimónios e Identidades: ficções contemporâneas*, Oeiras: Celta Editora.
- Perez, Léa (2002), «Antropologia das efervescências colectivas» em Passos, Mauro (Coord.) (2002), *A festa na vida: significado e imagens*, Petrópolis, RJ: Vozes, pp.15-58.
- Perez, Léa (2009), «Do lazer à festa: em questão o solo epistémico da modernidade ocidental», *Licere*, Belo Horizonte, v.12, n.2, jun./2009.
- Pinheiro, Áurea e Cássia Moura (2016), «Paisagens da Ilha: património, Museus e Sustentabilidade» em Carvalho, Ana (coord.) (2016), *Participação: partilhando a responsabilidade*, Acesso Cultura. Disponível em: <https://accessoculturapt.files.wordpress.com/2015/01/participacca7acc83o-partilhando-a-responsabilidade-web.pdf/>.
- Pinto, José Madureira (1985), *Estruturas sociais e práticas simbólico-ideológicas nos campos*, Porto: Edições Afrontamento.
- Poirier, Jean (1995), *Histórias de vida: teoria e prática*, Oeiras: Celta Editora
- Poulot, Dominique (2012), «Introducing difficult past and narratives» em Poulot, Dominique, José *et al* (2012), *National Museums and the Negotiation of Difficult Pasts Conference Proceedings from EuNaMus, Identity*

- Politics, the Uses of the Past and the European Citizen*, Brussels 26-27 January. Disponível em: <http://www.ep.liu.se/ecp/082/001/ecp12082001.pdf/>.
- Preece, Jennifer, Yvonne Rogers e Helen Sharp (2002), *Interaction design: beyond human-computer interaction*, New Jersey: John Wiley Sons.
- Querol, Lorena Sancho (2010), «Do coração do museu: inventário e património imaterial em 11 museus portugueses», *Informação icom.pt*, serie II, 9 (Jun-Ago10), pp.2-10.
- Ramos, Manuel João (coord.) (2003) «A matéria do património – memórias e identidades», *Antropológica avulsa*, 2, Edições Colibri DepANT-ISCTE.
- Revista Observatório Itaú Cultural*: OIC, 14 (maio 2013), São Paulo: Itaú Cultural
- Rocchi, C et al (2007), «Adaptative multimedia guide» em Stock, O & Zancanaro, M. (ed), *PEACH - Intelligent interfaces for museum visits*, Berlin: Springer, pp.3-22.
- Russo, Susana Bilou (2008), *As bandas filarmónicas enquanto património: um estudo de caso no concelho de Évora*. Dissertação de mestrado pelo ISCTE. Lisboa: ISCTE. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/1155>.
- Sanchis, Pierre (1983), *Arraial: festa de um povo*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Sansone, Livio (2012), *A política do intangível: museus e patrimónios em nova perspectiva*, Salvador: Edufba.
- Santos, Sandra (2012), «Ciência e tecnologia: mensagem e meio na prática museológica», *Ensaios e Práticas em museologia*, Porto: Departamento de Ciências e Técnica do Património da FLUP, vol2, pp.233-251. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10526.pdf>.
- Santos, Luíza (2009), *Proposta de musealização de fornos de Carvão Vegetal, Torres Vedras*, Dissertação de mestrado, Lisboa: ISCTE. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/1792/>.
- Schwartz, Barry (1982), «The social context of commemoration: a study in collective memory», *Social Forces*, Vol. 61, 2. (Dec., 1982), pp. 374-402. Disponível em: <https://www.sfu.ca/cmns/courses/2012/487/1-Extra%20Readings/schwartz1982.pdf/>.
- Semedo, Alice (2010), «Práticas (i)materiais em museus», em Semedo, Alice e Nascimento, Elisa (coord.) (2010), *Actas do I seminário de Investigação em Museologia dos países de Língua Portuguesa e Espanhola*, Porto: Universidade do Porto, pp.62-80. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8034.pdf/>.
- Semedo, Alice e Nascimento, Elisa (coord.) (2010), *Actas do I seminário de Investigação em Museologia dos países de Língua Portuguesa e Espanhola*, Porto: Universidade do Porto. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8034.pdf/>.
- Silva, Augusto Santos (1993), «A paixão segundo São Torcado», *Sociologia - problemas e práticas*, 113, pp.9-17.
- Silva, Augusto Santos, (1994 [1991]), *Tempos cruzados: um estudo interpretativo da cultura popular*, Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, Nuno (2014), *As aplicações multimédia como ferramenta de apoio à divulgação cultural em espaços museológicos*, Dissertação de mestrado em Comunicação Multimédia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Lusíada de Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11067/1452/>.
- Simões, Alberto e José Almeida, (2003), «Histórias de vida + processamento estrutural = Museu da Pessoa» em Ramalho, José C. et al (ed.) (2003), *XATA 2003 : XML : aplicações e tecnologias associadas : actas*, 1, Braga, 2003, S.l. : s.n., . s.p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/629/>.
- Soares, Maria (2008), *Museus tradicionais e museus virtuais: os objectos e os modelos 3D numa relação paradigmática*, Dissertação em museologia pelo ISCTE. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/3066/>.

- Sousa, Filomena (2015), *Património Cultural Imaterial. Memóriamedia e-museu: métodos, técnicas e práticas*, Alenquer: Memória Imaterial CRL. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/15872/>.
- Souza, Ricardo Luiz de (2013), *Festas, procissões, romarias, milagres, aspectos do catolicismo popular*, Natal: IFRN.
- Tavares, José Mota, José Madruga Carvalho e Carlos Guardado da Silva (2012), *Medição do tempo em Torres Vedras*, Torres Vedras: município de Torres Vedras, p.122.
- Teixeira, Joaquim de Sousa (2010), «Festa e identidade», *Comunicação & Cultura*, 10 (Outono-Inverno 2010), Lisboa, pp. 17-33. Disponível em: <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/10485/>.
- Teixeira, Vítor (2011), *Improving elderly access to audiovisual and social media, using a multimodal human-computer interface*, Dissertação de mestrado em Engenharia de Telecomunicações e Informática, Departamento de Ciências e Tecnologias da Informação, Lisboa, ISCTE. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/8405/>.
- Tota, Anna Lisa (2000), *A sociologia da arte: do museu tradicional à arte multimédia*, Lisboa: Editorial Estampa.
- Valinho, Patrícia Teles e Ivan Franco (2005), «Tecnologia, interação e cultura: novos horizontes» em *Livro de actas – 4º Congresso SOPCOM*, pp.1625-1633. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/valinho-franco-tecnologia-interacao-cultura-novos-horizontes.pdf/>.
- Victor, Isabel (2010), «The Centre of Memories: work in progress. Case of the Michel Giacometti Labour Museum, Setúbal, Portugal», *Cadernos de Sociomuseologia*, América do Norte, 38, Oct. 2010, pp.199-216 Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/1653/1316/>.
- vom Lehn, D., & Heath, C. (2005). «Accounting for new technology in museum exhibitions», *International Journal of Arts Management*, 7(3), pp. 11 - 21.
- Watson, Sheila (2007), *Museums and their communities*, New York: Routledge

ANEXOS

Anexo A – Inquérito «Ramalhal Cultural»

Ramalhal Cultural

Este é um questionário exploratório que tem como objetivo refletir sobre a oferta cultural da freguesia do Ramalhal no âmbito de um projeto académico.

***Obrigatório**

Indique o lugar em que reside *: _____

Faixa etária *

<18 ___ ||| 18-25 ___ ||| 25-30 ___ ||| 30-40 ___ ||| 40-65 ___ ||| >65 ___ |||

Sexo *: feminino ___ masculino ___

Indique a sua ocupação *: _____

Oferta Cultural

Concorda com as seguintes afirmações *

	SIM	NÃO
A freguesia do Ramalhal sempre teve uma oferta cultural rica e abundante		
A freguesia do Ramalhal tem, atualmente, uma oferta cultural rica e abundante		
A freguesia do Ramalhal já teve uma oferta cultural rica e abundante		
Gostava que a freguesia do Ramalhal tivesse uma oferta cultural		
Estou satisfeito com a oferta cultural existente na freguesia.		
A freguesia do Ramalhal tem tradições culturais que merecem ser reavivadas e revalorizadas.		
Desloco-me a outras freguesias para participar em atividade culturais		

Caso considere que a freguesia tem tradições que merecem ser reavivadas e/ou revalorizadas, por favor, indique quais:

Comentários

Caso pretenda poderá deixar aqui a sua opinião sobre a situação cultural da freguesia passada, presente ou propostas futuras.

Hábitos Culturais

Indique se *

	SIM	RARAMENTE	NÃO
vai ao café			
vai à associação recreativa/casa do povo			
participa em atividades recreativas/culturais			
vai ao cinema			
vai a concertos			
vai a exposições/museus			
vai ao teatro			
vai a centros comerciais			
realiza passeios de lazer			
pertence a um clube desportivo			
pertence a um clube de âmbito artístico (teatro, dança, música, artes visuais/plásticas)			

Comentários

Poderá deixar aqui o seu testemunho e a sua opinião de uma forma geral sobre a prática de atividades culturais e de lazer.

O Ramalhal HOJE

Neste ponto procura-se compreender qual é a atual oferta cultural do lugar do Ramalhal

Casa do Povo

Como funciona? Quais são os serviços dos quais podemos usufruir? Dinamiza atividades? Se sim, que tipo de atividades?

Junta de Freguesia

No âmbito cultural e recreativo quais os serviços que são disponibilizados? Dinamiza atividades culturais tais como ateliers, workshops, aulas, passeios ou viagens a locais de interesse cultural (museus, sítios, teatro, concertos, etc)?

Igreja Paroquial do Ramalhal

Para além do serviço eclesial a paróquia dinamiza outras atividades tais como coros, teatros ou visitas/passeios?

Outros promotores de atividades

Que outras entidades promovem atividades de âmbito cultural no lugar do Ramalhal e que actividades são?

Museu Etnográfico Paroquial

Sobre o Museu Etnográfico Paroquial *

	SIM	NÃO
Conhece o Museu Etnográfico Paroquial?		
Já frequentou o Museu Etnográfico Paroquial?		
Gostaria que a freguesia tivesse um museu?		

Caso gostasse que existisse um museu na freguesia quais seriam as suas expectativas?

Estaria interessado em *

	SIM	NÃO
Visitar uma exposição sobre a Festa em honra de Nossa Senhora da Ajuda?		
Participar em exposições com as suas histórias e memórias?		
Colaborar na recolha de materiais pertinentes tais como fotografias e/ou testemunhos de outras pessoas?		
Participar no desenho de exposições?		
Colaborar na criação de arquivo etnográfico na freguesia?		

Se pretender pode deixar aqui o seu comentário ou opinião sobre a existência de um Museu na freguesia

Acha importante *

	SIM	NÃO
A preservação do património cultural imaterial		
Sensibilizar para a importância do património cultural imaterial		
Capacitar as comunidades para a preservação do seu património cultural imaterial		

Caso pretenda acompanhar a pesquisa e/ou se encontre disponível para colaborar em futuros desenvolvimentos poderá deixar aqui o seu e-mail. Se pretender colaborar e/ou obter mais informações sobre o trabalho em curso poderá entrar em contacto para o seguinte e-mail: anadias93@msn.com, assunto: Ramalhal Cultural.